



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – PPGB

Mestrado Profissional em Biblioteconomia – MPB

MARCELLY CHRISOSTIMO DE SOUZA SILVA

A LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: “noções” de leitura e seus impactos na  
relação do adolescente com o ato de ler

Rio de Janeiro, RJ

2018

MARCELLY CHRISOSTIMO DE SOUZA SILVA

**A LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: “noções” de leitura e seus impactos na  
relação do adolescente com o ato de ler**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Área de Concentração: Biblioteconomia e Sociedade

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior

Rio de Janeiro, RJ

2018

S586C      Silva, Marcellly Chrisostimo de Souza

A leitura na biblioteca escolar: “noções” de leitura e seus impactos na relação do adolescente com o ato de ler / Marcellly Chrisostimo de Souza Silva – 2018

142 f.; 30 cm.

Orientador: Alberto Calil Junior.

Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

1. Leitura. 2. Leitura literária. 3. Mediação de leitura. 4. Bibliotecas escolares. I. Título.

**Marcelly Chrisostimo de Souza Silva**

**A LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: “noções” de leitura e seus impactos na  
relação do adolescente com o ato de ler**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovado em \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior (Orientador) – Professor Orientador  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof. Dra. Elisa Campos Machado  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof. Dra. Marianna Zattar  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Prof. Dra. Patrícia Vargas Alencar  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof. Dra. Ana Lúgia Medeiros  
Casa de Rui Barbosa

Ao meu Abba, o melhor e mais cuidadoso Pai do mundo.

## AGRADECIMENTOS

À Deus pelo privilégio da vida, de sonhar e por conceder saúde para que eu pudesse buscar a realização desses sonhos.

Eu aprendi com o tempo que ninguém faz nada sozinho. Mesmo que precisemos nos esforçar, há uma série de pessoas que de alguma forma auxiliam ou influenciam quem somos e o que fazemos. Então, gosto de pensar que este trabalho não é só meu. Mas de todo um grupo de pessoas que de alguma forma contribuiu para eu ser quem eu sou e fazer o que faço. Esse trabalho é nosso. Obrigada!

Aos meus pais por sempre me apoiarem em todas as minhas decisões. Mesmo que elas significassem sair do ninho e ficar longe deles. E por sempre oferecerem um lugar de aconchego a cada vez que eu os visito.

À Filipe Zrriel, o homem da minha vida, por ser o melhor e mais compreensivo companheiro que uma mestranda poderia ter. Obrigada pelo incentivo, refeições preparadas, por apoiar todos os meus projetos e pela sensibilidade de perceber quando eu precisava ficar sozinha, descansar, me distrair ou só da sua companhia. Te amo!

Àquela que é uma das maiores responsáveis por essa pesquisa: Jaqueline Silva. Minha eterna treinadora. Líder que encoraja e impulsiona para que possamos ir ainda mais longe. Obrigada por acreditar em mim e no meu potencial antes mesmo de mim. E também por ter oferecido as ferramentas necessárias para que eu me descobrisse como bibliotecária escolar. Essa é uma das maiores realizações da minha vida profissional e acadêmica e você contribuiu muito para isso. Seja com seus conselhos, *coaching*, momentos de descontração, cobranças sobre a produção, e cada risada ao longo desses seis anos. É uma grande honra ser sua pupila.

Aos amigos que me ouviram falar sobre a minha pesquisa mais de um milhão de vezes. E mesmo quando não entendiam nada, fingiam que entendiam só para não cortar minha linha de raciocínio e me ajudar a desembaraçar meus pensamentos. Obrigada pelos momentos de descontração. A vida é mais leve quando temos pessoas para compartilhar!

E por falar em amigos, um agradecimento especial para a nossa terapia de grupo (grupo de *whatsapp*): aos alunos de minha turma de mestrado. Queridos, quantas

gargalhadas, dúvidas sanadas, dificuldades, desabafos e momentos de procrastinação compartilhamos ao longo destes dois anos. Vocês fizeram a diferença. Somos mesmo uma “Turma nota 10!”.

Ao melhor orientador do mundo: Alberto Calil! Sem a imensa paciência, compreensão, conhecimento e bagagem que você tem, eu jamais teria chegado até o final dessa pesquisa. Obrigada por saber a medida exata para me estimular. Obrigada pelas conversas, aulas, reuniões, incansáveis contribuições, sugestões e chocolates compartilhados. Que sorte a minha! Você é um pesquisador, professor e ser humano incrível!

À Geni Chaves por sempre se colocar à disposição para ajudar em quaisquer dificuldades. Obrigada por emprestar seus ouvidos e sempre se esforçar para auxiliar seus alunos. O PPGB e a UNIRIO têm sorte de ter você.

À banca examinadora que aceitou avaliar e contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa. Da qualificação às sugestões de leitura, emails trocados. Vocês realmente fazem ciência. Obrigada.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa pesquisa, incluindo Eliana Yunes, Aldo Lima, entre outros. A generosidade e gentileza de vocês ao compartilhar seu conhecimento com jovens pesquisadores é o que mantém a ciência viva. A todas as Instituições estudadas, profissionais entrevistados e aos alunos gentis que aceitaram responder ao questionário em seus horários livres.

## RESUMO

Reflete acerca da leitura para além do viés técnico e de decodificação de signos, e a considera como direito, instrumento de transformação e fonte de prazer. Investiga o perfil leitor dos alunos pertencentes às bibliotecas de uma dada escola internacional localizada no Rio de Janeiro. Apresenta como objetivo principal propor ações de mediação de leitura adaptáveis e aplicáveis a bibliotecas escolares a partir de atividades já praticadas e/ou desenvolvidas em bibliotecas de escolas internacionais que auxiliam no fomento à leitura por prazer e no processo de formação de leitores. Descreve-se como um estudo quantitativo e qualitativo, contando com levantamento bibliográfico acerca das palavras-chave leitura, mediação de leitura, nativos digitais e biblioteca escolar de toda produção acadêmica dos programas de Pós Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Apresenta ainda entrevistas às bibliotecárias responsáveis pelas instituições estudadas e aplicação de questionários aos alunos destas instituições. A metodologia utilizada para a elaboração do questionário baseia-se a partir de uma adaptação da metodologia comum para examinar e medir o comportamento leitor do Centro de Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC/UNESCO). Os resultados coletados foram analisados e compõem esta pesquisa além de terem sido norteadores para a elaboração das atividades de mediação de leitura. Dentre eles, destaca-se o de que os alunos das instituições possuem perfil leitor independente de que tipo de obra leem e de não se identificarem com perceberem como tais.

Palavras-chave: Leitura. Leitura literária. Mediação de leitura. Perfil leitor. Bibliotecas escolares.



## **ABSTRACT**

This paper reflects on reading beyond technical bias and decoding of signs, and considers it as a right, an instrument of transformation and pleasure. It investigates the reader profile of the students belonging to the libraries of a given international school located in Rio de Janeiro. Its main objective is to propose reading mediation actions applicable to school libraries which may be adopted and modified from the activities already practiced and/or developed in the international school libraries. These activities assist in the promotion of reading for pleasure and in the process of the reader's formation. It is described as a quantitative and qualitative study, counting on a bibliographical survey about the keywords reading, reading mediation, digital natives and school library of all academic production of the Graduate Programs in Library and Information Sciences. It also presents interviews with the responsible librarians and the application of questionnaires to the students of these institutions. The methodology used to prepare the questionnaire is based on an adaptation of the common methodology to examine and measure reader behavior of The Regional Center for the Promotion of Books in Latin America and Caribbean (CERLALC / UNESCO). The collected results were analyzed and compose this research besides promoting guidance to the elaboration of the reading mediation activities. Among them, it should be noted that the students of the institutions have an independent reader profile of what kind of work they read and of not identifying themselves with perceiving them as such.

Key words: Reading. Literary reading. Reading mediation. Reader profile. School libraries.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b>	–	Definições de leitura a partir dos autores pesquisados .....	21
<b>Quadro 2</b>	–	Ações metodológicas em relação aos objetivos específicos .....	37
<b>Quadro 3</b>	–	Resumo para estruturação de questões do roteiro de entrevista ..	39
<b>Quadro 4</b>	–	Categorias e classificação por cores do questionário adaptado ....	43
<b>Figura 5</b>	–	Mesas de estudo e coleção de não ficção: Biblioteca Azul .....	51
<b>Figura 6</b>	–	Expositor de jornais e revistas: Biblioteca Azul .....	52
<b>Figura 7</b>	–	Coleção de livros de ficção: Biblioteca Azul .....	53
<b>Figura 8</b>	–	Balcão de referência da Biblioteca Amarela .....	54
<b>Figura 9</b>	–	Visão geral da Biblioteca Amarela .....	55
<b>Figura 10</b>	–	Coleção de livros de ficção: Biblioteca Amarela .....	56
<b>Gráfico 11</b>	–	Gênero .....	62
<b>Gráfico 12</b>	–	Faixa etária .....	62
<b>Gráfico 13</b>	–	Dispositivo tecnológico .....	63
<b>Gráfico 14</b>	–	Grau de compreensão textual .....	65
<b>Gráfico 15</b>	–	Quantidade de leituras em comparação ao ano anterior .....	66
<b>Gráfico 16</b>	–	Leitura por prazer x Leitura por necessidade.....	66
<b>Gráfico 17</b>	–	Propósitos da leitura .....	67
<b>Gráfico 18</b>	–	Índice de leitura se comparada a outrem .....	68
<b>Gráfico 19</b>	–	Idioma de leitura .....	69
<b>Gráfico 20</b>	–	Idioma de preferência de leitura .....	70
<b>Gráfico 21</b>	–	Atividades que competem com a leitura .....	71
<b>Gráfico 22</b>	–	Motivações de leitura e frequência: Biblioteca Amarela .....	72

<b>Gráfico 23</b>	–	Motivações de leitura e frequência: Biblioteca Azul .....	72
<b>Gráfico 24</b>	–	Locais de preferência de leitura: Biblioteca Amarela .....	73
<b>Gráfico 25</b>	–	Locais de preferência de leitura: Biblioteca Azul .....	73
<b>Gráfico 26</b>	–	Limitações e dificuldades para ler .....	75
<b>Gráfico 27</b>	–	Razões para não ler ou não ler com mais frequência .....	75
<b>Gráfico 28</b>	–	Mediadores de leitura na infância: Biblioteca Amarela .....	77
<b>Gráfico 29</b>	–	Mediadores de leitura na infância: Biblioteca Azul .....	77
<b>Gráfico 30</b>	–	Pessoas influenciadoras na iniciação à leitura: ambas as bibliotecas .....	78
<b>Gráfico 31</b>	–	Atividades paralelas à leitura :ambas as bibliotecas	79
<b>Gráfico 32</b>	–	Atividades participativas na Internet vinculadas à leitura: ambas bibliotecas .....	80
<b>Gráfico 33</b>	–	Frequência de leitura de livros impressos .....	82
<b>Gráfico 34</b>	–	Leitura de livros impressos x digitais: ambas as bibliotecas .....	83
<b>Gráfico 35</b>	–	Motivações para escolha de livro: ambas as bibliotecas .....	84
<b>Gráfico 36</b>	–	Origem dos livros lidos: ambas as bibliotecas .....	85
<b>Gráfico 37</b>	–	Práticas leitoras: ambas as bibliotecas .....	85
<b>Gráfico 38</b>	–	Principais razões para conexão à Internet: ambas as bibliotecas .	86
<b>Gráfico 39</b>	–	Motivos para uso da biblioteca: ambas as bibliotecas .....	87
<b>Gráfico 40</b>	–	Frequência de visitas à biblioteca da escola .....	88
<b>Gráfico 41</b>	–	Razões para não utilizar a biblioteca com mais frequência .....	89
<b>Gráfico 42</b>	–	Relação de leitor com o gênero literário .....	91
<b>Gráfico 43</b>	–	Condições para ser considerado leitor: ambas as bibliotecas .....	92
<b>Gráfico 44</b>	–	Motivações para interesse por um livro .....	92
<b>Figura 45</b>	–	Mural: regras da Biblioteca Azul .....	101

<b>Figura 46 –</b>	Mural improvisado: regras Biblioteca Amarela .....	102
<b>Figura 47 –</b>	Mural improvisado: boas vindas e normas Biblioteca Amarela .....	103
<b>Figura 48 –</b>	Cartas de adaptação do jogo <i>Pictionary</i> .....	107
<b>Figura 49 –</b>	Cartas desenvolvidas para o jogo <i>Que livro é esse?</i> .....	109
<b>Figura 50 –</b>	Carta desenvolvida para o jogo <i>Que personagem é esse?</i> .....	110
<b>Figura 51 –</b>	Anúncio de compra de livro <i>Blind Date: Elizabeth's Bookshop</i> .....	113
<b>Figura 52 –</b>	Expositor de <i>Blind Date with a Book</i> .....	114

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1	OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO .....	16
1.2	JUSTIFICATIVA .....	16
2	<b>LEITURA</b> .....	18
2.1	MEDIAÇÃO DE LEITURA .....	23
3	<b>BIBLIOTECA ESCOLAR</b> .....	28
3.1	NATIVOS DIGITAIS .....	30
4	<b>METODOLOGIA</b> .....	33
4.1	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....	34
4.2	OBJETIVOS E AÇÕES .....	36
4.3	COLETA DE DADOS .....	38
4.4	CENTRO REGIONAL PARA O FOMENTO DO LIVRO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE: CERLALC/UNESCO .....	41
4.4.1	CERLALC/UNESCO: QUESTIONÁRIOS .....	42
5	<b>AS ESCOLAS INTERNACIONAIS</b> .....	45
5.1	ESCOLA A .....	46
5.2	ESCOLA B .....	47
5.3	ESCOLA C .....	48
5.4	ESCOLA D .....	48
6	<b>CAMPO EMPÍRICO: AS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA ESCOLA INTERNACIONAL A</b> .....	50
6.1	BIBLIOTECA AZUL .....	50
6.2	BIBLIOTECA AMARELA .....	54
7	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS COLETADOS</b> .....	57
7.1	ENTREVISTAS .....	57
7.2	QUESTIONÁRIOS .....	61
7.2.1	<b>Caracterização do entrevistado</b> .....	61
7.2.2	<b>Perfil leitor</b> .....	64
7.2.2.1	Auto percepção .....	64
7.2.2.2	Hábitos leitores, motivos e dificuldades .....	71

7.2.2.3	Leitura durante a infância e práticas com criança .....	76
7.2.2.4	Cenários transmidiáticos .....	79
7.2.3	<b>Perfil do leitor de livros</b> .....	81
7.2.4	<b>Uso de bibliotecas</b> .....	87
7.2.5	<b>Atividades de mediação</b> .....	89
8	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	95
9	<b>PROPOSTAS DE AÇÕES DE MEDIAÇÃO DE LEITURA</b> .....	100
9.1	ESPAÇO FÍSICO .....	100
9.2	JOGOS E LEITURA .....	103
9.2.1	<b>Caça à informação</b> .....	103
9.2.2	<i>Pictionary</i> .....	106
9.2.3	<b>Qual é o livro?</b> .....	108
9.2.4	<b>Jogos de Tabuleiro literários</b> .....	110
9.3	<i>Dress Up Day</i> .....	110
9.4	<b>Clubes De Leitura</b> .....	112
9.5	<b>Encontro às cegas</b> .....	112
	REFERÊNCIAS .....	115
	APÊNDICES .....	122

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura está e se faz presente de diferentes formas e aspectos na rotina de nossa sociedade. O surgimento de novos suportes e dispositivos, trouxeram consigo, algumas modificações e alterações na relação entre a leitura, seu suporte, conteúdo, continente e leitor. Sabe-se da importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando o protagonismo da escola e a necessidade das bibliotecas escolares nesse processo.

As bibliotecas escolares têm importante função no desempenhar do processo educativo, na garantia de acesso aos bens culturais, e desenvolvimento do letramento e competências de leitura e escrita para o uso da informação. Para desenvolver estas funções com eficácia, é necessário que a missão e os objetivos educacionais estejam incorporados e em consonância com o currículo da escola de que faz parte. Além disso, a biblioteca escolar objetiva incentivar, desenvolver e cuidar do interesse pela leitura, oferecer apoio no acesso as fontes de informação, independente do suporte. É necessário adequar as fontes e recursos disponíveis e ações da biblioteca às necessidades de cada usuário/aluno, garantindo o acesso de todos a todas as fontes e oportunidades possíveis. A biblioteca escolar deve trabalhar em função da promoção da leitura, seus serviços e recursos para a comunidade de usuários reais e potenciais. (MANIFESTO, 2002).

Nesse contexto, as bibliotecas escolares representam um importante papel na mediação dessas relações, principalmente quando nos referimos à leitura literária. Para conceituar leitura literária, utilizaremos a definição a seguir:

A leitura literária consiste na leitura de textos literários, ou seja, de livros e textos dos seguintes gêneros narrativos: romance, histórias em quadrinhos, contos, crônicas e poesias. À parte sua estrutura literária e discursiva, ela se apresenta como uma aproximação do outro e do mundo exterior através de suas histórias, proporcionando um desenvolvimento equilibrado do intelecto e das emoções. (ALENCAR; ORNELLAS, 2015, p. 4).

A partir dessa perspectiva, as bibliotecas escolares, mais uma vez, aparecem como importantes mediadores no processo de descoberta da leitura literária, a leitura

por prazer. Porém, mesmo quando se trata de leitura ficcional e por prazer, o que é considerado de fato leitura não apresenta unanimidade.

Nos estudos apresentados por Oliveira e Campello (2016), em artigo de revisão de literatura, é possível observar que as pesquisas e trabalhos publicados na área de Biblioteconomia que abordam este assunto estão, em sua maioria, concentrados nos anos iniciais da vida escolar. Muito se fala em leitura e sua importância no processo de alfabetização e de formação de leitores de crianças, porém, não há um acompanhamento consistente da vida literária desse aluno.

O que é leitura? Quem a define? Por que alguns gêneros literários são considerados uma leitura “adequada” e outros não? É comum ouvirmos bibliotecários escolares afirmarem que adolescentes não lêem (LYRIO, 2012). Porém, o gênero conhecido como *Young Adults* ou Jovens Adultos não para de crescer no Brasil. Bienais do livro cheias de adolescentes e booktubers e blogs literários fazem muito sucesso entre os jovens. (OLIVEIRA, 2016; BOECKEL, 2015). Tais como as feiras de *games*, de animes, feiras de *cosplay*<sup>1</sup> e outros eventos que divulgam personagens e outros símbolos da cultura pop, como por exemplo o *Comic Con Experience*, o maior evento do segmento do mundo. (COMIC CON EXPERIENCE, 2018). Nesses eventos, é possível encontrar uma legião de fãs de histórias em quadrinhos, filmes de super heróis, o universo *gamer* entre outros. São oportunidades para que os leitores e expectadores vivenciem as realidades que consomem, como num convite para adentrar um novo universo.

Nesta perspectiva, lembramos de Paulo Freire em sua afirmação de que , “a leitura do mundo precede a leitura da palavra.” (FREIRE, 1993, p. 11). Isto é, a leitura acontece em muitos e diferentes momentos, não ficando restrita somente ao livro impresso, nem ao artefato livro, traduzindo-se em um processo que engloba toda a vida e percepções do leitor.

---

<sup>1</sup> Originada da língua inglesa, a palavra *cosplay*, forma-se a partir da junção de *costume* (fantasia) e *roleplay* (interpretação). Resumidamente, caracteriza-se pelo ato de reproduzir personagens da cultura pop em seus mínimos detalhes, imitando sua aparência, modo de vestir, modo de falar, andar e etc. (GERMANO, 2015).



## 1.1 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O presente projeto intenciona realizar uma reflexão, a partir de uma análise das definições de leitura. O objetivo geral desta pesquisa é propor ações de mediação de leitura adaptáveis e aplicáveis a bibliotecas escolares, a partir de práticas realizadas em bibliotecas de escolas internacionais.

Para atingir o objetivo geral mencionado acima, foram delineados alguns objetivos específicos, tais como:

- identificar a noção de leitura presente na literatura do campo infocomunicacional;
- traçar o perfil leitor dos alunos da instituição estudada;
- mapear as atividades de mediação de leitura realizadas na biblioteca escolar internacional (de língua inglesa) da escola selecionada.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A ideia da pesquisa surgiu a partir de observações realizadas em minha rotina de trabalho em uma biblioteca escolar internacional. Ao longo dos anos, foi possível identificar no discurso de docentes, um visível desapontamento quanto às escolhas de gêneros literários de seus alunos adolescentes nos momentos em que alguma atividade literária era proposta ou mesmo quanto às suas escolhas de leitura para tempo livre. Em contrapartida, era possível identificar também alunos que não se consideram leitores por não se interessarem pelos títulos conhecidos como clássicos, mas que eram, porém, leitores de livros de ficção contemporânea, gibis, revistas, dentre outros títulos.

Ao realizar algumas atividades de mediação de leitura voltadas para esse público adolescente, foi possível perceber que ao adotar abordagem diferente no incentivo à leitura, se fazia mais eficaz do que a imposição de títulos. Títulos estes que por apresentarem uma linguagem mais rebuscada, faziam com que os alunos acreditassem que não gostavam de ler ou que não eram leitores.

Onde está o desencontro? Os professores e bibliotecários, de uma maneira geral, acreditam que os alunos não leem. Os alunos, por sua vez, não acreditam que a leitura que fazem seja considerada leitura. Mas, quem define o que é leitura? Por que a leitura de um título clássico pode ser considerada plausível e a de um título contemporâneo irrelevante?

Esclarecidas estas divergências entre conceitos, talvez, seja possível encontrar um novo caminho e uma nova estratégia para alinhar a linguagem e traçar **estratégias** que sejam eficazes no que tange ao incentivo e mediação de leitura literária para adolescentes nas bibliotecas escolares.

## 2 LEITURA

Há uma dificuldade em encontrar uma única noção que defina o que é leitura. A partir das leituras realizadas para esta pesquisa, é possível identificar dois grupos, ou por assim dizer, formas de se ver a leitura: uma técnica e uma perspectiva contextualizada.

No âmbito da Biblioteconomia, Cunha e Cavalcanti (2008, p. 222) corroboram com essa perspectiva tecnicista e definem a leitura como “Ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; ato de ler.” Porém, para nos apropriarmos do objeto de estudo, faz-se necessário ir além dos significados e definições técnicas. O que é, de fato, leitura?

Apesar de ser um tema já pesquisado, há uma dificuldade em encontrar definições claras e objetivas. Os autores e pesquisadores tendem a falar sobre leitura e sobre temáticas relacionadas a este tópico, mas sem definir, como se o conceito de leitura, tipos de leitura, leitura literária, etc., estivessem protegidos sob uma forte capa do senso comum. Ou mesmo como se o significado de leitura fosse sabido por todos, e por isso, não fosse necessário investir tempo para trazer definições e discutir teorias.

Talvez, esta dificuldade em encontrar definições seja uma das principais motivações para a realização desta pesquisa. A subjetividade do que é considerado óbvio, bom, e necessário se traduzem em dificuldades para um consenso a respeito do conceito de leitura. E involuntariamente, a observação da prática, nos faz refletir sobre a formação teórica.

Para entender o ato de ler e a leitura de uma forma abrangente, é necessário analisar inicialmente a percepção, identificação e memorização dos signos antes mesmo de analisar o conteúdo do que é lido. Ou seja, apresentar a perspectiva contextualizada. E a leitura não se resume a um ato de recepção passiva, sendo caracterizada pela dependência entre o texto e o leitor, ressaltando a necessidade da participação do destinatário ainda na fase da constituição da obra. (JOUVE, 2002, p. 17; p. 61).

Segundo Freire (1988 apud BRUM et. al, 2014, p. 1) “[...] ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir

no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é, antes de tudo, uma interpretação do mundo em que se vive. Ler, dentro desta perspectiva, é também libertar-se.”. Ainda sob a mesma perspectiva de Freire, Manguel (2004) defende que o leitor é o responsável por atribuir a característica chamada por ele de legibilidade a um objeto, lugar ou mesmo acontecimento. O autor defende a necessidade de atribuição de significado e posterior deciframento pelo próprio leitor. É necessário que o mesmo se reconheça no que está sendo lido. “Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.” (MANGUEL, 2004).

Chartier discursa sobre a multiplicidade que o ato de ler carrega: “[...] o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes. ” (CHARTIER, 2003, p. 173).

É preciso pensar a respeito da aquisição cultural relacionada à capacidade de ler, pois esta pode ser influenciada pelo contexto social onde o leitor se desenvolve, e por isso, configurar-se num processo contínuo (NINA, 2008, p. 24). A identificação com as personagens e o papel das emoções no ato da leitura é crucial para fomentar o interesse do leitor a determinada história. Dissociar a identificação do leitor e seu emocional à leitura se aproxima de algo condenado ao fracasso. (JOUVE, 2002, p. 20).

A literatura sob uma perspectiva ampla foi definida por Antônio Cândido como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (CANDIDO, 2012, p. 23). O autor defende que a literatura, o direito à leitura, deve ser considerado um direito universal, uma vez que configura-se como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.

Pètit (2008, p. 43) afirma que através da leitura, é possível permitir que cada pessoa experimente um sentimento de pertencimento. A leitura como canal de abertura para o outro, para além das discussões pós leitura, pela identificação que é possível realizar e a troca vislumbrada, transformando a relação com o próximo, introduzindo a si

mesmo de forma diferente no mundo e gerando transformação.

Martins discursa sobre a inevitável superioridade com que os letrados se apropriam do conhecimento em relação aos que estão em processo de aprendizagem:

Daí o hábito de ler livros ser especialmente mistificado; considerarem-se os letrados os únicos capazes, seja de criar e compreender a linguagem artística, seja de ditar leis, estabelecer normas e valores sociais e culturais. Isso de fato determina prerrogativas difíceis de se abrir mão, pois são diferenciadoras, indícios de que se pertence a uma elite. Cabendo a essa minoria o “direito” de dar sentido ao mundo, enquanto aos demais resta a submissão aos ditames dos que “sabem das coisas”. E quando o intelectual se debruça sobre o iletrado para auxiliá-lo a aprender, inevitavelmente emerge o paternalismo. (MARTINS, 2006, p. 24).

No âmbito escolar, a escolha dos títulos para leitura com e para os alunos pode influenciar nas práticas de leitura. É possível identificar a desarmonia da literatura com os jovens como um sintoma de desencontro iniciado com os próprios professores, bibliotecários e suas leituras. A falta de leitura, de escrita não seriam uma realidade apenas estudantil, mas comum aos profissionais também. O visível tédio apresentado pelos alunos em discussões e explicações literárias de títulos clássicos é incômodo, porque antes de tudo, sinaliza nossos impasses e faltas. Porém, sinalizar é o caminho para a superação. (LAJOLO, 1997, p. 16).

O conceito do que é leitura, por muitas vezes, perpassa sobre a validação do que é considerado uma boa leitura. YUNES (2002, p. 16) defende que “[...] ler é um ato homólogo ao de pensar, só que com uma exigência de maior complexidade, de forma crítica e desautomatizada.” O juízo de valor é algo extremamente subjetivo e se não amparado em claros argumentos, corre o risco de cair no campo das preferências pessoais e que não necessariamente atentam para peculiaridades e características próprias de cada geração e faixa etária.

Vejamos o que ocorre com frequência nas escolas e dificulta a aprendizagem da leitura. Em geral a criança lê o mundo com muita espontaneidade e com a confiança de sua experiência, mas quando atravessa a porta da sala de aula tem o sentimento de que já não entende nada, porque o mundo agora é prisioneiro de outra linguagem,

cifrada, sem sua participação e seu consentimento. (YUNES, 2003, p. 42).

É preciso refletir acerca da interferência exercida pelo bibliotecário no processo de leitura. Para propiciar um ambiente em que os alunos se sintam livres para buscar identificação e apropriação de suas leituras, faz-se necessário que o mediador tenha consciência de sua importância e poder de influência na formação de leitores e na relação do aluno com a história ou livro mediado.

A partir das definições de leitura encontradas na pesquisa, elaboramos o quadro abaixo, onde é possível visualizar com mais clareza as definições apresentadas por cada um dos autores citados.

**Quadro 1 – Definições de leitura a partir dos autores pesquisados**

<b>Autor</b>	<b>Conceitos de leitura</b>
Eliana Yunes (2002)	“Ler é um ato homólogo ao de pensar, só que com uma exigência de maior complexidade, de forma crítica e desautomatizada.” (YUNES, 2002, p. 16).  “[...] há que considerar o <i>contexto</i> de sua produção; se há ouvidos diferentes em cada homem, há que pensar nos <i>efeitos</i> que o dizer/grafar tem sobre os sujeitos, isto é, como se dá a <i>recepção</i> por parte do ouvinte/leitor.” (YUNES, 2002, p. 20).
CERLALC/ UNESCO (2014)	“[...] práticas sociais que permitem às pessoas “habitarem” as dimensões simbólicas da leitura e da escrita. Aquele que pratica é o leitor, o que pratica é ler, que ocorre dentro da dimensão da leitura. As pessoas podem ler e escrever sob perspectivas produtivas ou reprodutivas, transformadoras ou sustentadoras de uma certa ordem de coisas.”
Cunha e Cavalcanti (2008)	“Ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; ato de ler.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 222).
Jouve (2002)	“Mais do que um ato de recepção passiva, sendo necessária a participação do destinatário na fase de constituição da obra.” (JOUVE, 2002, p. 61).
Nina (2008)	“Processo contínuo influenciado pelo contexto social em que o leitor se encontra.” (NINA, 2008, p. 24).
Manguel (2004)	O leitor atribui a legibilidade ao objeto, lugar ou mesmo acontecimento. O leitor atribui significado e os decifra, reconhecendo-se no que é lido e refletindo-se na leitura, buscando compreender o mundo que os cerca. (MANGUEL, 2004).

Lajolo (1997)	“Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se <i>ler livros</i> geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos – independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.” (LAJOLO, 1997, p. 7).
Freire (1993)	“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.” (FREIRE, 1993, p. 11).
Foucambert (1994)	”[...] significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo [...]” (FOUCAMBERT, 1994, p. 5)  “[...] significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. (FOUCAMBERT, 1994, p. 5)
Chartier (2003)	A leitura a partir de contextualização quanto à época, ambiente.

Fonte: A autora, 2017.

É possível dialogar com alguns autores que defendem a leitura como algo que vai além da decodificação de signos linguísticos, mas, como uma atividade de conhecimento, contextualização e autoconhecimento.

Precisamos abordar a importância da leitura como instrumento para aprendizado e conhecimento, porém, sem limitar a leitura somente a isso. A leitura pode também ser fonte de prazer e instrumento de independência.

Para a criança, que, enquanto não lê, depende exclusivamente da voz adulta que decodifica o mundo ao seu redor para ela, também a aprendizagem da leitura repercute como possibilidade de emancipação. Os bens culturais, que privilegiam a transmissão escrita, tornam-se acessíveis para ela. (ZILBERMANN, 1985, p. 16).

Para o Centro Regional para o Fomento do livro na América Latina e Caribe (CERLALC/UNESCO), ler e escrever podem ser definidos como:

[...] práticas sociais que permitem às pessoas “habitarem” as dimensões simbólicas da leitura e da escrita. Aquele que pratica é o leitor, o que pratica é ler, que ocorre dentro da dimensão da leitura. As pessoas

podem ler e escrever sob perspectivas produtivas ou reprodutivas, transformadoras ou sustentadoras de uma certa ordem de coisas (CERLALC, 2014, p. 21).

Já no que concerne à leitura literária, isto é, a leitura de títulos de ficção, foram recuperadas poucas fontes que tratam especificamente sobre o tema. A partir das fontes recuperadas, pode-se definir a leitura literária como “[...] leitura de textos literários, ou seja, de livros e textos dos seguintes gêneros narrativos: romance, histórias em quadrinhos, contos, crônicas e poesias.” (ALENCAR; ORNELLAS, 2015).

Jouve acredita que o texto literário está ligado às emoções: “Enquanto realidade verbal, o texto literário é um objeto semiótico que tem um sentido e pede para ser interpretado. [...] Enquanto obra de arte, o texto literário requer uma atenção de ordem estética: pede para ser avaliado do ponto de vista de suas qualidades formais, **do prazer que fornece e das emoções que suscita.**” (JOUVE, 2010, p. 214, grifo nosso).

Sendo assim, consideraremos para este trabalho como leitura literária toda e qualquer leitura de ficção, independente do suporte ou gênero, que possibilite a interação, troca entre o leitor e o que é lido, gerando emoções, tais como prazer, aversão, encantamento, excitação, raiva, deslumbramento, ansiedade, euforia, medo, etc. e possibilitando a apropriação do leitor sobre o que se é lido.

É preciso inserir no contexto dessa pesquisa, o caminho percorrido pela leitura até que chegue aos estudantes nas bibliotecas escolares. A abordagem utilizada pelos mediadores de leitura pode ser um dos principais elementos mobilizadores da atração ou distanciamento de alunos com o mundo leitor. Porém, o que é mediação de leitura?

## 2.1 MEDIAÇÃO DE LEITURA

A ideia de leitura definida como uma via de mão única, onde há um emissor que transmite uma mensagem para um receptor (passivo), através de um canal, é contraposta pela visão de via de mão dupla descrita por Bortolin (2001). A autora caracteriza a leitura como um processo dinâmico, onde há a necessidade de diálogo constante entre o leitor, o texto e seu autor, e que possibilite concordâncias ou não, aproximação ou não, reverência e até mesmo aversão. (BORTOLIN, 2001, p. 22).



O objetivo da leitura seria então prezar pela liberdade entre o leitor e o que o texto é capaz de provocar nele. Porém, como a leitura chega ao aluno em idade escolar? Com exceção de alguns exemplos autodidatas e independentes, é preciso que a mediação de leitura entre em cena. Tébar define mediação como:

[...] um fator humanizador de transmissão cultural. O homem tem como fonte de mudança a cultura e os meios de informação. O mediador se interpõe entre os estímulos ou a informação exterior para interpretá-los e avalia-los. Assim, o estímulo muda de significado, adquire um valor concreto e cria no indivíduo atitudes críticas e flexíveis. A explicação do mediador amplia o campo de compreensão de um dado ou de uma experiência, gera disposições novas no organismo e produz uma constante retroalimentação informativa (*feedback*). Trata-se de iluminar a partir de diferentes pontos um mesmo objeto do nosso olhar. (TÉBAR, 2011, p. 77)

Por volta da década de 1980, bibliotecários perceberam que a perspectiva adotada pela escola para lidar com a leitura impactaria diretamente nas ações e atuação da biblioteca. A leitura compulsória, muitas vezes, imposta pelos professores recebia muitas críticas e cabia à biblioteca oferecer alternativas que possibilitassem ao aluno ter “[...] o privilégio de escolher sobre o que ler, quando e como quer ler e inclusive o de **abandonar a leitura**, se assim o desejar.” (TAYLOR, 1982 apud CAMPELLO, 2003, p. 4, grifo nosso).

A “[...] insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge a ser superada.” (FREIRE, 1993, p. 17-18). Por vezes, pode provocar o efeito inverso ao de incentivar e formar leitores.

Marisa Lajolo discorre sobre uma alternativa para que a leitura encontre seu próprio caminho, independente das imposições escolares:

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura. Nesse sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de motivação, porque é em nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada da prática escolar. (LAJOLO, 1997, p. 15).

E, para encontrar a motivação, e propiciar que cada leitor estabeleça suas próprias relações com o objeto da leitura, as atividades de mediação precisam ser minimamente impositivas e restritivas possível, de forma a favorecer a diversidade de leitores e suas peculiaridades. O planejamento e execução cuidadosos auxiliam a evitar que o direito de cada leitor seja cerceado.

Para isso, é preciso falar sobre os atores agentes das ações de mediação, os mediadores de leitura. O “[...] mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto.” (BORTOLIN, 2001, p. 120). Neste contexto, podemos classificar como mediador de leitura aquele que se coloca como elo entre a leitura, o texto e o leitor. A princípio, podemos citar como exemplos, os bibliotecários, professores, pais, familiares, amigos e quaisquer outras pessoas que exerçam algum tipo de influência sobre o quê e porquê ler. Entretanto, há de se tomar um cuidado especial para que este papel de mediação não seja confundido com imposição, deixando assegurado o direito de escolha sobre o que se ler e como se relacionar com a leitura do aluno leitor.

Soares (2014) reforça que a ênfase nas atividades técnicas e a falta de interação entre bibliotecários e professores são alguns dos principais empecilhos para o exercício do papel pedagógico do bibliotecário; aliado a isso, destaca a falta de formação adequada no currículo de formação oferecido pelas universidades destes profissionais (SOARES, 2014, p. 21).

Esta falta de preparo prejudica o desempenhar da função pedagógica e pode resultar em práticas que apesar de bem intencionadas, não apresentem o resultado esperado. Sabemos que a não intervenção do mediador é um conceito utópico, porém, é possível e necessário formar profissionais conscientes de seu poder de influência ao longo deste processo. Consciência acerca de seu protagonismo, pois o bibliotecário pode ser o primeiro e até um dos únicos agentes que apresentam a leitura a um determinado aluno. Consciência acerca do que é leitura e do universo do aluno, de forma a auxiliar em sua caminhada, porém respeitando suas preferências de leitura. Leitura como obrigação? A imposição pode obter o efeito inverso ao que se pretende. Impor a leitura como se fosse um erro ou defeito não gostar de ler, ou não ler na frequência volume convencionadamente esperado.

Tal prática possibilita o sentimento de culpa nos adolescentes e crianças, criando uma barreira e afastando o prazer e o desejo pela leitura. É uma situação em que o objetivo da leitura seria satisfazer o desejo dos adultos e dos mediadores (pais, professores, bibliotecários) e não daqueles que deveriam ser um dos sujeitos desse processo. (PETIT, 2013, p. 22).

Uma das atividades de mediação de leitura mais realizadas são as rodas de leitura, círculo de leitura ou clube do livro, onde se estabelece uma troca entre os leitores, e os leitores interagem entre si e também com o autor. Como defende Yunes (2002), este tipo de atividade, pode mostrar uma interatividade mais ampla do que em uma entrevista de um autor e seus leitores, por exemplo, pois a fala do autor carrega uma carga de autoridade. A noção de “o que o autor quer dizer” pode inibir o diálogo de outros leitores mais tímidos. (YUNES, 2002, p. 37).

Faz-se necessário respeitar o espaço e o momento do outro, para que o leitor estabeleça suas próprias relações, interaja e se aproprie do que está sendo lido, sem imposições. Mas, trazendo os elementos de cada história para a sua própria realidade, se identificando, ou não; contextualizando através de sua própria visão; e, utilizando sua leitura de mundo para ler as palavras.

Esse olhar e cuidar ao outro, ao futuro leitor, nos processos de mediação de leitura, mostra-se cada vez mais urgente. Tendo em vista as apropriações das tecnologias da informação e comunicação, espaços são abertos para novos suportes de texto e conseqüentemente, novas práticas de leitura.

O maior desafio então se traduz em mediar a leitura, realizando atividades de mediação e de interação, buscando influenciar estes alunos positivamente e incentivando a leitura.

Ora, como mediar e influenciar positivamente? “[...] nada contribui mais para a perda do gosto pela leitura que o questionamento, uma intromissão indelicada em um espaço onde tudo é particularmente frágil.” (DIATKINE, 2003 apud PETIT, 2013, p. 22).

Daniel Pennac defende que cada leitor tenha sua liberdade respeitada, resumidamente, em dez direitos imprescritíveis.

Os direitos do leitor, conforme Pennac, são:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular páginas.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível).
7. O direito de ler em qualquer lugar.
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar. (PENNAC, 1993, p. 145-167).

Resumidamente, ele defende o direito de ler o que, como, quando e onde quiser. E o de não exercer esses direitos.

Ou seja, Pennac defende não a leitura em si, mas o direito à escolha de quem lê e de quem não lê também. Ele caracteriza a todos nós como leitores. (PENNAC, 1993, p. 145-167).

Com isso, podemos sugerir que a influência positiva do mediador possui mais probabilidades de ser bem sucedida quando é oferecida a liberdade ao leitor. Cabe ao mediador efetuar o convite a abrir a janela de possibilidades, porém, cabe somente ao leitor aceitar o convite ou não.

### 3 BIBLIOTECA ESCOLAR

Biblioteca Escolar é aquela biblioteca que liga-se à instituição de ensino e que destina-se a atender a comunidade escolar (alunos e professores). (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 50). Porém, é necessário buscar mais detalhes para entender sua importância. Negrão (1987) define a biblioteca escolar como um instrumento para desenvolver o currículo escolar e que permite o incentivo à leitura e capacidades de pesquisa. O autor ressalta ainda sobre esse ser um processo a ser desenvolvido ao longo da vida. Reitera que a biblioteca escolar auxilia no fomento de diferentes habilidades como criatividade e comunicação além de respaldar o corpo docente e outros membros da comunidade escolar em suas atividades.

Antunes (1998, p. 171) apresenta a Biblioteca Escolar como um centro de informação dinâmico, inserido no contexto escolar e no processo ensino-aprendizagem e em interação com o ensino de sala de aula. Além disso, dispõe de recursos e fontes alinhados com as necessidades de seus usuários e promovendo a multiplicidade de olhares e pluralismo de ideias e saberes; favorecendo o desenvolvimento curricular e com o apoio de mediadores capacitados para orientar as leituras e pesquisas escolares.

E essa grande fonte que é a biblioteca na escola pode desenvolver um importante papel nos processos de treinamento e formação de usuários da informação nos mais variados suportes e meios.

Reiterando a importância da Biblioteca escolar, a Lei 12.244 de 2010, mais comumente conhecida como Lei das bibliotecas escolares, versa sobre a obrigatoriedade de haver ao menos uma biblioteca em cada instituição de ensino.

Há apontamentos sobre o tamanho do acervo, que deve ser de um livro para cada aluno matriculado na escola, no mínimo. O prazo para adequação à lei é até o ano de 2020. Para ser considerada biblioteca, a unidade precisa contar com profissionais qualificados e registrados no Conselho Profissional equivalente à região em que a unidade se encontra. (BRASIL, 2010).

Já em 2015, 53% das escolas da rede pública do país não possuía biblioteca ou sala de leitura. Para se adequar à lei de 2015 até o término do prazo, seria necessário construir e equipar mais de 1 mil bibliotecas por mês.

Em uma sociedade onde as lutas ainda se mostram tão primárias, isto é, a busca ainda se faz pelos direitos de existir e de se fazer presente, é compreensível que haja uma resistência e dissonância quanto às práticas de ensino e atividades desenvolvidas.

Os exemplos e relatos de experiência de ações que deram certo em países desenvolvidos ou mesmo no Brasil, parecem falar de realidades distantes. Porém, estas discussões são necessárias para que a busca por melhores condições de ensino e de trabalho não cesse e para que a cada dia tenhamos mais chances de sermos o melhor que podemos ser.

A biblioteca na escola protagoniza-se por, em muitos casos, oferecer o primeiro contato dos alunos com o ensino, a leitura, as ideias e o conhecimento e pode determinar sua maneira de ver e lidar com o mundo por toda uma vida.

Eliana Yunes discursa sobre a função ideal da sala de aula e do salão de leitura. Porém, aproprio-me desta fala para incluir as bibliotecas nessa discussão:

A sala de aula, o salão de leitura não podem ser apenas lugares de tarefas e avaliações; cabe-lhes sobretudo o empenho em co-mover as experiências mais pessoais do aprendiz no resgate do texto e da palavra do outro, de modo a lograr que a intimidade, ao ser partilhada, supere seus limites individualistas e alcance uma dimensão que seja a do óbvio e plural porque em diálogo com a diversidade (que não se confunde com o senso comum). (YUNES, 2003, p. 13).

Considerando que, em muitos casos, o gosto pela leitura é iniciado a partir do exemplo familiar ou de amigos, cabe à biblioteca cuidar da consolidação do interesse pela leitura, ignorando as obrigações de fichamentos, resumos e apresentações sobre obras literárias obrigatórias e impostas aos alunos.

Ao bibliotecário e à equipe da biblioteca é incumbida a tarefa de procurar meios de incentivar e desenvolver um programa com atividades para fomento da leitura de forma espontânea e prazerosa. Para tal, poderá ser explorada a possibilidade de travar parcerias entre o corpo docente da instituição e o bibliotecário, alinhando o currículo e os tópicos trabalhados e as atividades. (MACEDO, 2005, p. 174).

“A face do bibliotecário que olha no espelho não se caracteriza pela passividade, acomodação, neutralidade. Sua palavra-chave é a reinvenção.” (NÓBREGA, 2009, p. 98). A dificuldade maior então, encontraria-se em conscientizar os mediadores de leitura sobre a importância e força de influência que os estes possuem sobre seus alunos.

Diante do exposto, esta pesquisa pretende identificar o papel que as bibliotecas estudadas estão exercendo no processo de mediação de leitura, quais são as atividades que vêm sendo desenvolvidas e de que forma essas ações têm interferido no perfil leitor de seus alunos. Vem como um convite à reflexão do trabalho que vem sendo realizado e a uma autoavaliação para, se necessário, fornecer subsídios a fim de traçar novas estratégias. É preciso repensar as práticas e haver uma constante autoavaliação para atingir a este propósito.

### 3.1 NATIVOS DIGITAIS

Nativos digitais é um dos termos utilizados para fazer referência aos falantes nativos da linguagem de computadores, vídeo games e da internet. (PRESNKY, 2001 apud CASTRO, 2014, p. 39). Há também outros termos utilizados tais como Geração Y, Geração I, Geração Internet, Nascidos digitais, *Millenials*. (CASTRO, 2014, p. 40).

Com o advento das mídias digitais, ficam mais evidentes os efeitos que a interação frequente com a linguagem e tecnologias vem exercendo na vida de seus usuários e na maneira como os mesmos se comunicam. Um exemplo disso é a capacidade que os nativos digitais têm de ser multitarefas, isto é, se dividir entre várias atividades ao mesmo tempo, tais como ler, ouvir música, teclar no celular, tudo ao mesmo tempo. (MONTEIRO, 2010).

Para esta pesquisa, a importância de falar sobre os nativos digitais se dá pelo fato de precisarmos entender as características do leitor que estamos estudando e contextualizá-los. As mudanças oriundas da inserção de novas tecnologias, também acarretaram em mudanças na forma de relacionamento e apropriação das leituras.

Chartier (2002, p. 23) sinaliza que o mais difícil é a percepção da obra como obra quando se lê através de uma tela. A leitura configura-se como descontínua e

caracterizada por uma busca textual de fragmentos (através de palavras-chave) cujo o leitor deseja se apropriar.

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. (CHARTIER, 2002, p. 25).

Estas características encontradas no texto eletrônico possibilitam, de forma mais diferenciada do texto impresso, no que tange a apropriação de seu conteúdo, a partir de uma interatividade maior.

Castro advoga que os alunos atuais são considerados “falantes nativos” da língua digital de computadores, da internet e de vídeo games. (PRENSKY apud CASTRO, 2014, p. 39).

Prensky acredita que nossos alunos mudaram radicalmente, e que os alunos dos tempos atuais não são mais o público para o qual o nosso sistema educacional foi designado para ensinar. (PRENSKY, 2001, p. 1).<sup>2</sup> Sob essa perspectiva, buscamos incentivar a reflexão acerca das práticas já instauradas de mediação de leitura e ensino da literatura.

Os alunos nascidos nesse contexto passaram suas vidas inteiras rodeados e utilizando dispositivos eletrônicos como computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, aparelhos de celular, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Atualmente, os alunos universitários passam, em média, menos de 5.000 horas de suas vidas lendo, porém, mais de 10.000 horas jogando videogames (sem mencionar as mais de 20.000 horas assistindo à TV). Jogos de computador, *email*, a internet em si, aparelhos de celular e mensagens instantâneas são parte integral de nossas vidas. (PRENSKY, 2001, p. 1, tradução nossa).

Compreender as características e o contexto desta geração e a maneira que se relacionam com o ambiente, as tecnologias, com a instituição escola e a sociedade, tende a auxiliar na compreensão dos alunos e usuários das bibliotecas escolares internacionais.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa.



Segundo Prensky (2001, p. 2, tradução nossa), uma das maiores dificuldades encontradas nos ambientes educacionais em relação aos nativos digitais é que os instrutores ou mediadores, falam uma linguagem ultrapassada e anterior à era digital, enquanto tentam ensinar a uma população que fala uma linguagem completamente nova. Ou seja, não estamos falando a mesma língua.

É necessário repensar a metodologia utilizada e o seu conteúdo. Os professores da atualidade necessitam aprender a se comunicar na linguagem e estilo de fala de seus alunos.

Em relação ao conteúdo, há de se pensar no “legado” e no “futuro”. O “legado” inclui leitura, escrita, entre outros: o chamado currículo tradicional, que obviamente, tem sua importância.

O “futuro” inclui habilidades e conhecimentos que serão necessários para sobreviver neste mundo completamente digitalizado. Conhecimentos de informática e técnicos como *software*, *hardware* e nanotecnologia e conhecimentos como ética, política, sociologia e línguas. Como ensinar ambos na linguagem dos nativos digitais? (PRENSKY, 2001, p. 4, tradução nossa).

Além disso, como falar sobre leitura, clássicos da literatura e muitas vezes sobre histórias que em nada se assemelham à realidade dos leitores e alunos em uma linguagem que os nativos digitais entendam? Como conquistá-los?

Refletir acerca das diferentes necessidades e especificidades destas gerações, em detrimento das gerações anteriores, demandará práticas e planejamentos de aula e atividades de adaptadas a estas mudanças.

Esta consciência nos auxiliará a entender e contextualizar o perfil destes alunos e analisar a influência deste perfil no extrato de seus perfis de leitura.

#### 4 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida tem a intenção de analisar e identificar iniciativas de mediação de leitura realizadas por bibliotecas de escolas internacionais, localizadas no Rio de Janeiro, e que apresentem a língua inglesa como principal idioma.

E, através do estudo, de como estas bibliotecas trabalham a leitura com seus alunos, e, de que forma propor ações de mediação de leitura que possam ser realizadas nas bibliotecas escolares.

Foram utilizados três principais componentes para nortear esta pesquisa do ponto de vista metodológico:

- Levantamento bibliográfico – O levantamento bibliográfico teve por objetivo identificar o que já foi publicado na área. “Relacionar as descobertas feitas durante o estudo com o que já existe na literatura é fundamental para que se possam tomar decisões mais seguras sobre as direções em que vale a pena concentrar o esforço e as atenções.” (LUDKE; ANDRÉ, 2002, p. 47);

- Entrevista – As entrevistas foram escolhidas por permitirem uma coleta e observação de dados mais abrangente que os questionários, porém, por demandar uma análise de dados mais dispendiosa, será necessário aplicar as entrevistas a um número de pessoas reduzido, no caso, somente as bibliotecárias responsáveis por cada biblioteca estudada.

Leituras e entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática de investigação. As leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou rectificam o campo de investigação das leituras. Um e outras são complementares e enriquecem-se mutuamente [...]. A entrevista exploratória visa economizar perdas inúteis de energia e de tempo de leitura, na construção de hipóteses e na observação. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 69);

- Questionários – Os questionários permitem uma coleta de dados mais sistemática e passíveis de comparação.

Foi adotada a metodologia do perfil leitor elaborada pelo Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe (CERLALC), que é vinculado à UNESCO.

O questionário precisou ser adaptado de forma a atender às demandas da pesquisa para coleta de dados.

A seguir, abordaremos com maior detalhamento cada um dos procedimentos adotados na pesquisa.

#### 4.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois iniciou-se a partir de um levantamento bibliográfico de materiais já produzidos e publicados nos programas de pós-graduação brasileiros em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Foi utilizada a base Sucupira para identificar e elencar todos os programas de pós-graduação nessas áreas com matrícula ainda ativa. A partir deste levantamento, acessou-se o website de cada programa e suas listas de trabalhos defendidos (incluindo teses e dissertações).

Foram utilizados os marcadores: biblioteca escolar, leitura, mediação de leitura e nativos digitais para localizar trabalhos que abordassem a temática a ser estudada.

Foram identificados 16 resultados referentes a biblioteca escolar (4 selecionados), 25 recuperados de leitura (9 selecionados), 19 referentes à mediação de leitura (7 selecionados) e 1 de nativos digitais (único selecionado).

Estes resultados foram tabulados em uma planilha de Excel e foram selecionados, a partir da leitura de seus resumos e sumários de forma a identificar quais seriam ou não lidos.

Ao analisar os títulos recuperados, foi detectada a necessidade de inserir a busca por mais um marcador: o de letramento informacional e competência em informação. Os trabalhos recuperados neste domínio apresentavam com frequência temáticas relacionadas ao objeto de estudo deste trabalho. Foram recuperados 41 trabalhos, e destes, selecionados apenas 7, pois a maioria dos trabalhos nesse tema, abordava a perspectiva do treinamento de usuários, mediação da informação, e

treinamento de uso das fontes e bases, fugindo um pouco do viés que buscamos, que é o da leitura.

**Tabela 1** – Trabalhos recuperados no levantamento bibliográfico

<b>Assunto</b>	<b>Trabalhos Recuperados</b>	<b>Trabalhos Selecionados</b>
Leitura	25	9
Mediação de leitura	19	7
Biblioteca escolar	16	4
Nativos Digitais	1	1
Letramento ou Competência	41	7

Fonte: A autora, 2017.

Após a leitura das 28 dissertações e teses selecionadas, foi possível refletir acerca das definições de leitura e as atividades de mediação de leitura que vem sendo realizadas no âmbito das bibliotecas escolares.

Para complementar a pesquisa sobre leitura, vale mencionar a importância da Cátedra de Leitura PUC-Rio. Inaugurada oficialmente em 2006, mas integrada somente em 2012 ao Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio, o IILER, (INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA PUC-RIO, 2016)., pode ser definido como:

Centro de referência em leitura de múltiplas linguagens e suportes para países de fala portuguesa, desempenha simultaneamente seu papel acadêmico e informativo, tanto na produção de material científico quanto na observação participativa nas ações de cunho social desempenhada pelo IILER, atendendo, ainda e no âmbito de suas atuações gerais e específicas, as orientações e políticas de Educação Para Todos e seus objetivos. (INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA PUC-RIO, 2016).

Sua missão e objetivos estão alinhados, de certa forma, ao objeto desta pesquisa, pois podem ser traduzidos como: facilitar e contribuir para a formação do indivíduo e interação dele com a sociedade através da leitura, gerando seres críticos e com consciência leitora. Objetiva também integrar pesquisadores e agentes do processo de leitura e mediação, de forma a fornecer subsídios para que estes agentes continuem influenciando suas práticas. (INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA PUC-RIO, 2016).

Assim, foi realizada uma visita à Cátedra, localizada dentro do campus da PUC-Rio, na Gávea, bairro do Rio de Janeiro. Infelizmente, devido às dificuldades de logística e horário de funcionamento, não foi possível chegar a tempo de pegar o centro aberto.

Em face à esta dificuldade, entramos em contato com a pesquisadora Eliana Yunes via email. Eliana Yunes foi criadora do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), e do Plano Nacional da Leitura da Fundação Biblioteca Nacional. Coordenou a Cátedra de Leitura; dirigiu o Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-RIO; e é consultora do CERLALC e do Plano Nacional do Livro e Leitura, do Ministério da Cultura brasileiro.

Foi enviada por e-mail uma solicitação de auxílio à professora Eliana Yunes a fim de encontrar mais autores e pesquisadores que dedicam-se a estudar leitura e leitura literária.

O email foi gentilmente respondido com sugestões de autores que auxiliaram o desenvolvimento desta pesquisa, bem como, a descoberta de autores que figuram o corpo teórico da mesma.

## 4.2 OBJETIVOS E AÇÕES

Retomando o objetivo geral, que pode ser definido como propor as ações de mediação de leitura que podem ser realizadas nas bibliotecas escolares, foi possível repensar a estratégia para se atingir os objetivos específicos.

Para cada objetivo específico traçado, foi pensada uma ação metodológica. Então, para cada objetivo específico estabelecido, foi planejada uma ação, conforme visualiza-se no quadro abaixo:

**Quadro 2** – Ações metodológicas em relação aos objetivos específicos

<b>Objetivo Específico</b>	<b>Ação</b>	<b>Status</b>
Identificar a noção de leitura presente na literatura do campo infocomunicacional;	Levantamento bibliográfico em todos os programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiros, utilizando as seguintes palavras-chave: <i>Leitura; Mediação de leitura; Biblioteca escolar; Letramento</i> ou <i>Competência em Informação</i> .	Concluído
Traçar o perfil leitor dos alunos da instituição selecionada	A) Definir o universo da pesquisa, campo empírico e definição do instrumento de coleta de dados. B) Observação participante nas bibliotecas escolares das escolas internacionais de língua inglesa localizadas na cidade do Rio de Janeiro.	A) Concluído B) Cancelado
Mapear as atividades de mediação de leitura realizadas na biblioteca escolar internacional (de língua inglesa) selecionada (Escola A).	Aplicar entrevista aos bibliotecários responsáveis pelas bibliotecas escolares estudadas.	Concluído

Fonte: A autora, 2017.<sup>3</sup>

A maioria dos procedimentos metodológicos inicialmente previstos foram realizados com sucesso, com exceção da observação participante, devido às dificuldades de logística, como por exemplo, incompatibilidade entre os horários de funcionamento das escolas e a agenda da pesquisadora. Por isso, esta ação foi cancelada e outras ações foram pensadas e planejadas para compor esta pesquisa, como a aplicação de questionários e entrevistas

<sup>3</sup> Atualizado em maio de 2018 após a coleta de dados.

### 4.3 COLETA DE DADOS

A partir de pesquisas avulsas e conhecimento prévio, e quando tais informações eram disponibilizadas nos websites das instituições, foram coletados dados de contato das bibliotecárias responsáveis pelas bibliotecas dessas instituições. Um contato preliminar foi realizado, de forma a solicitar entrevistas a estas profissionais.

As informações sobre cada uma das escolas que compõem o campo empírico desta pesquisa foram coletadas através de documentos digitais nos ambientes virtuais de cada instituição.

Não foi encontrado um censo regulador que tenha tabulado estes dados. Por isso, há uma dissonância entre as informações disponibilizadas e apresentadas para cada uma das escolas, tornando a comparação entre as instituições mais trabalhosa e por consequência, sem critérios bem delineados.

Inicialmente, a ideia era realizar a pesquisa e coletar dados em cada uma das 4 escolas, porém, dada a complexidade da pesquisa e tempo hábil disponível, foi escolhida uma escola para coleta de dados. A mesma terá sua identidade preservada e ao longo desse trabalho será nomeada de Escola A.

Após a escolha da escola, foi iniciado um processo de pedido de autorizações para a coleta de dados na instituição. Foi necessário solicitar um ofício junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO (PPGB) objetivando apresentar a aluna como discente do programa e respaldar a seriedade de sua pesquisa.

Em paralelo a esse processo, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética para apreciação e aprovação. Sendo este um processo difícil e burocrático. A começar por dificuldades técnicas de acesso à plataforma Brasil (plataforma onde os projetos são submetidos) que foram reportadas ao PPGB e a coordenação do programa prestou a assistência necessária para o acesso.

Após a elaboração do ofício do PPGB, esse documento foi submetido ao corpo de diretores da instituição, junto à um e-mail detalhando a pesquisa, objetivos, campo empírico, universo de respondentes, etc.

Ao esclarecer os objetivos da pesquisa, apresentar o roteiro para as entrevistas e o questionário que seria aplicado aos alunos, a instituição autorizou a coleta de dados. Em seguida à confirmação da instituição, realizamos a solicitação das entrevistas às bibliotecárias responsáveis por cada uma das bibliotecas.

É importante mencionar que foi preciso restringir a coleta de dados às bibliotecas conhecidas como *sênior*, isto é, se comparado ao currículo brasileiro, alunos de 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Essa restrição foi necessária pois o objetivo da pesquisa é investigar práticas com alunos adolescentes. Consideraremos para essa pesquisa como adolescência, o período da vida humana dos 12 aos 20 anos. (FERREIRA, 2000).

As entrevistas foram realizadas no início do mês de maio de 2018. Foi necessário realizar a coleta de dados em dias diferentes da semana, por conta da distância geográfica entre as duas unidades da instituição, e pela necessidade de aplicar os questionários aos alunos no horário livre deles, mesmo horário para as duas unidades, por ser o maior período de incidência de visitas às bibliotecas.

É possível encontrar na figura abaixo mais informações sobre o processo de adaptação e as categorias em que o questionário é estruturado.

O roteiro<sup>4</sup> para entrevista foi estruturado em consonância com os objetivos da pesquisa, de forma a identificar a noção de leitura apresentada por cada um dos profissionais e mapear atividades de mediação de leitura que fossem realizadas em cada uma das bibliotecas estudadas.

**Quadro 3** – Resumo para estruturação de questões do roteiro de entrevista

<b>Questão</b>	<b>Assunto</b>	<b>Objetivo</b>
<b>1</b>	Público	Identificar o público e contextualizar
<b>2</b>	Uso	Identificar o uso e contextualizar
<b>3</b>	Acervo	Identificar o uso e contextualizar
<b>4</b>	Práticas	Entender funcionamento

<sup>4</sup> Apêndice A.



5	Leitura	Identificar noção de leitura da respondente
6	Leitura	Refletir se a instituição concorda com a noção apresentada
7	Mediação de leitura	Identificar as atividades de mediação de leitura realizadas nas bibliotecas escolares analisadas
8	Mediação de leitura	Identificar as atividades de mediação de leitura realizadas nas bibliotecas escolares analisadas
9	Efeito	Identificar se há influência das atividades nas práticas

Fonte: A autora, 2018.

O quadro acima descreve o assunto e objetivo de cada uma das oito perguntas que compõem o roteiro de entrevista. Todas as questões foram pensadas de forma a fornecer informações para contextualizar as bibliotecas estudadas e/ou subsidiar a reflexão acerca dos objetivos da pesquisa.

As primeiras quatro perguntas objetivavam identificar o público, o uso da biblioteca, entender o funcionamento e contextualizar ao leitor as informações gerais de cada uma das bibliotecas estudadas. A pergunta de número 5 buscava identificar a noção de leitura apresentada pelas bibliotecárias entrevistadas, se as mesmas acreditavam em uma perspectiva mais tecnicista ou contextualizada. Na pergunta seguinte, de número 6, investigamos se a instituição e seus membros em que as unidades estão inseridas possuem a mesma visão, uma vez que, a integração da biblioteca com a instituição pode ser determinante para o sucesso ou não de suas ações.

As perguntas de número 7 e 8 tem o mesmo objetivo e versam sobre a mediação de leitura de forma a identificar se são realizadas atividades em prol da leitura e se sim, que atividades são essas.

Por fim, a questão de número 9 visa investigar os efeitos destas ações quando realizadas.

### 4.3 CENTRO REGIONAL PARA O FOMENTO DO LIVRO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE: CERLALC/UNESCO

Apresentaremos um breve relato e contextualização sobre o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe (CERLALC/UNESCO), tendo em vista que o questionário utilizado como instrumento metodológico para esta pesquisa foi retirado e adaptado a partir da metodologia comum da CERLALC para identificar o perfil leitor.

A CERLALC/UNESCO foi considerada por sua importância em estudar as práticas de leitura em toda a América Latina e por possuir metodologia de pesquisa já consolidada.

Fundado em 1971, a partir de um compromisso assumido no Dia Internacional do Livro, para promover a criação de um centro de fomento do livro, o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe, mais conhecido pela sigla CERLALC, é uma instituição vinculada à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e destaca-se como sendo o único organismo internacional que dedica-se somente ao apoio de políticas públicas direcionadas ao livro e à leitura. (SANTOS, 2011, p. 8).

O CERLALC cresceu, e, hoje, tornou-se um centro ibero-americano com o propósito de englobar os idiomas espanhol e português.

Em 2011, já contava com cerca de 21 países membros, ofertando serviços, pesquisas, projetos de assessoria e capacitação de ações em prol da leitura, do livro, das bibliotecas e de direitos autorais. (SANTOS, 2011, p. 8).

No ano de seu quadragésimo aniversário, [2011], a instituição elaborou uma metodologia comum para explorar e medir o comportamento leitor. Em 2014, foi publicada uma atualização que considera o suporte digital.

Para coleta de dados desta pesquisa, foi escolhida a versão de 2014 do questionário presente nesta metodologia.

#### 4.3.1 CERLALC/UNESCO: Questionários

O questionário presente na metodologia comum CERLALC/UNESCO para identificar perfil leitor foi utilizado com adaptações.

Adotamos a versão atualizada de 2014, e originalmente publicada em 2011, como base para elaborar os instrumentos de coleta de dados desta pesquisa.

Conforme já colocado, o Grupo de Pesquisa “Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática” (GPBP) vem desenvolvendo pesquisas a partir do questionário do CERLALC.

Até o fechamento desta pesquisa, o Programa de Pós Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a mesma metodologia foi adotada em dois trabalhos: São eles: “O perfil leitor dos jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários: atuação bibliotecária a favor da educação emancipadora.”, defendido em 2017 por Patrícia dos Santos Costa; e o trabalho “O comportamento leitor dos alunos da escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)”, de Cilene Alves de Oliveira. Ambos buscavam pesquisar o perfil leitor de alunos de cada um dos universos estudados e foram desenvolvidas no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática. Ambas compõem a bibliografia deste trabalho.

O documento que apresenta a metodologia possui 72 páginas, porém, destas, 21 dedicam-se somente ao questionário.

O mesmo é dividido em seções que abordam questões que caracterizam o entrevistado, tais como: condições socioeconômicas, gênero, faixa etária e etc.; além de contar com questões que mapeiam as preferências dos respondentes no que concerne à leitura, de forma a identificar um perfil leitor. (CERLALC, 2014, Tradução nossa.).

Foi necessário adaptar o questionário para facilitar a obtenção da aprovação da instituição escolhida para coleta de dados. Tais adaptações foram necessárias pois o questionário original era longo e com muitas perguntas sobre aspectos que não interferiam no perfil leitor dos nossos respondentes. Para isso, foram excluídas as

questões referentes à condições financeiras e socioeconômicas dos entrevistados, assumindo que, uma vez que os mesmos fazem parte do corpo discente de uma instituição privilegiada econômica e socialmente, não seria necessário fazer também este mapeamento e coletar informações deste tipo.

O foco se deu em perguntas que visavam realmente identificar o perfil leitor dos alunos. O questionário com as devidas adaptações encontra-se nos apêndices deste trabalho.<sup>5</sup>

Todas as informações de descrição que serão realizadas a partir de agora, quanto ao questionário, se referirão à adaptação realizada e disponível nos apêndices como supracitado. Descreveremos mais detalhadamente a estrutura adotada no instrumento, de forma a possibilitar ao leitor a perspectiva do processo de adaptação do questionário original.

Foi utilizada uma classificação por cores para definir cada aspecto das perguntas do questionário. Tal medida foi tomada visando facilitar a posterior análise dos dados coletados.

A nomenclatura de cada categoria foi mantida de acordo com o questionário original. As alterações realizadas foram em relação à exclusão de perguntas não consideradas em consonância para os objetivos deste trabalho; e quanto à escolha das cores de cada uma das divisões, objetivando facilitar a visualização e a compreensão de cada uma das perguntas e categorias.

**Quadro 4** – Categorias e classificação por cores do questionário adaptado

<b>Unidade</b>	<b>Assunto</b>	<b>Nº Perguntas</b>	<b>Cor</b>
I	Caracterização do entrevistado	3	
II	Perfil Leitor	-	

<sup>5</sup> Apêndice D.

II - A	Auto percepção	9	
II - B	Hábitos leitores, motivos e dificuldades	4	
II - C	Leitura durante a infância e práticas com crianças	3	
II - D	Cenários transmidiáticos	2	
III	Perfil do leitor de livros	6	
IV	Uso de bibliotecas	3	
V	Atividades de mediação	3	

Fonte: A autora, 2018.

A unidade I, que diz respeito à caracterização dos entrevistados, apresenta apenas 3 (três) perguntas.

A unidade II, sobre o perfil leitor, é a única subdividida em A, B, C e D.

Na seção A, é possível encontrar 9 (nove) perguntas sobre auto percepção.

Já na seção B, há 4 (quatro) questões sobre hábitos leitores, motivos e dificuldades encontradas pelos respondentes.

Na seção C, 3 perguntas sobre leitura na infância, e por último, na seção D, há 2 (duas) perguntas que abordam o uso de dispositivos de mídia.

A unidade III busca identificar o perfil de leitor de livros, com 6 (seis) perguntas que mapeiam o que é lido, e com que frequência.

A unidade IV versa sobre o uso de bibliotecas com 3 (três) perguntas, e, finalmente, a seção V aborda atividades de mediação em 3 (três) perguntas também.

Ao todo, a adaptação do questionário conta com 31 questões dispostas em 6 páginas.

## 5 AS ESCOLAS INTERNACIONAIS

As escolas internacionais são instituições que pertencem a um nicho da educação nos países em que estão inseridas, com especificidades próprias. São escolas que em sua maioria, apresentam um ambiente cultural, conteudista e educacional diferente das escolas brasileiras.

Estas escolas localizadas em território brasileiro estão regulamentadas a partir de Deliberação do Conselho Estadual de Educação (CEE) de seu estado correspondente.

No estado do Rio de Janeiro, há a Deliberação de número 341, do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro (CEERJ).

Publicada em 12 de novembro de 2013, a Deliberação CEE n. 341 estabelece normas para a oferta de ensino bilíngue e internacional na Educação Básica pelas instituições que pertencem ao Sistema de Ensino do Estado do Rio de Janeiro. RIO DE JANEIRO (Estado), 2013.

É importante diferenciar o ensino bilíngue do ensino internacional. Uma escola bilíngue caracteriza-se como o ambiente em que se falam duas línguas, e onde é proporcionada vivência de ambas através de experiências, projetos, contextualizações e etc., possibilitando que o aluno ao longo do tempo, incorpore o novo idioma como uma segunda língua nativa. Sua concepção deve estar relacionada a “manter a identidade cultural brasileira e oferecer a possibilidade do domínio da língua estrangeira” e objetivar “ensinar a língua estrangeira como objeto de estudo”. RIO DE JANEIRO (Estado), 2013.

Já a escola internacional precisa estar alinhada e se submeter aos preceitos e diretrizes da Constituição Nacional e da Constituição do país em que está instalada, além de precisar prestar contas a órgãos internacionais.

É obrigatório que ministre aulas de imersão na língua do país que representa e trabalhe e considere o pluralismo de ideias e culturas de todos os países envolvidos. Deve buscar “manter a identidade cultural dos estrangeiros residentes no país.” e objetivar “ensinar a língua de origem como objeto de estudo.”

Além disso, para receber o título de Escola Internacional, deve cumprir os requisitos estabelecidos pelo Conselho Estadual de Educação; ser membro do *International Baccalaureate (IB)*, currículo internacional, e que habilita quem possui seu diploma a se candidatar a universidades estrangeiras, e possuir dois diretores pertencentes à cada uma da(s) nacionalidade(s) representada(s) na instituição. RIO DE JANEIRO (Estado), 2013.

Não foi encontrado um censo ou estudo atualizado que indicasse quais são as instituições que atuam no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro. A temática carece de estudos até o momento. Porém, numa pesquisa preliminar, é possível encontrar uma listagem indicando escolas internacionais por município, destas, sendo 4 somente no município do Rio de Janeiro.

Dada as especificidades do campo empírico desta pesquisa e visando a garantia do anonimato aos sujeitos e instituições envolvidas, optou-se por adotar uma codificação para identificar cada uma das instituições envolvidas.

Dessa forma as escolas serão identificadas por letras como: Escola A, Escola B, Escola C e Escola D. As informações sobre cada uma das escolas são informações públicas e foram retiradas dos ambientes virtuais das mesmas, no entanto, para garantia do anonimato, optou-se por suprimir-se as fontes.

Por se tratarem de informações disponibilizadas por cada uma das instituições, fica impossibilitado à essa pesquisa manter e garantir o mesmo grau de descrição e especificidade à cada uma das escolas aqui mencionadas.

## 5.1 ESCOLA A

A Escola A é uma escola internacional fundada em 1924 no Rio de Janeiro. Tem por objetivo oferecer aos estudantes uma formação abrangente, relevante e diferenciada.

De acordo com as informações constantes no website da instituição, a filosofia educacional é primariamente britânica com elementos internacionais e brasileiros incorporados quando apropriado.

A escola A apresenta um ambiente internacional, com cerca de 2100 alunos, de mais de 60 nacionalidades diferentes, com idades entre 2 e 18 anos.

É composta por duas unidades uma situada na Zona Oeste e outra na Zona sul da cidade, esta última sendo subdividida entre dois bairros.

O seu programa de ensino é todo formulado em inglês e baseado no currículo do Reino Unido e nos programas de IPC (para crianças de 2 a 14 anos), nos exames de Cambridge do IGCSE (de 14 aos 16 anos), e no *International Baccalaureate* (IB) Diploma (dos 16 aos 18 anos), além da possibilidade de obter também o diploma brasileiro de ensino reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC).

A unidade matriz apresenta os segmentos *Lower* (do maternal ao primário) e *Middle* (ensino fundamental, primeiro segmento). Quando os alunos passam para o segundo segmento do ensino fundamental, eles são “transferidos” para a segunda unidade, localizada em outro bairro da Zona Sul que compreende estas séries e mais o Ensino Médio (*Senior*).

A unidade da Zona Oeste compreende todos os segmentos e séries, do maternal ao Ensino Médio.

## 5.2 ESCOLA B

A Escola B é uma escola internacional fundada em 1937 na Zona Sul do Rio de Janeiro. Está dividida em duas unidades, e à semelhança da Escola A, uma localizada na Zona Sul e outra na Zona Oeste da cidade.

Apresenta como missão institucional “Inspirar alunos a se tornarem cidadãos globais e aprendizes ao longo da vida a partir de desafios que os levem a desenvolver seus potenciais e realizar seus sonhos.”.

Apresenta-se como a única escola do Rio de Janeiro a oferecer aos seus alunos três diferentes diplomas. São eles o Diploma Americano, necessário aos alunos que desejarem se candidatar às universidades nos Estados Unidos; o *International Baccalaureate Diploma* (IB) reconhecido por universidades ao redor do mundo; e o diploma brasileiro.



A filosofia educacional é primariamente americana, e apresenta todas as séries, desde o maternal ao Ensino Médio.

### 5.3 ESCOLA C

A Escola C é uma escola católica Americana, fundada em 1919 por um grupo de católicos falantes da língua inglesa, que desejavam ter uma capela que atendesse às necessidades do clero falante de inglês que se encontrava no país.

Uma sociedade se instaurou, e em 1952 foi estabelecida a única escola católica de língua inglesa do Rio de Janeiro.

De acordo com as informações constantes no website da instituição, a escola seguia e ainda segue o currículo de educação americana, além de educação religiosa em tempo integral. Oferece também o currículo brasileiro para crianças de todas as nacionalidades do Pré Maternal (2 anos de idade) ao último ano do Ensino Médio (Classe 12, no Brasil, mais comumente conhecido como 3º ano do Ensino Médio).

Localiza-se na Zona Sul da cidade; é mantida por uma organização católica e sem fins lucrativos de mesmo nome. É supervisionada por um grupo de diretores que estabelece as políticas e diretrizes da escola. (LYNKADER, [2017], tradução nossa).

### 5.4 ESCOLA D

A Escola D é uma escola cristã internacional fundada em 2000 no Rio de Janeiro, e localizada na Zona Oeste do mesmo município.

De acordo com as informações constantes no website da instituição, o objetivo da instituição é oferecer no Rio de Janeiro uma educação mundial através de uma leitura de mundo bíblica.

Sua comunidade representa mais de 30 países. Seus alunos e staff vem de mais de 10 países.

O currículo da escola e os métodos de ensino procuram utilizar as melhores práticas e técnicas utilizadas ao redor do mundo de forma a educar alunos com uma mente global e competências internacionais.

Caracteriza-se por ser uma escola que aceita alunos e famílias de todas as religiões, porém, identifica-se como instituição cristã que educa seus alunos no cristianismo e enfatiza os valores e caráter de Cristo. Os alunos frequentam aulas bíblicas e capela, que os permite desenvolver cognição bíblica.

O foco principal é educar uma grande gama de alunos de acordo com suas necessidades e as expectativas da escola. Isso é alcançado através de um trabalho desafiador, com provas rigorosas e metodologia de ensino consistente.

Para este trabalho, a Escola A foi selecionada para aprofundamento da investigação e como polo de coleta de dados (aplicação de entrevistas e questionários).

## 6 CAMPO EMPÍRICO: AS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA ESCOLA INTERNACIONAL A

Inicialmente, o objetivo desta pesquisa era realizar a coleta de dados e assumir como campo empírico todas as escolas internacionais localizadas no município do Rio de Janeiro e que adotassem o idioma inglês como principal em seu currículo pedagógico.

Entretanto, tendo em vista o tempo disponível para a conclusão desta pesquisa, coletar e analisar todos os dados que compreendiam um universo tão amplo, foi necessário restringir e repensar o campo empírico.

A instituição em questão possui 6 bibliotecas distribuídas em seus 3 campi. Esses campi formam 2 unidades (Zona Sul e Zona Oeste). Cada unidade possui 3 bibliotecas que atendem aos alunos de cada um dos segmentos do currículo *Lower* (Maternal e séries de alfabetização), *Middle* (Ensino Fundamental, I segmento) e *Senior* (Ensino Fundamental, II segmento e Ensino Médio).

Para esta pesquisa, serão estudadas apenas as bibliotecas do *Senior*, por estas atenderem ao público que desejamos abordar.

### 6.1 BIBLIOTECA AZUL<sup>6</sup>

A biblioteca Azul é a única biblioteca do campus em que está localizada, justamente pelo campus atender somente aos alunos do Ensino Fundamental, II segmento e Ensino Médio.

O horário de funcionamento da unidade é de 7:30 da manhã às 16:00 horas, pois o horário escolar é integral (de 8:00 às 15:20), oferecendo assim a possibilidade de os usuários utilizarem a biblioteca e seus serviços antes, depois e durante os intervalos das aulas.

---

<sup>6</sup> As informações aqui descritas foram coletadas a partir de visita, entrevista aos bibliotecários e observação.

Seu espaço físico é amplo e apresenta uma forma espacial em desenho de “L”. Possui 2 mesas grandes e ovais para reuniões e estudo em grupo e 6 mesas redondas onde os alunos podem estudar individualmente. O balcão de referência é uma ilha em formato arredondado disposto em uma posição da biblioteca que permite às suas funcionárias ter visão de todo o espaço. Dispõe de 14 computadores de uso livre para pesquisas na internet e no próprio catálogo, impressão de trabalhos, acesso à email e ao Pacote Office.

**Figura 5:** Mesas de estudo e coleção de não ficção: Biblioteca Azul



Fonte: A autora, 2018.

Logo na entrada, há uma seção de expositores de jornais e revistas com duas poltronas à disposição.

A coleção de revistas e periódicos inclui títulos acadêmicos, de conhecimento geral e de lazer, como *ArtForum*, *Crafts*, *Superinteressante*, *TeenVogue*, *Turma da Mônica Jovem*, *Mundo Estranho*, *National Geographic*, *History BBC Magazine*, *History Today*, *Times*, *New Internationalist* e *Veja*, entre outros.

**Figura 6:** Expositor de jornais e revistas: Biblioteca Azul



Fonte: A autora, 2018.

Seu acervo é composto por cerca de 13 mil títulos no total. Possui uma seção de títulos de ficção, referência, não ficção, além das revistas, bases de dados, jornais, DVDs e CDs (*audiobooks*).

As obras são majoritariamente em inglês, porém, há também títulos em português, francês e espanhol.

Adota a Classificação Decimal de Dewey (CDD) para classificação de suas obras e sua indexação é feita em língua inglesa.

Porém, por se tratar de uma biblioteca escolar, foram necessárias aplicar algumas adaptações.

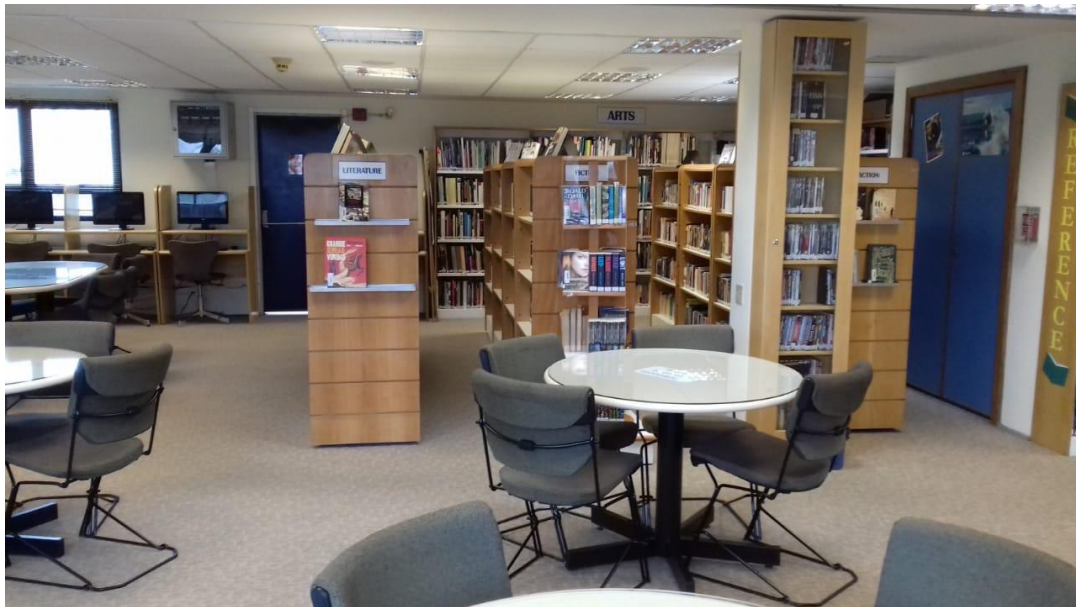
Por exemplo, a coleção de ficção, segue uma classificação própria: todos são divididos em duas grandes classes *Fiction* (ficção) e *Teens* (ficção para alunos mais novos) aliado às 3 primeiras letras do sobrenome do autor. Sendo assim, um livro da série *Harry Potter*, por exemplo, teria seu número de chamada composto por “X” (sendo X a letra correspondente à unidade a qual a biblioteca em questão pertence<sup>7</sup>, aliado à

<sup>7</sup> Chamaremos de X a letra correspondente à unidade para preservar a instituição omitindo detalhes que possam auxiliar na identificação das escolas e bibliotecas.

inscrição “F” ou “TEENS” e por último, as 3 primeiras letras do sobrenome da autora, que neste caso, chama-se *J. K. Rowling*, então seria utilizado “ROW”.

Essa divisão facilita durante projetos em parceria com os professores, pois uma turma cuja faixa etária seja por volta dos 11 a 12 anos, pode ter certeza que a seção de *Teens* irá atender às suas necessidades e classificação indicativa.

**Figura 7:** Coleção de livros de ficção: Biblioteca Azul



Fonte: A autora, 2018.

Em relação às suas atividades de mediação, são realizadas atividades pontuais, além de um evento para promoção da leitura e de personagens e histórias, a Semana da Biblioteca.<sup>8</sup>

As ações pontuais, segundo a bibliotecária responsável<sup>9</sup>, acontecem em parceria com os professores. Durante a Semana da Biblioteca, são realizadas atividades lúdicas e jogos inspirados em um tema pré definido.

<sup>8</sup> *Library Week*. Tradução nossa.

<sup>9</sup> Apêndice B.



As atividades lideradas pela equipe da biblioteca acontecem no horário livre dos alunos e a participação é espontânea, sendo necessária somente uma simples inscrição a partir da divulgação das atividades pela biblioteca.

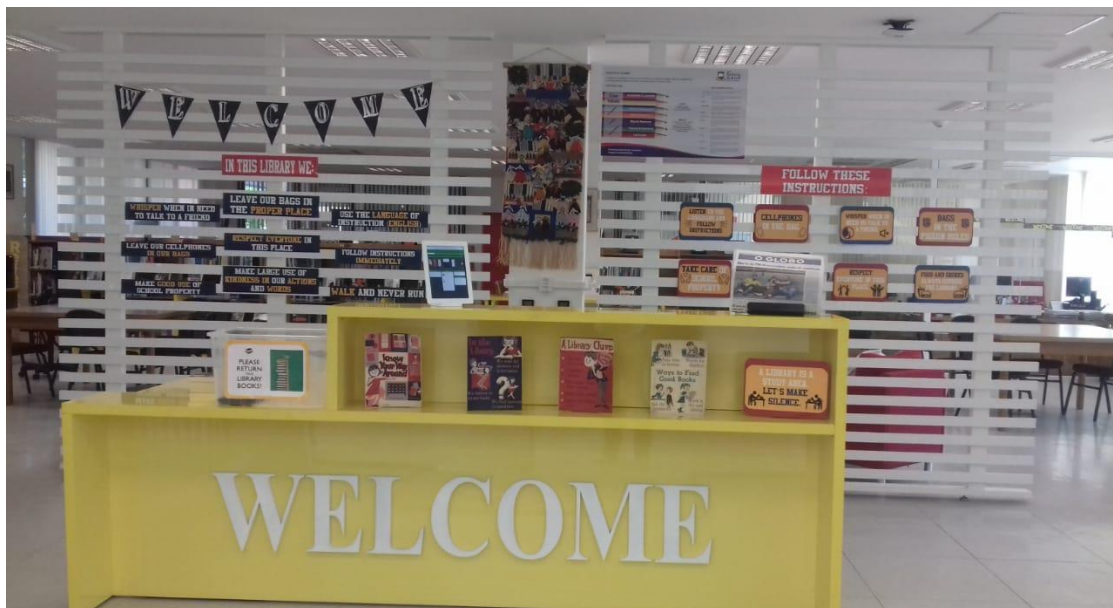
## 6.2 BIBLIOTECA AMARELA

A biblioteca Amarela é integrante de um time de 3 bibliotecas em uma mesma unidade. O horário de funcionamento da unidade é de 7:00 da manhã às 15:30 horas, oferecendo a mesma possibilidade da Biblioteca Azul, de que os usuários utilizem a biblioteca e seus serviços antes, depois e durante os intervalos das aulas.

Em muitos aspectos, a Biblioteca Amarela apresenta características semelhantes às da Biblioteca Azul, por estarem inseridas na mesma instituição, terem as mesmas diretrizes, mesmo público, seguirem o mesmo currículo, etc.

Seu espaço físico é ainda mais amplo que o da Biblioteca Azul, e apresenta uma forma espacial retangular. Logo na entrada, possui um grande balcão amarelo de referência.

**Figura 8:** Balcão de referência da Biblioteca Amarela



Fonte: A autora, 2018.

No mesmo ambiente da referência, há 4 sofás e 2 escaninhos, onde os usuários depositam seus pertences. Atrás dessa área, dispõe de 4 mesas grandes para uso dos usuários e cerca de 10 computadores de uso livre para pesquisas na internet e no próprio catálogo, impressão de trabalhos, acesso à email e ao Pacote Office.

Há também poltronas para leitura individual e *pufes* espalhados pela biblioteca.

**Figura 9:** Visão geral da Biblioteca Amarela



Fonte: A autora, 2018.

Seu acervo é composto pelas mesmas categorias e gêneros que a biblioteca Azul. Apresenta cerca de 8 mil títulos incluindo revistas, jornais e gibis.

Estes ficam dispostos parte nas estantes e parte em estantes giratórias com expositores.

Há muitos títulos de assinatura em comum e algumas das bases de dados assinadas são compartilhadas entre as unidades.

As bibliotecas possuem autonomia para selecionar seus títulos, porém, é comum ver títulos que ambas possuem justamente pelas características serem semelhantes.

Adota o mesmo sistema de classificação, indexação e números de chamada que a Biblioteca Azul.



**Figura 10:** Coleção de livros de ficção: Biblioteca Amarela



Fonte: A autora, 2018.

Em relação às suas atividades de mediação, podemos destacar algumas poucas diferenças. Diferentemente da biblioteca Azul, realiza dois grandes eventos ao ano, um em cada semestre. Sendo eles: a Semana da Biblioteca<sup>10</sup> e a Semana do Livro.<sup>11</sup>

A Semana do Livro descreve-se como uma semana de promoção da leitura e de atividades que envolvam os usuários e em parceria com os funcionários e professores. Realizam-se palestras, aulas especiais agendadas na biblioteca entre outras atividades.

A Semana da Biblioteca caracteriza-se como uma semana de apresentação da biblioteca, regras, fontes e etc. Trata-se assim de um evento que busca fazer o treinamento dos usuários.

---

<sup>10</sup> *Library Week*. Tradução nossa.

<sup>11</sup> *Book Week*. Tradução nossa.

## 7 ANÁLISE DOS RESULTADOS COLETADOS

Os resultados serão apresentados em duas fases: entrevistas e questionários. Estes últimos serão demonstrados de acordo com a estrutura do questionário adaptado utilizado.<sup>12</sup>

### 7.1 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas face a face, individualmente, com as duas bibliotecárias-chefes, cada uma responsável por uma unidade: Biblioteca Azul e Biblioteca Amarela, respectivamente.

Ambas entrevistas aconteceram nas respectivas bibliotecas.

Foram realizadas no início do mês de maio, e em dias diferentes da mesma semana, devido à localização geográfica de cada uma das unidades na cidade do Rio de Janeiro. Tentou-se realizar as entrevistas no mesmo horário do dia, porém, não foi possível, uma vez que os horários, agenda e estrutura das bibliotecas e das próprias unidades são diferentes.

Foram orientadas a partir de roteiro pré estabelecido<sup>13</sup>, e realizadas em consonância com os objetivos da pesquisa, de forma a identificar a noção de leitura de cada uma das profissionais entrevistadas, para então mapear se há a realização de atividades de mediação de leitura em cada uma das bibliotecas estudadas.

As entrevistas foram gravadas utilizando um celular e, posteriormente, transcritas na íntegra.<sup>14</sup>

As quatro primeiras perguntas foram elaboradas de forma a identificar e descrever as bibliotecas quanto ao perfil dos usuários; frequência de uso; composição de acervo e métodos de registro; controle e aquisição de materiais.

Por se tratarem da mesma instituição, as respostas obtidas foram similares, como já era esperado.

---

<sup>12</sup> Apêndice D.

<sup>13</sup> Apêndice A.

<sup>14</sup> Ver apêndices.

Ambas as bibliotecas atendem a mesma faixa de alunos, das classes 6 à 11, no sistema de ensino britânico. No sistema brasileiro, equivale ao intervalo do 6º ano do Ensino Fundamental, segundo segmento, ao 3º ano do Ensino Médio.

As idades variam de 11 anos aos 18 anos em média.

Quanto à frequência, as bibliotecárias afirmaram que os períodos após os horários de aula e seus intervalos são os de maior movimento nas bibliotecas. Por se tratar de uma escola, os alunos não têm autonomia para deixar a sala de aula durante as atividades para ir à biblioteca, a não ser que sejam conduzidos e autorizados pelo professor responsável.

Os acervos são compostos majoritariamente por títulos em língua inglesa e buscam cobrir aos assuntos relacionados ao currículo e oferecem uma série de títulos de leitura recreativa, por prazer, apresentando uma grande seção de títulos de ficção contemporânea.

Há também títulos em língua portuguesa, espanhola e francesa. Em relação à política de seleção e aquisição dos títulos, ambas as bibliotecas constroem suas listas para aprovação e avaliação da mesma forma: a partir de sugestões dos alunos, pais, professores e da equipe da biblioteca; além de consulta à catálogos, sites, eventos, sempre relacionando ao currículo e adequando às necessidades das bibliotecas. Utilizam o mesmo *software* para registro e controle da circulação de títulos, o *Access-it*.

Ao perguntarmos o que é leitura, foram obtidas diferentes respostas. A bibliotecária Amarela definiu leitura como a “[...] representação de um pensamento sobre um assunto sendo ele técnico ou por prazer, por curiosidade, algo assim.”<sup>15</sup> Concordando com a visão de Cunha e Cavalcanti que definem leitura como o “Ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; ato de ler.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 222).

A Bibliotecária Azul acredita que a leitura vai além do código de escrita e a defende como atividade lúdica, de lazer, fonte de diversão, e indissociável de quem está lendo, concordando com a visão de Manguel, que acredita que, “O leitor atribui a legibilidade ao objeto, lugar ou mesmo acontecimento. O leitor atribui significado e os

---

<sup>15</sup> Apêndice C.

decifra, reconhecendo-se no que é lido e refletindo-se na leitura, buscando compreender o mundo que os cerca.” (MANGUEL, 2004) e a ideia de Freire de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que é necessário considerar as bagagens de cada leitor no processo de leitura (FREIRE, 1993).

Concordando com a visão de Antunes (1988, p. 171) de que a Biblioteca Escolar deve ser apresentada como um centro de informação dinâmico e que interaja com a comunidade escolar, ambas as bibliotecas realizam ações de mediação através de eventos e ações nas bibliotecas.

Há atividades consonantes e pequenas diferenças de uma unidade para a outra, porém, ambas realizam grandes eventos intitulados de Semana da Biblioteca ou Semana do Livro, Feira do Livro e etc. Há inclusive ações pontuais alheias a estes eventos, a partir de parcerias com professores e membros das comunidades escolar, favorecendo o desenvolvimento do currículo escolar e integrando a biblioteca ao corpo docente e discente.

Considerando que o perfil de seus usuários é formado por nativos digitais, as unidades oferecem ações tanto de mediação de leitura como mediação de informação.

No que tange à mediação da informação, é importante que os alunos saibam utilizar as ferramentas disponíveis de forma responsável e ética. Chartier nos alerta para o quão integrados estão o texto eletrônico e o leitor. É preciso que conscientizemos nossos usuários quanto a isso e tragamos à existência a responsabilidade ética, acadêmica, moral que cada um possui ao se apropriar de um texto, referenciando sua fonte, mesmo que de forma adaptada em nível de dificuldade para cada faixa etária.

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. (CHARTIER, 2002, p. 25).

E, ressaltando o discurso de Prensky (2001), de que os instrutores e mediadores de leitura precisam adequar sua linguagem atualizando àquela que é falada pelos nativos digitais, e buscando que a comunicação seja bem sucedida, as ações e

treinamentos não se restringem somente aos alunos, mas à toda a comunidade escolar. PRENSKY, 2001, p. 2. Tradução nossa.

Ambas as bibliotecárias notaram aumento na frequência de empréstimos após a realização destes eventos e atividades.

Outro ponto positivo é a utilização destes recursos como um meio de promover títulos ou gêneros esquecidos e subutilizados, favorecendo a circulação e divulgação dos mesmos.

A mediação de leitura é entendida pelas bibliotecárias sob perspectivas muito próximas. A bibliotecária Amarela acredita que a mediação de leitura é “[...] o momento em que você dá ao usuário algumas dicas ou algumas formas de acessar a informação que ele quer ou por indicação do que você gosta ou buscando dele o que ele precisa. ”, enquanto que para a bibliotecária Azul, “[...] a mediação de leitura é quando a gente descobre o que aquele usuário precisa, o que aquele usuário quer. O que às vezes nem ele tem noção do que ele gosta, do que ele precisa e a gente vai descobrindo junto, vai fazendo e criando um diálogo com ele [...]”. Tais perspectivas estão em consonância com a definição de mediação de leitura de Almeida Junior (2007):

Denomino o processo que vai da comunicação, via documento, até a transformação do conhecimento de uma pessoa, de mediação da informação. Assim pensando, as áreas da Ciência da Informação e da Biblioteconomia não armazenam, organizam ou processam a informação, mas uma possível informação, uma informação latente, uma informação potencial ou, como passei a denominar, uma proto-informação. A leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa. Cada leitura, dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referenciais de quem a realiza. A exemplo da informação, a leitura não existe a priori, se concretizando no processo de mediação. No entanto, a mediação da leitura faz parte da mediação da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p.44).

Ou seja, se a mediação da leitura faz parte da mediação da informação, para formar leitores críticos e capazes de articular suas opiniões buscando fontes confiáveis para embasar seus argumentos, é necessário, antes de tudo, mediar a leitura e ensinar esse aluno a ler. Ler o ambiente, ler os materiais, ler os livros antes mesmo de decifrar as palavras, como numa progressão em que o acesso à informação e sua interpretação

sejam um estágio a ser atingido após muitos outros estágios que perpassem pelas atividades de mediação que formaram este leitor.

## 7.2 QUESTIONÁRIOS

Nesta seção, iremos apresentar os resultados da pesquisa, realizada através de aplicação de questionário presencial, no mês de maio de 2018, onde foi possível entrevistar 2 bibliotecárias e aplicar questionário a 40 alunos da Escola A.

As informações serão apresentadas a partir das 5 grandes unidades que compõem o questionário, como é possível rever no Quadro 4, localizado na Metodologia deste trabalho.

Em cada uma das 5 grandes unidades, apresentaremos os resultados relativos à biblioteca Azul e as da biblioteca Amarela, uma vez que a coleta de dados se subdividiu em duas diferentes bibliotecas da instituição.

Os questionários foram aplicados a 40 diferentes alunos, sendo 20 em cada uma das unidades de informação.

Em relação à biblioteca Azul, dos 20 alunos respondentes, apenas 17 responderam de forma completa, 1 aluno entregou o questionário incompleto e 2 alunos não devolveram/perderam seus questionários. Em relação à Biblioteca Amarela, dos 20 alunos respondentes, apenas 16 responderam de forma completa. Outros 4 alunos entregaram seus questionários incompletos.

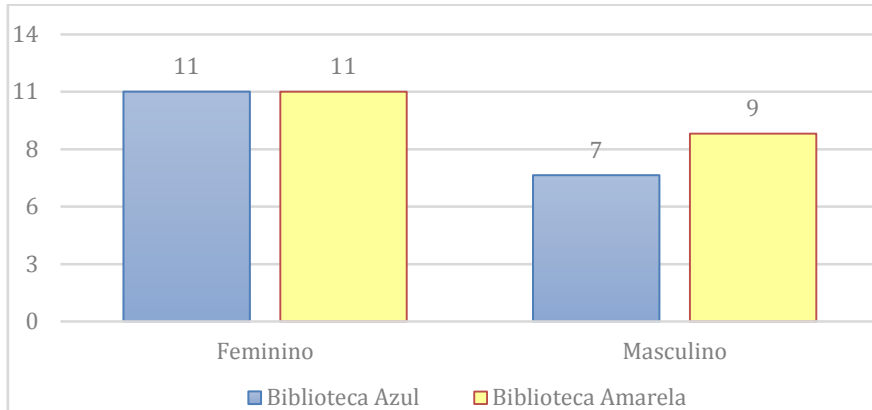
### 7.2.1 Caracterização do entrevistado

Em relação às questões originais do questionário da CERLALC/UNESCO que abordam informações de identificação dos respondentes, foram mantidas apenas 3 perguntas, conforme Quadro 4.

Essa adaptação foi realizada, para que o questionário pudesse se adequar às necessidades informacionais da pesquisa ao público que estava sendo estudado, alunos de uma mesma instituição.

As perguntas mantidas foram quanto ao gênero, faixa etária e dispositivo tecnológico mais utilizado na rotina diária.

**Gráfico 11 – Gênero**

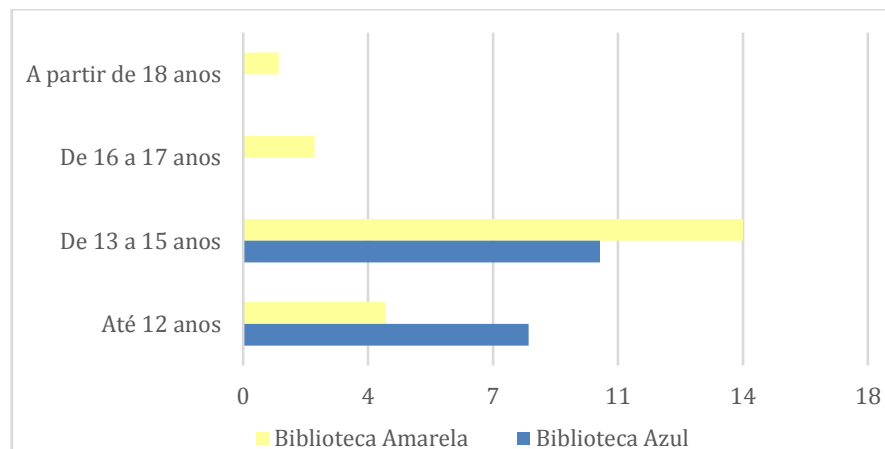


Fonte: A autora, 2018.

Em ambas as bibliotecas, a maioria dos respondentes declarou-se pertencente ao sexo feminino. Na Biblioteca Azul, 61,1% dos respondentes são pertencentes ao sexo feminino, enquanto que, na Biblioteca Amarela são 55% dos alunos.

Em relação à faixa etária dos estudantes, também encontramos uma convergência nas mesmas opções, apresentando maioria dos estudantes de 13 a 15 anos de idade conforme é possível visualizar nos gráficos abaixo.

**Gráfico 12 – Faixa etária**

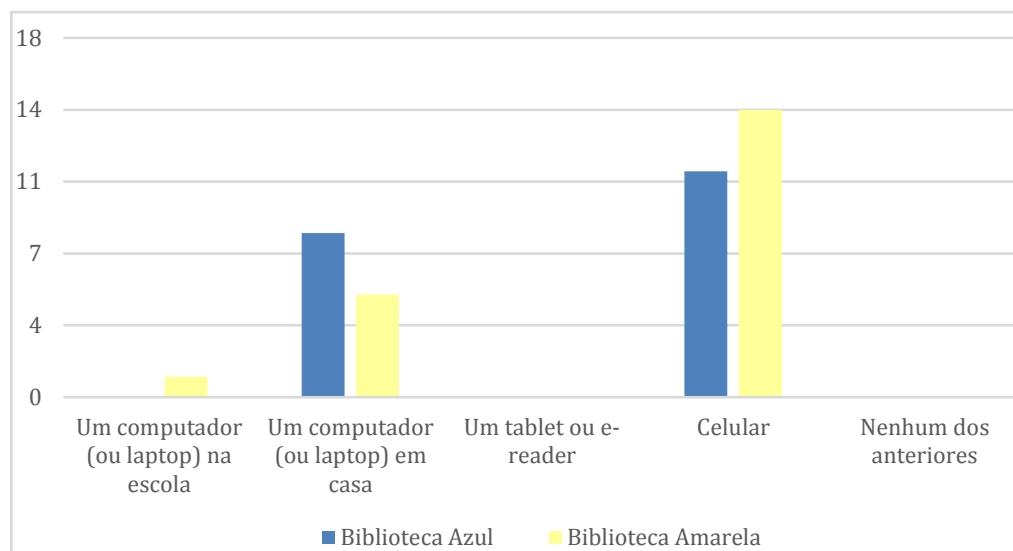


Fonte: A autora, 2018.

Na Biblioteca Azul, temos a totalidade de alunos entre as idades de até 12 anos e de 13 a 15 anos. Tal dado explica-se pelo fato de a Unidade A apresentar horários de intervalo e de almoço entre as aulas diferentes dos praticados na Unidade B. O horário de almoço dos alunos da Unidade Amarela é subdividido em 2 períodos e somente foi possível aplicar os questionários no primeiro intervalo, que abrange os alunos até os 15 anos.

Na Biblioteca Amarela, é possível encontrar representantes de todos intervalos etários. O intervalo para almoço dos alunos para todas as idades se dá no mesmo horário, justificando assim a diferença de resultados para a biblioteca da Unidade Azul. Porém, a predominância também se dá para os alunos de 13 a 15 anos.

**Gráfico 13 – Dispositivo tecnológico**



Fonte: A autora, 2018.

Quanto ao dispositivo de uso diário mais utilizado entre os alunos, os resultados de ambas bibliotecas convergiram. Os aparelhos de celular aparecem em 64,1% das respostas como o principal aparelho utilizado no dia a dia dos alunos, seguido de computador/laptop utilizado em casa com 33,3% e por último, o computador/laptop utilizado na escola com 2,6%.



É preciso entender o perfil e a forma que essa geração de nativos digitais faz uso da tecnologia para repensarmos as atividades que estamos propondo e, se necessário, fazer adaptações para adequar as práticas as necessidades destes usuários.

### 7.2.2 Perfil leitor

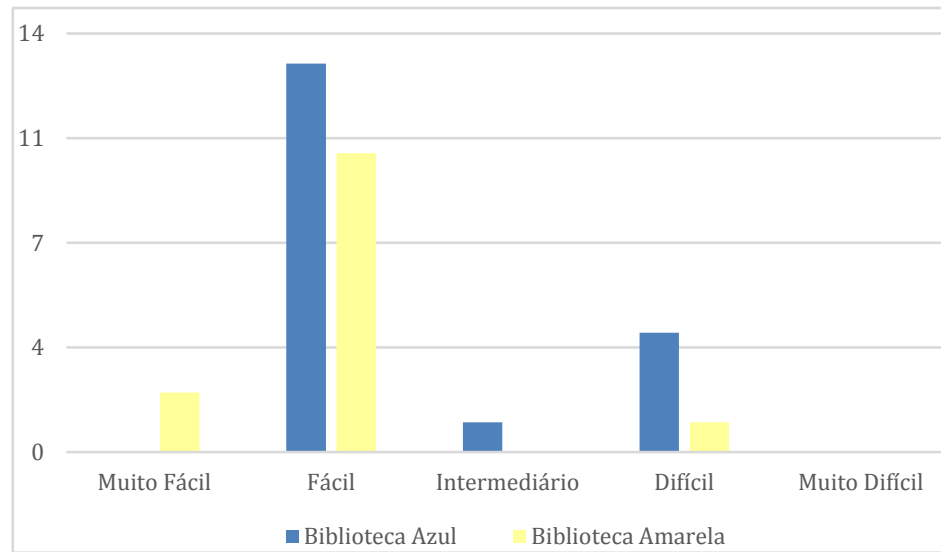
As questões desta unidade versam sobre a auto percepção dos respondentes sobre seus hábitos de leitura; dificuldades e motivações em relação à leitura; histórico leitor na tentativa de resgatar lembranças da infância e sua relação com a leitura e cenários transmidiáticos, correlacionando a leitura com o mundo digital, duas importantes categorias do nosso marco teórico: leitura e nativos digitais.

#### 7.2.2.1 Auto percepção

De uma maneira geral, a maioria (74,16%) dos alunos de ambas as bibliotecas considera seu grau de compreensão sobre um texto fácil.

Quanto às outras opções, houve uma diversificação nas respostas em cada uma das bibliotecas. Porém, é importante observar o índice de alunos que consideraram sua compreensão textual difícil (16,13%).

Apesar de baixo em comparação aos alunos que afirmam apresentar facilidade, esse resultado foi surpreendente, uma vez que são estudantes com acesso à uma educação com um currículo rico e privilegiado.

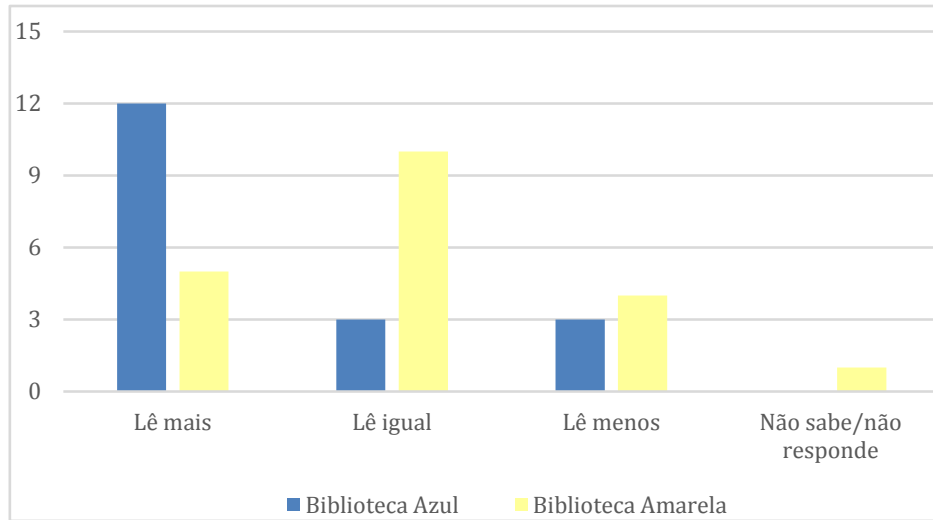
**Gráfico 14 – Grau de compreensão textual**

Fonte: A autora, 2018.

Em relação à quantidade de leituras, as respostas foram diversificadas.

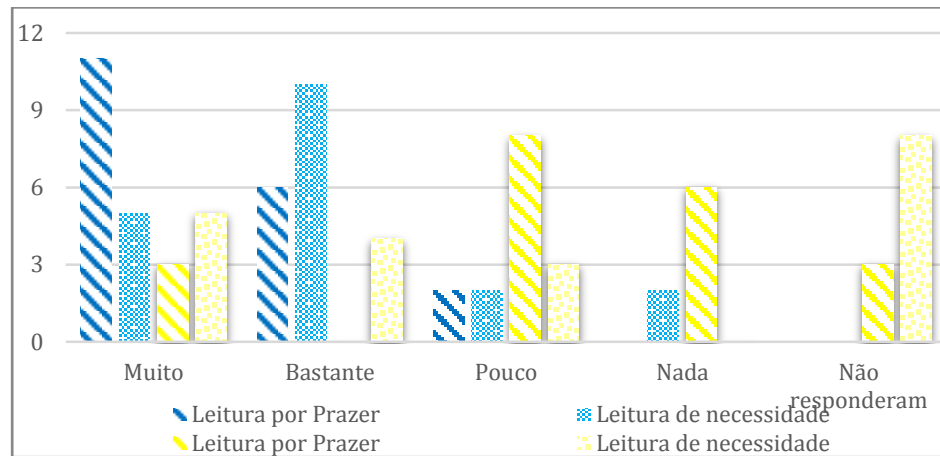
A pergunta consistia em comparar o quanto se lê comparado ao ano anterior. Na Biblioteca Azul, houve uma predominância (66%) de alunos que afirmam lerem mais atualmente. Na Biblioteca Amarela, a incidência de alunos que responderam que leem na mesma proporção foi maior (50%).

Para facilitar a comparação, os dados coletados em relação aos índices de leituras por prazer e leituras por necessidade das duas bibliotecas foram agrupados em um só gráfico. As barras azuis representam as respostas da Biblioteca Azul e as barras amarelas, as respostas da Biblioteca Amarela.

**Gráfico 15 – Quantidade de leituras em comparação ao ano anterior**

Fonte: A autora, 2018.

Na Biblioteca Amarela, a maioria dos alunos afirma ler pouco (40%) ou nada (30%) quando falamos de leitura por prazer.

**Gráfico 16 – Leitura por prazer x Leitura por necessidade**

Fonte: A autora, 2018.

Um índice muito alto, e conforme afirma Dauster: “Liberdade e opção aparecem como dispositivos fundamentais, quando se trata do ato de ler.” (DAUSTER, 2003, p. 113).

A leitura por necessidade é aquela onde a escolha do que se é lido é feita por outrem: professores, a instituição em si.

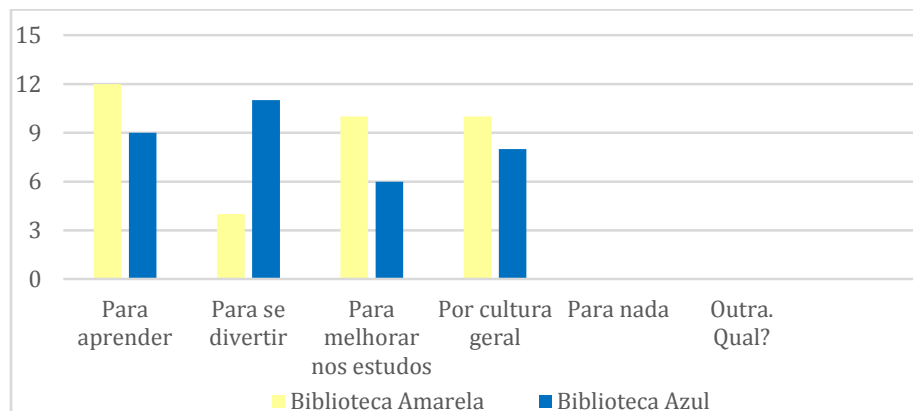
Na leitura por prazer é o momento em que o aluno possui a liberdade e o direito de escolher a opção que mais lhe agrada. Faz-se importante que a leitura por prazer seja incentivada, pois, resumidamente, ela auxiliará no processo de formação de leitor. Assim, há de se investir em atividades que busquem promover o gosto pela leitura.

O índice de leitura por prazer está representado como a barra listrada na cor atribuída para cada respectiva biblioteca e o índice de leitura por necessidade está retratado com a textura de poás.

No que tange a leitura por necessidade, os índices ficaram equilibrados entre os que alegam ler muito (25%), bastante (20%) ou nada (15%). Importante mencionar que 8 alunos, cerca de 40% dos respondentes da Biblioteca Amarela, não responderam esta questão. Na Biblioteca Azul, a maioria (57,9%) dos alunos afirma ler muito ou bastante (52,6%) por prazer. Já em relação à leitura por necessidade, a predominância é dos alunos que não responderam (40%), seguidos dos que alegam lerem muito (25%) quando precisam.

Na Biblioteca Amarela, a maioria (33,33%) dos alunos acredita que a leitura serve como instrumento de aprendizado; seguidos de para melhorar nos estudos (27,78%); e de para cultura geral (27,78%). Importante mencionar que nesta questão, os alunos puderam marcar mais de uma opção, diversificando assim os resultados e diminuindo as diferenças entre os percentuais para cada uma das opções.

**Gráfico 17 – Propósitos da leitura**



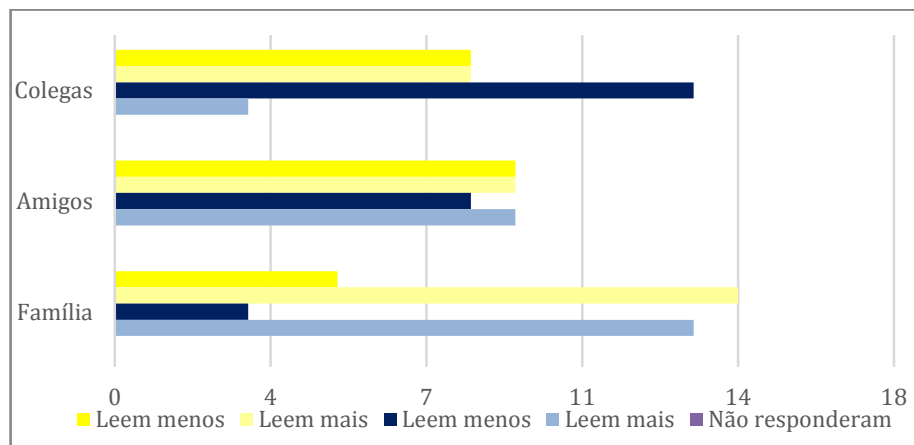
Fonte: A autora, 2018.

A Biblioteca Azul apresenta a maioria (32,35%) dos respondentes considerando a leitura como um meio para se divertir. Seguido de: para aprender (26,47%); por cultura geral (23,52%); e por último, para melhorar nos estudos (17,64%), conforme é possível visualizar no gráfico a seguir.

É possível afirmar que os alunos de ambas bibliotecas reconhecem a importância da leitura, porém, na biblioteca amarela apenas 9% dos alunos acreditam na leitura como fonte de diversão. Este resultado urge ser superado, e poderá ser facilitado com ações de mediação de leitura.

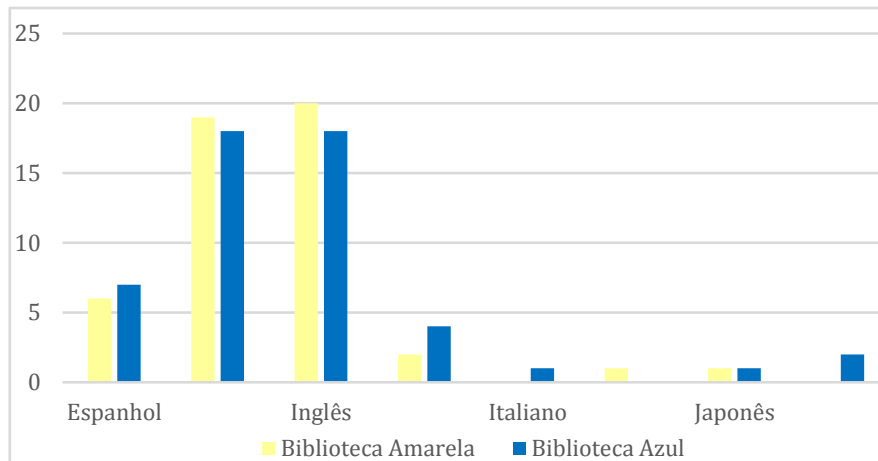
Os respondentes foram convidados a responder sobre a intensidade de suas leituras, se comparados às pessoas que os rodeiam como família, amigos e colegas.

**Gráfico 18 – Índice de leitura se comparada a outrem**



Fonte: A autora, 2018.

A maioria (77,14%) dos alunos tanto da Biblioteca Amarela quanto da Biblioteca Azul afirmam ler mais se comparados a outros membros de sua família.

**Gráfico 19 – Idioma de leitura**

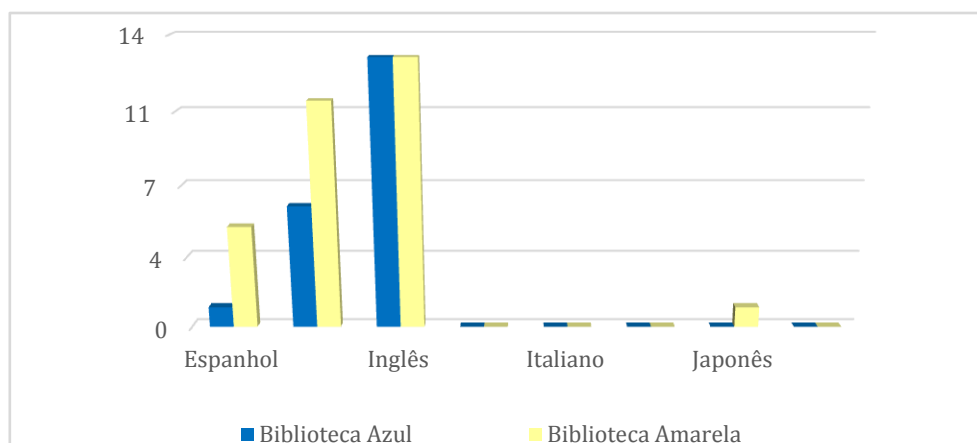
Fonte: A autora, 2018.

Quanto aos idiomas que os alunos conseguem ler, a predominância se deu para os que dominam os idiomas inglês e português em ambas as bibliotecas.

Na Biblioteca Amarela, os que leem em um desses dois idiomas (inglês e português), ou por vezes nos dois, correspondem a 79,59% dos respondentes; seguidos do idioma espanhol (12,24%).

A Biblioteca Azul também mostrou uma predominância destes dois idiomas, com 70,59%, seguido também do idioma espanhol com 13,73%.

Nesta questão, os alunos que leem em mais de um idioma, marcaram quantas opções foram necessárias. Houveram alunos na Biblioteca Azul que marcaram a opção “Outro” e escreveram ao lado o idioma que conseguem ler e que não havia sido contemplado na lista de opções como o holandês e o coreano.

**Gráfico 20 – Idioma de preferência de leitura**

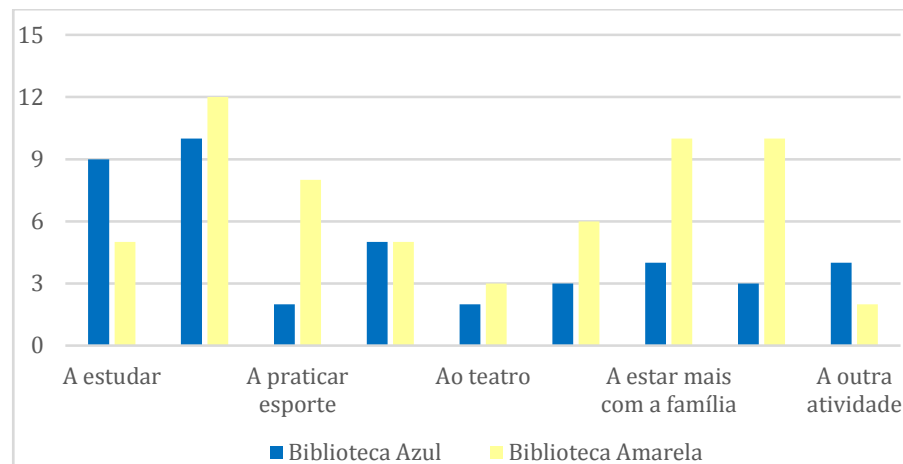
Fonte: A autora, 2018.

O idioma preferido para leitura da maioria (52%) dos respondentes de ambas bibliotecas é o inglês, seguido de português (34%) e espanhol (12%), conforme é possível visualizar no gráfico a seguir.

Para encerrar o módulo de Autopercepção (A) da Unidade II, apresentamos uma questão que buscava identificar a quais atividades os alunos tem dedicado seu tempo que antes era dedicado à leitura. Confirmando o que advoga Prensky (2001), em ambas as bibliotecas, a atividade descrita como navegar pela internet foi a que teve mais marcações, com 24,39% na Biblioteca Azul e 19,67% na Biblioteca Amarela.

Os alunos nascidos nesse contexto passaram suas vidas inteiras rodeados e utilizando dispositivos eletrônicos como computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, aparelhos de celular, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Atualmente, os alunos universitários passam, em média, menos de 5.000 horas de suas vidas lendo, porém, mais de 10.000 horas jogando videogames (sem mencionar as mais de 20.000 horas assistindo à TV). Jogos de computador, *email*, a internet em si, aparelhos de celular e mensagens instantâneas são parte integral de nossas vidas. (PRENSKY, 2001, p. 1, tradução nossa).

A atividade que aparece com segunda maior frequência é a de estar a família e com os amigos (16,39% cada um) para a Biblioteca Amarela e estudar e ir ao cinema na Biblioteca Azul.

**Gráfico 21 – Atividades que competem com a leitura**

Fonte: A autora, 2018.

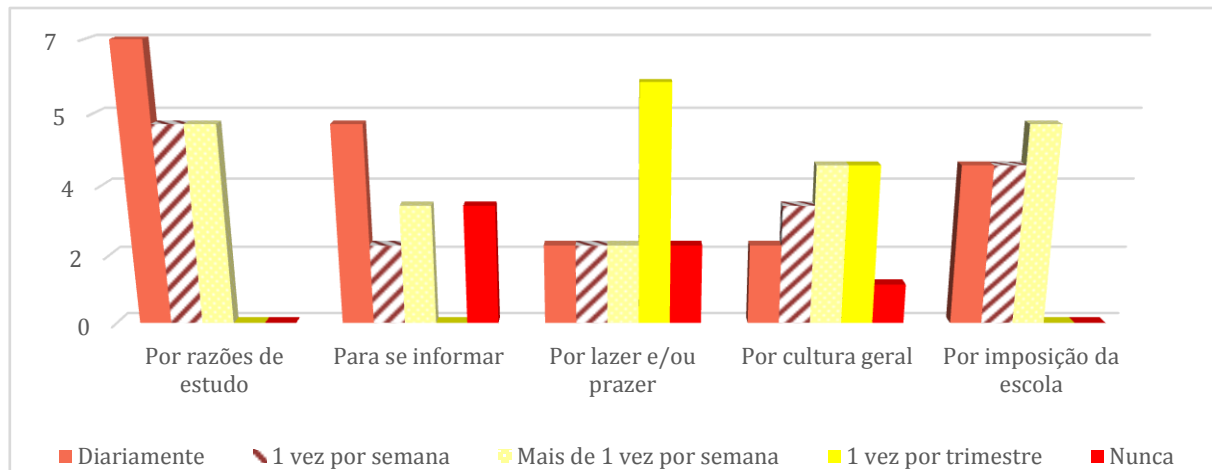
As outras atividades, mostraram índices relativamente equilibrados de marcações. São elas: assistir televisão, outra atividade (jogar videogame, comer e *Netflix*).

O comer pareceu inusitado inicialmente durante a análise de dados, porém, ao refletir sobre a estrutura da escola e da grade de horários dos alunos, fez sentido, uma vez que os horários em que mais frequentam as bibliotecas são também os horários reservados para almoço.

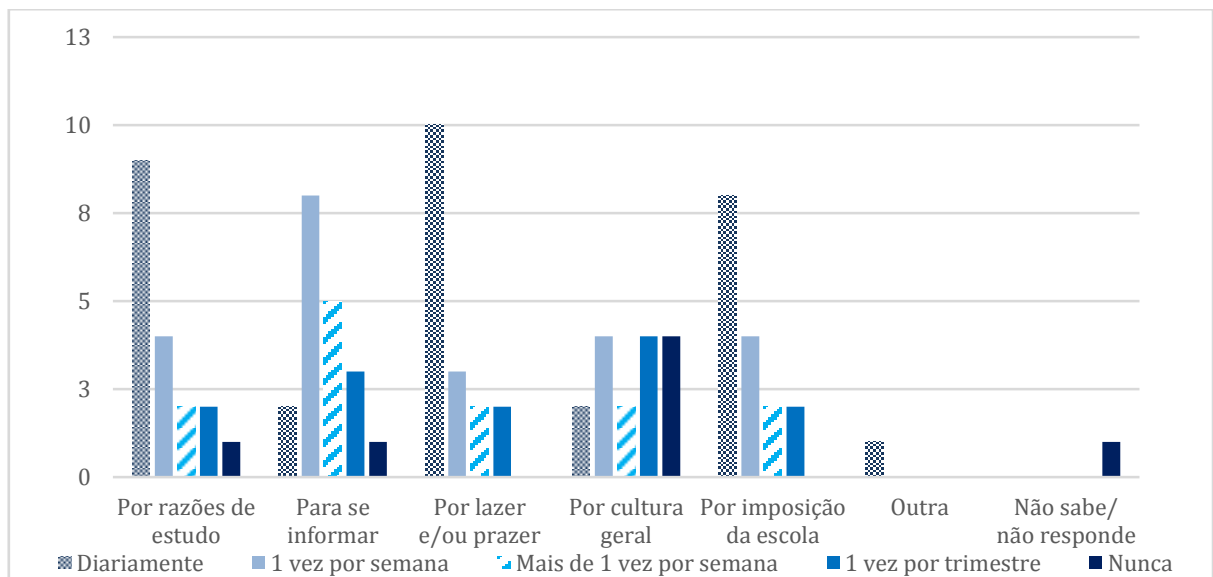
#### 7.2.2.2 Hábitos leitores, motivos e dificuldades

No que tange às principais motivações para ler e frequência dessas leituras, a maioria (35%) dos alunos da Biblioteca Amarela respondeu que lê diariamente por razões de estudo ou para se informar. A leitura por prazer (30%), e por cultura geral (20%) restringiu-se a uma vez por trimestre conforme demonstra o gráfico a seguir.



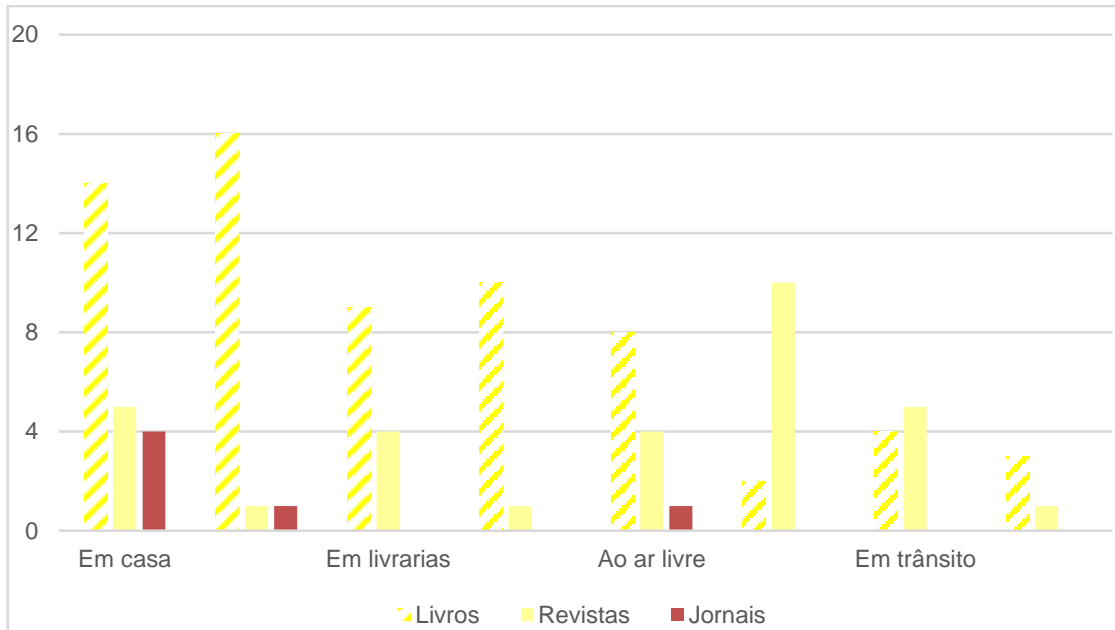
**Gráfico 22 – Motivações de leitura e frequência: Biblioteca Amarela**

Fonte: A autora, 2018.

**Gráfico 23 – Motivações de leitura e frequência: Biblioteca Azul**

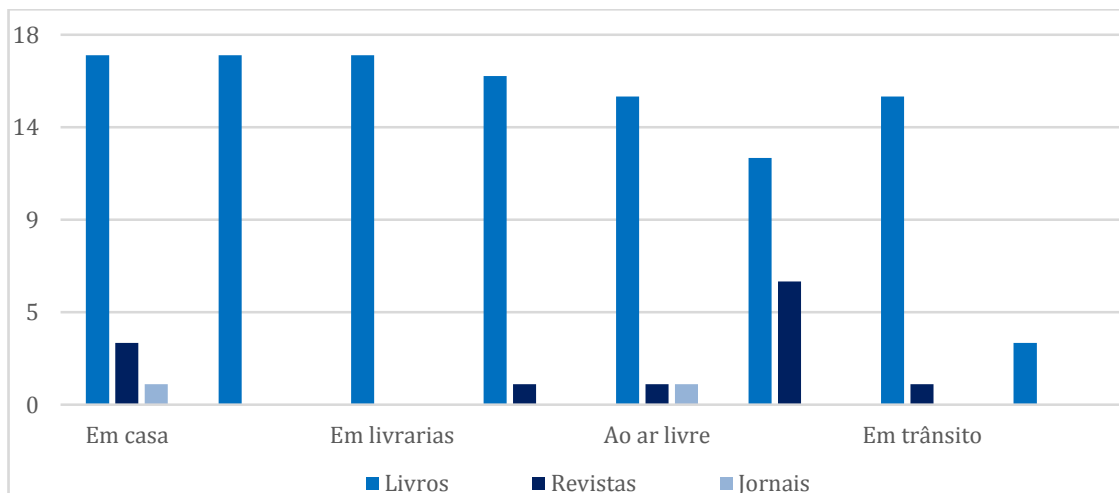
Fonte: A autora, 2018.

Parte dos respondentes da Biblioteca Azul afirma ler diariamente por lazer e/ou prazer (55,56%); por razões de estudo (50%) e por imposição da escola (44,44%), respectivamente.

**Gráfico 24 – Locais de preferência de leitura: Biblioteca Amarela**

Fonte: A autora, 2018.

Na Biblioteca Amarela, o livro também aparece como material de leitura mais utilizado, com exceção, porém dos consultórios e salões de beleza, onde o material mais utilizado é a revista. As salas de aula (24,24%), os lares (21,21%) e a biblioteca (15,15%) aparecem como locais de leitura preferidos de livros, totalizando 60,6%.

**Gráfico 25 – Locais de preferência de leitura: Biblioteca Azul**

Fonte: A autora, 2018.

O livro aparece como material de leitura mais utilizado de forma unânime pelos alunos da Biblioteca Azul independentemente do local, inclusive em salas de espera de consultórios e salões de beleza.

Nestes locais, o índice de leitura de revistas também é notável, como era de se esperar devido à oferta destes materiais ser comum em ambientes como esses. As salas de aula, os lares e livrarias aparecem como locais de leitura preferidos de livros com 15,17% cada, somando 45,51%.

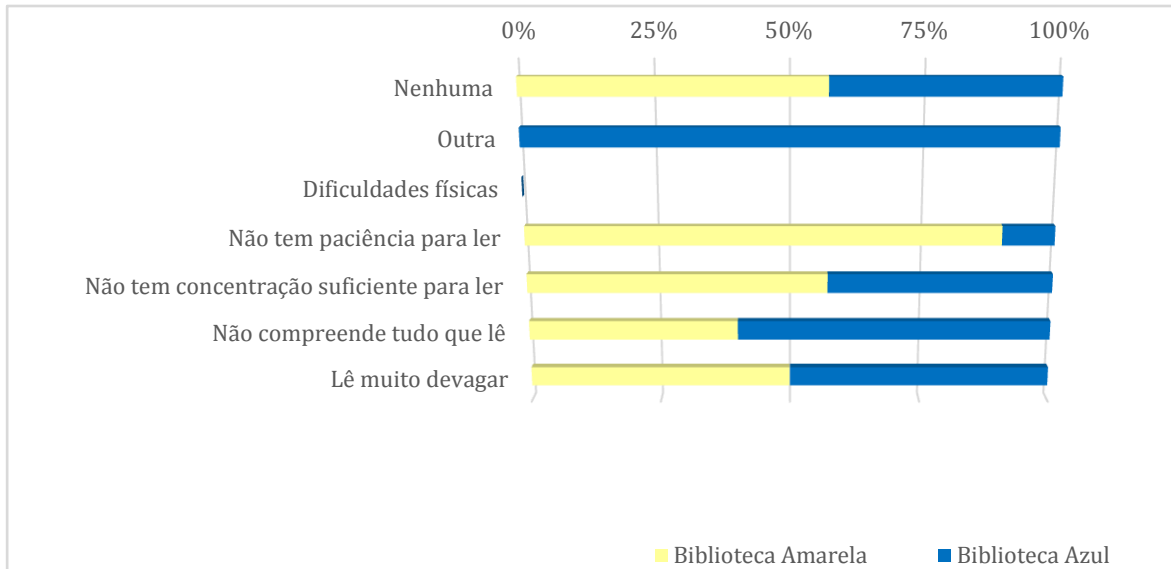
Aqui, vale o sétimo direito do leitor “O direito de ler em qualquer lugar”. (PENNAC, 1993). É importante que o leitor tenha escolha quanto ao lugar em que quer ler, buscando um lugar que se sinta confortável e a vontade para ler o que quiser.

Com relação às principais limitações e dificuldades para ler, dos alunos que afirmam não possuírem nenhuma dificuldade ou limitação, 57 % pertencem à Biblioteca Amarela.

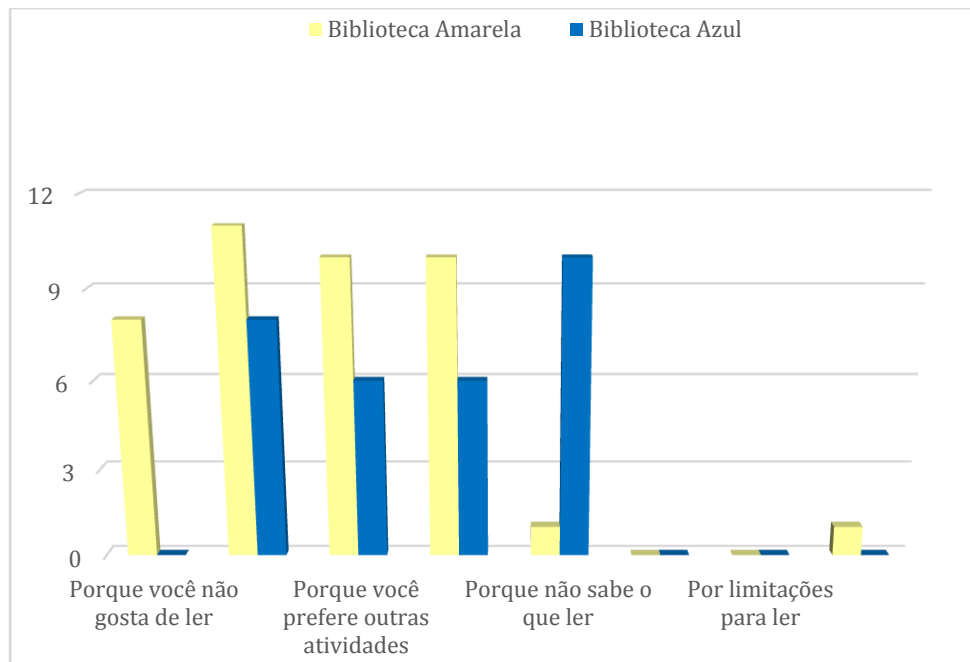
Nenhum aluno afirmou apresentar dificuldade físicas.

A falta de concentração e de paciência para ler apareceram como os maiores vilões e impeditivos para a leitura na Biblioteca Amarela. Já na Biblioteca Azul, a maior limitação apresentada foi o *stress*, assinalado a partir da opção “outra” e marcado por apenas um aluno.

Essa falta de concentração pode ser explicada quando levamos em consideração o perfil destes alunos. Segundo Monteiro (2010), é da natureza dos nativos digitais ser multitarefas e realizar várias atividades ao mesmo tempo, podendo então ser esse um dos motivos da dificuldade de concentração em uma só atividade.

**Gráfico 26 – Limitações e dificuldades para ler**

Fonte: A autora, 2018.

**Gráfico 27 – Razões para não ler ou não ler com mais frequência**

Fonte: A autora, 2018.

A falta de tempo (26,82%) seguida de preferência por outras atividades (24,39%), a preguiça e a falta de gosto pela leitura (24,39%) despontaram como as

principais razões para que os alunos da Biblioteca Amarela não leiam ou tenham uma maior frequência de leitura. Na Biblioteca Azul, o não saber o que ler (24,39%) e a falta de tempo (19,51%) se destacaram como as opções mais assinaladas pelos alunos. Um aluno assinalou a opção “outra” (2,43%) e mencionou o fluxo de trabalhos e deveres escolares como uma razão que atrapalha sua leitura.

### 7.2.2.3 Leitura durante a infância e práticas com criança

Os alunos foram questionados a respeito de quem eram os mediadores de leitura quando ainda não eram leitores totalmente independentes, isto é, quem eram os atores sociais que liam para eles na infância e com que frequência o faziam.

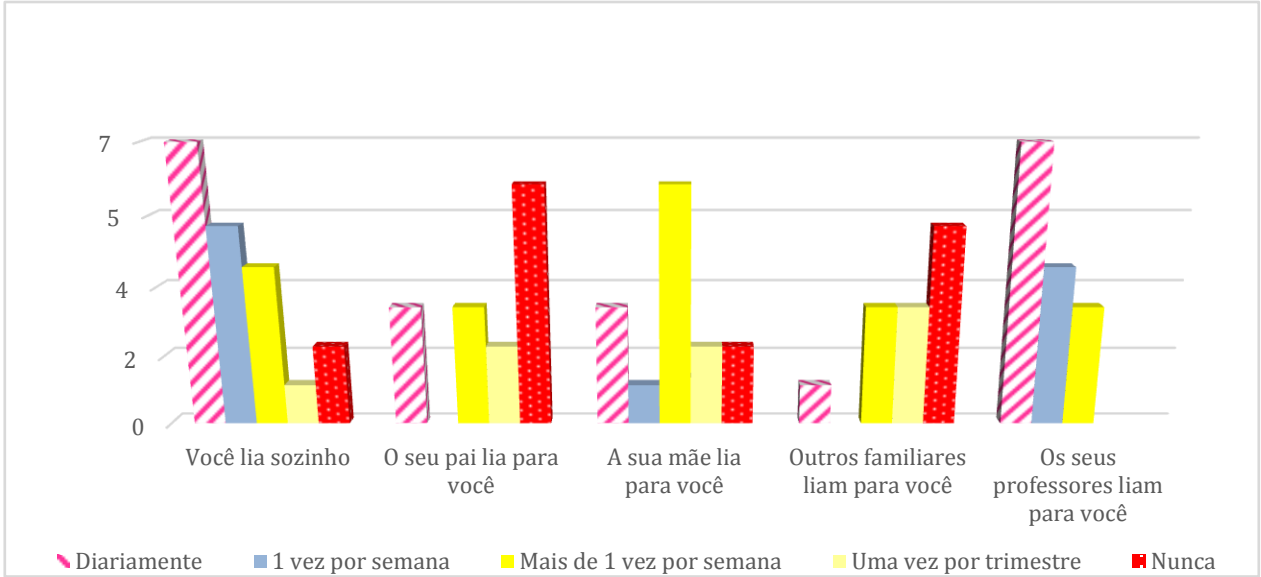
Nina (2008, p. 24) descreve a leitura como um “processo contínuo influenciado pelo contexto social em que o leitor se encontra”, sendo assim, os alunos sofrem influência, em relação a leitura, dos atores que estão em contato com seu universo.

Enquanto crianças, o contexto social do indivíduo pode ser resumido como família e escola. Tendo isso em vista, ao serem perguntados sobre os agentes de mediação de leitura ainda na infância, na Biblioteca Amarela, em relação à leitura diária, os professores aparecem como protagonistas com 33,33%, empatados com os alunos que liam sozinhos, com mesmo percentual.

Logo após, a figura mais marcante como mediadora é a figura materna com 31,57%.

Um ponto que vale a pena mencionar é que a figura paterna apresenta grande destaque para a opção de que nunca liam para estes alunos com 40%.

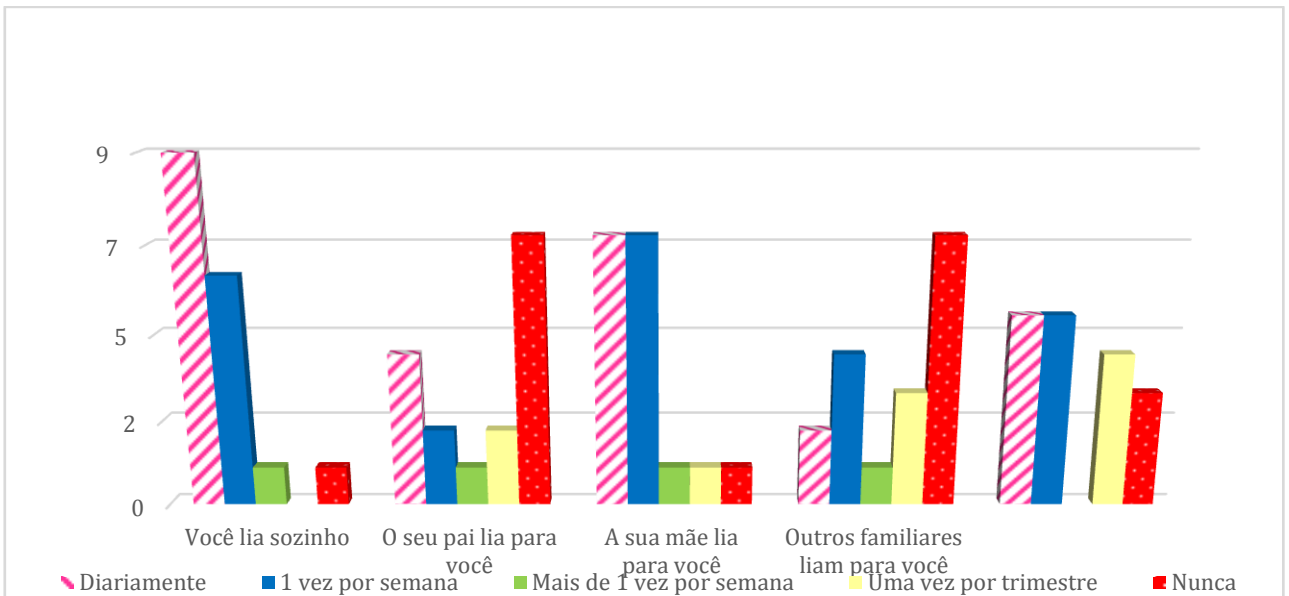
**Gráfico 28 – Mediadores de leitura na infância: Biblioteca Amarela**



Fonte: A autora, 2018.

Na Biblioteca Azul, em relação à leitura diária, os alunos que liam sozinhos são maioria (33,33%), a figura materna apareceu logo depois com 25,92% e seguida dos professores (18,51%). Mais uma vez, a figura paterna (14,81%) e outros familiares (7,40%) aparecem por último neste caso.

**Gráfico 29 – Mediadores de leitura na infância: Biblioteca Azul**

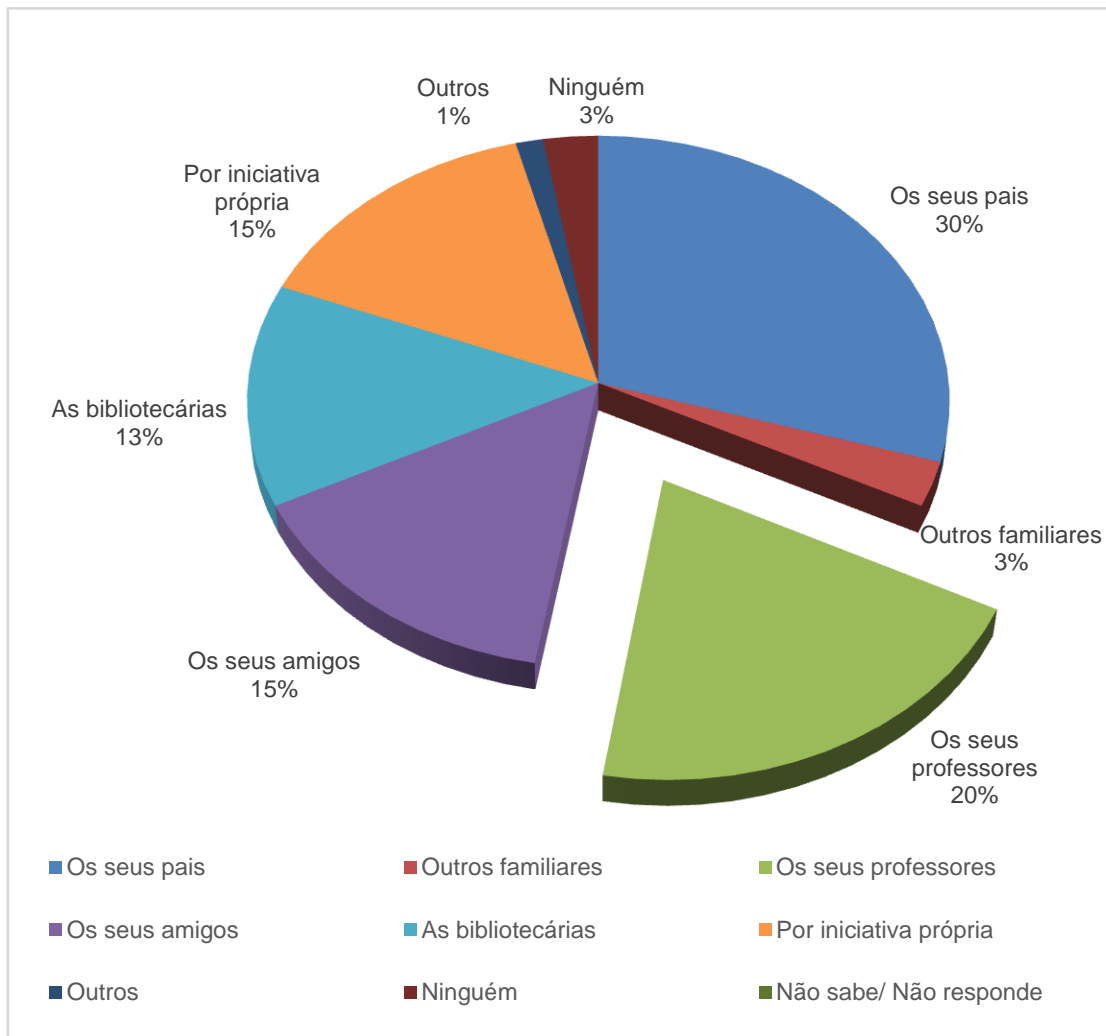


Fonte: A autora, 2018.

Na trajetória de formação de um leitor, é comum encontrarmos pessoas que influenciam nesse processo.

Quando questionados sobre quais as pessoas que influenciaram a iniciação dos estudantes quanto à leitura, a maioria dos alunos (30%) apontou seus pais como maiores influenciadores, seguidos de seus professores (20%) e seus amigos (15%). As bibliotecárias aparecem com 13% dos resultados.

**Gráfico 30** – Pessoas influenciadoras na iniciação à leitura: ambas as bibliotecas



Fonte: A autora, 2018.

Reforçando a influência leitora que os pais e familiares tem durante a infância, 64,70% dos alunos afirmaram que após aprenderem a ler, foram presenteados muitas vezes pela família com livros, revistas e histórias e quadrinhos.

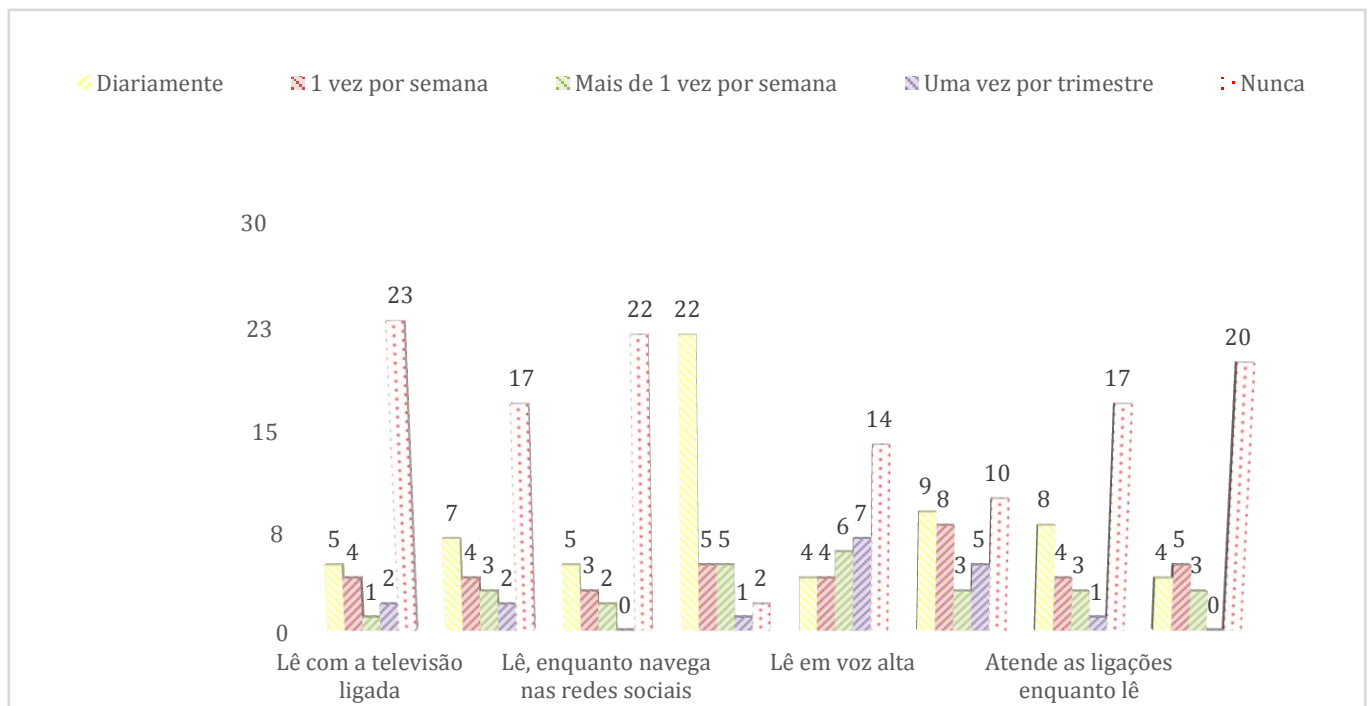
#### 7.2.2.4 Cenários transmidiáticos

A unidade Cenários Transmidiáticos busca relacionar a leitura com dispositivos de mídia e de que forma os respondentes lidam com esta relação.

Confirmando a natureza multitarefa dos nativos digitais, a maioria dos alunos informou ler em silêncio todos os dias (62,85%).

As opções mais assinaladas foram as que afirmam a não realização de atividade paralela à leitura, o que pode ser explicado e reforçado pelo fato de que neste mesmo questionário, a falta de concentração apareceu como um grande empecilho para que os alunos leiam mais.

**Gráfico 31 – Atividades paralelas à leitura :ambas as bibliotecas**



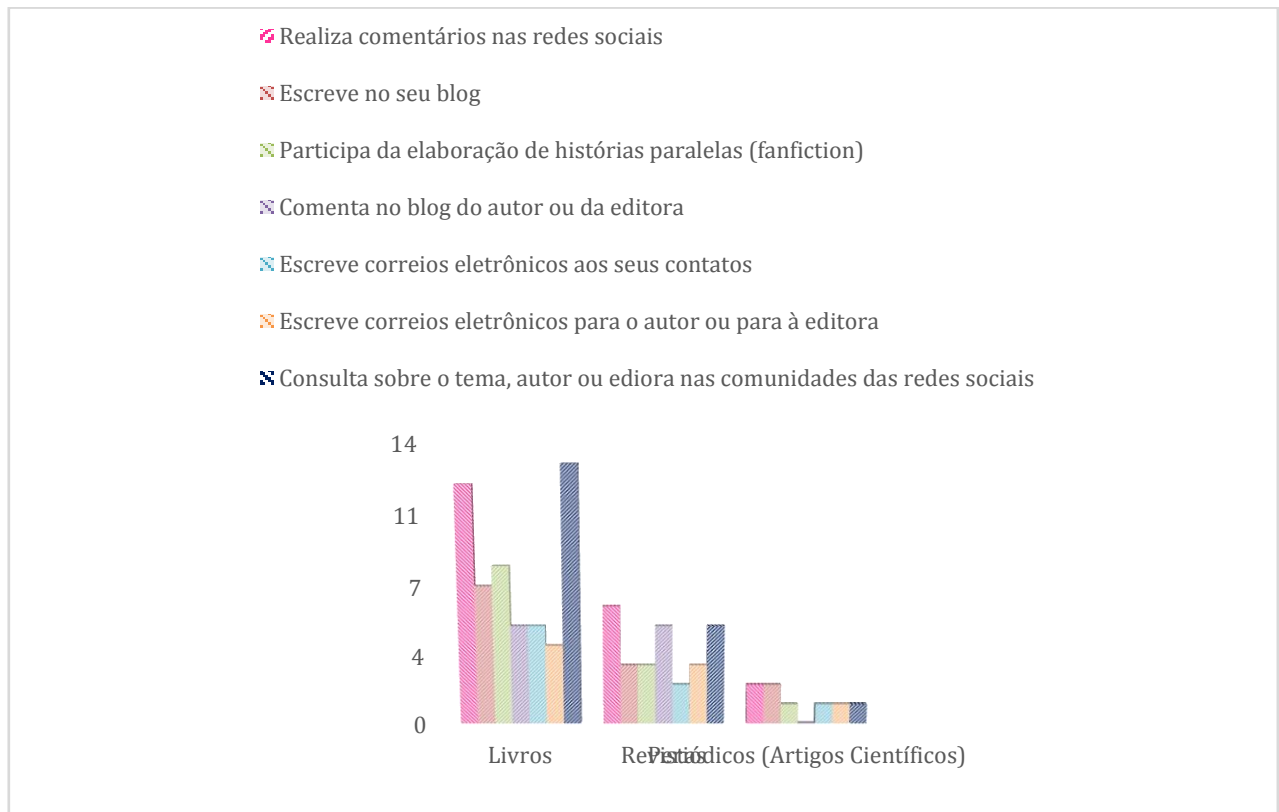
Fonte: A autora, 2018.



A opção mais assinalada foi a de nunca ler com a televisão ligada (65,71%), seguida de alunos que afirmam nunca ler enquanto navegam nas redes sociais (68,75%) e os que relatam que nunca fazem uso de aplicativos e sites de troca de mensagens durante suas leituras (62,5%).

Estas opções reforçam o Gráfico 26, onde a maioria dos alunos afirma não ler mais por falta de concentração, demonstrando que os respondentes preferem focar em uma só atividade enquanto leem, do que dividir sua atenção entre várias ações ao mesmo tempo.

**Gráfico 32 – Atividades participativas na Internet vinculadas à leitura: ambas bibliotecas**



Fonte: A autora, 2018.

A interação entre a leitura e a internet se mostrou mais evidente a partir da leitura de livros, se comparado à revistas e artigos de periódicos científicos. Dos leitores de livros, a atividade preferida é a consulta e pesquisa sobre o tema (24,07%), o autor ou

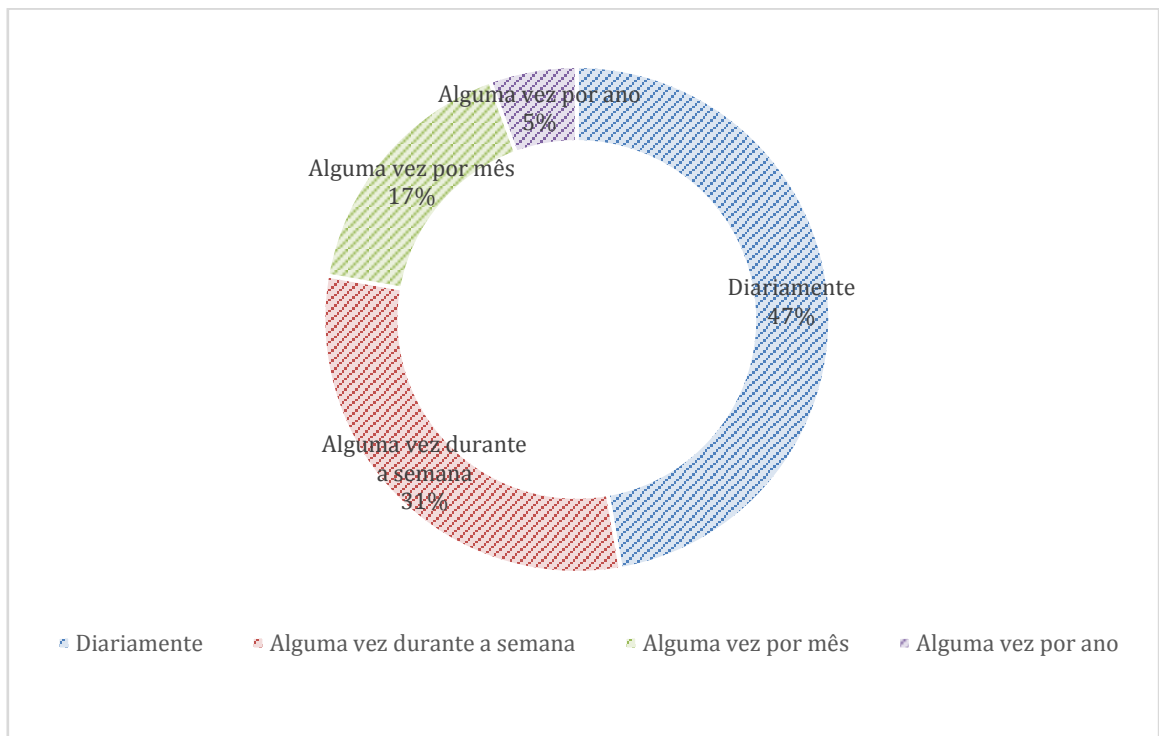
editora, seguida de comentários sobre as leituras nas redes sociais (22,22%), como era de se esperar.

Vale mencionar ainda a projeção que a elaboração de histórias paralelas (14,81%), também conhecidas como *fanfiction*, obteve. Conceito esse que reforça a teoria de Prensky (2001) de que os mediadores de leitura precisam se atualizar e adequar sua linguagem para alcançar os nativos digitais. (PRENSKY, 2001, p. 2, tradução nossa). De forma a buscar estratégias e ações que alcancem este público.

### 7.2.3 Perfil do leitor de livros

Dos 38 alunos entrevistados em ambas as bibliotecas, quando perguntados com que frequência faziam leitura de livros impressos, a maioria (47%) dos respondentes afirmou ler diariamente. Outros 37% afirmaram ler alguma vez durante a semana. Nenhum aluno em nenhuma das bibliotecas assinalou a opção de ler alguma vez no trimestre ou de nunca ler (0%).

**Gráfico 33** – Frequência de leitura de livros impressos



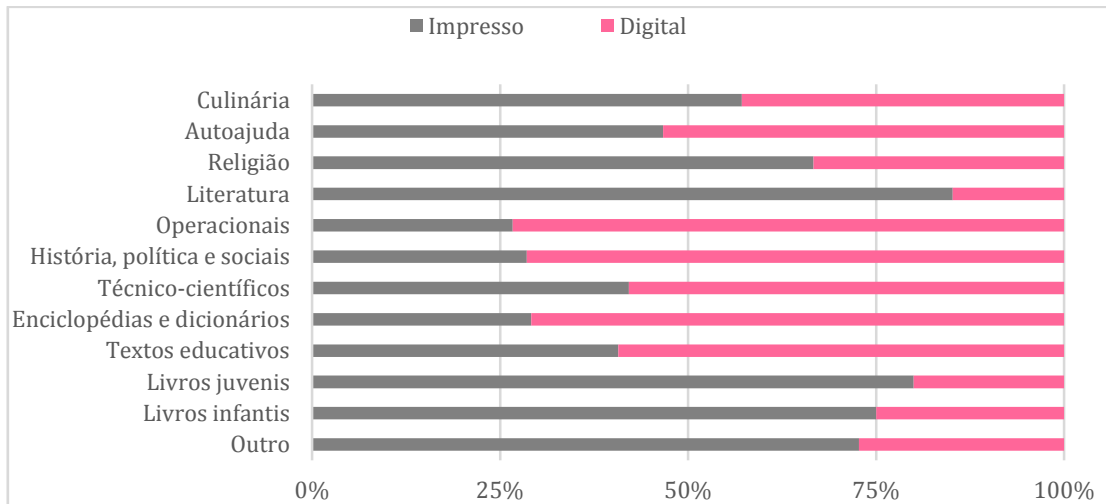
Fonte: A autora, 2018.

Quanto à preferência do material impresso ou digital para leitura, as respostas variam de acordo com o gênero de cada obra. Para títulos de literatura, a preferência para o material impresso (85,18%) se destaca em ambas bibliotecas. Muitas podem ser as razões que explicariam isso, tais como, a obrigatoriedade de ler estes títulos para trabalhos escolares; o fato de as bibliotecas e a instituição em si disponibilizar tais

títulos no suporte impresso, entre outros. Não foi possível, entretanto, através da coleta de dados investigar as razões para a escolha desta opção.

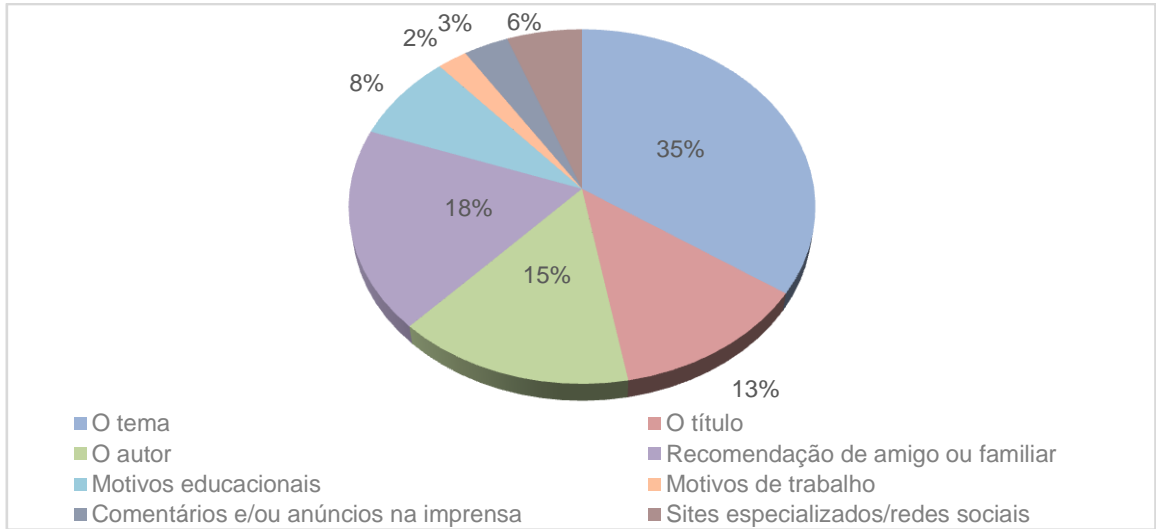
O mesmo ocorre com livros infantis (75%) e juvenis (80%). O material digital mostra-se favorito para leitura de títulos operacionais (73,33%), enciclopédias e dicionários (68%) e de história, política e sociais (71,42%).

**Gráfico 34 – Leitura de livros impressos x digitais: ambas as bibliotecas**



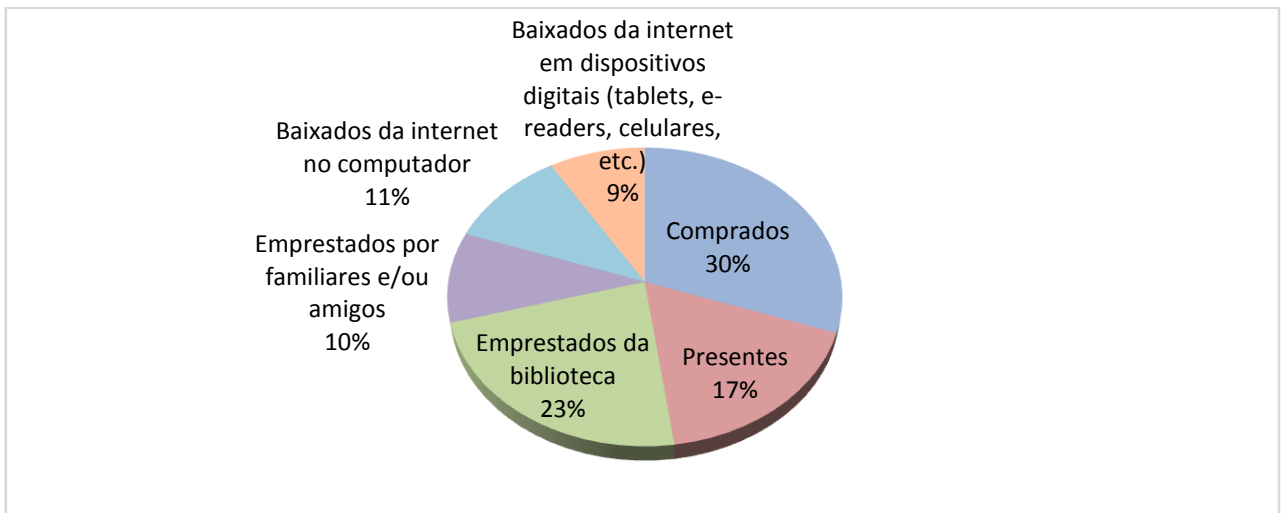
Fonte: A autora, 2018.

Ao serem questionados sobre quais as principais motivações para a escolha de um livro para leitura, a maioria dos alunos (35%) afirmou que o tema é seu principal critério, seguido de recomendações de amigos ou familiares (18%). Uma aluna escreveu em seu questionário que faltava a opção capa, pois costuma escolher suas leituras a partir da beleza das capas.

**Gráfico 35 – Motivações para escolha de livro: ambas as bibliotecas**

Fonte: A autora, 2018.

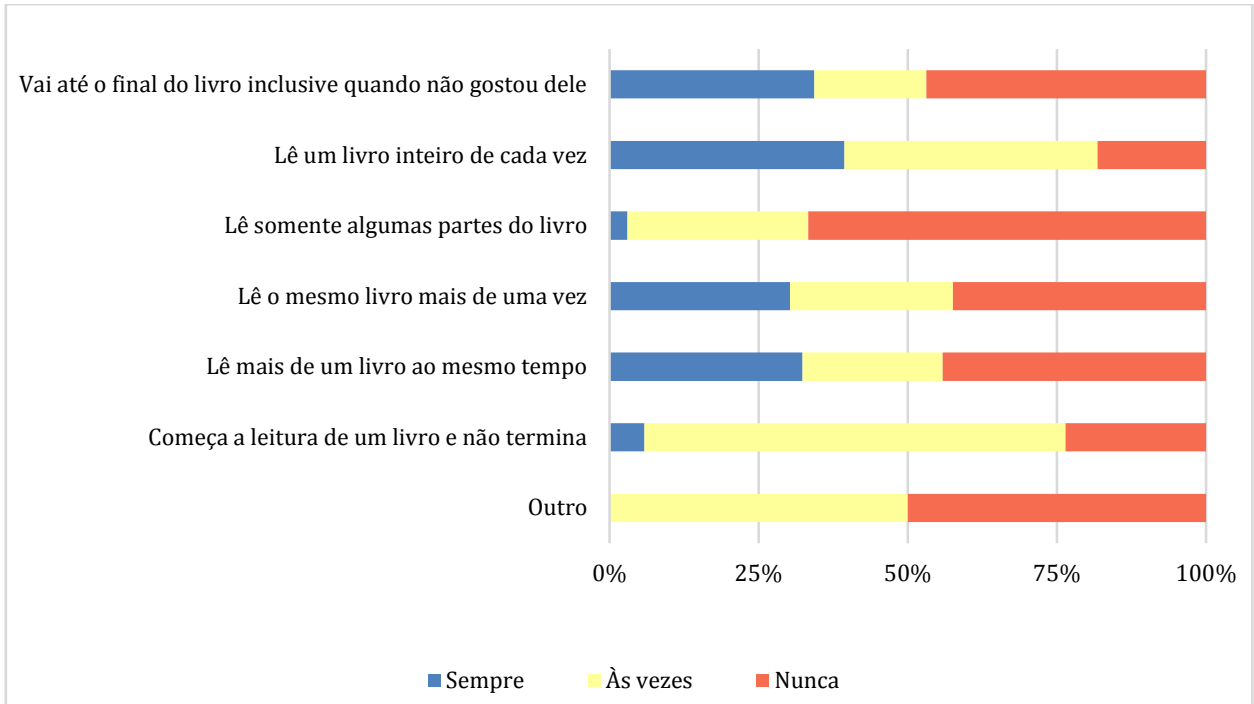
Em relação à forma de aquisição dos títulos, a maioria (30%) afirmou preferência por comprar seus próprios títulos, seguidos daqueles que relatam utilizarem fazer uso dos empréstimos da biblioteca (23%) e presentes (17%), conforme é possível visualizar no gráfico abaixo.

**Gráfico 36 – Origem dos livros lidos: ambas as bibliotecas**

Fonte: A autora, 2018.

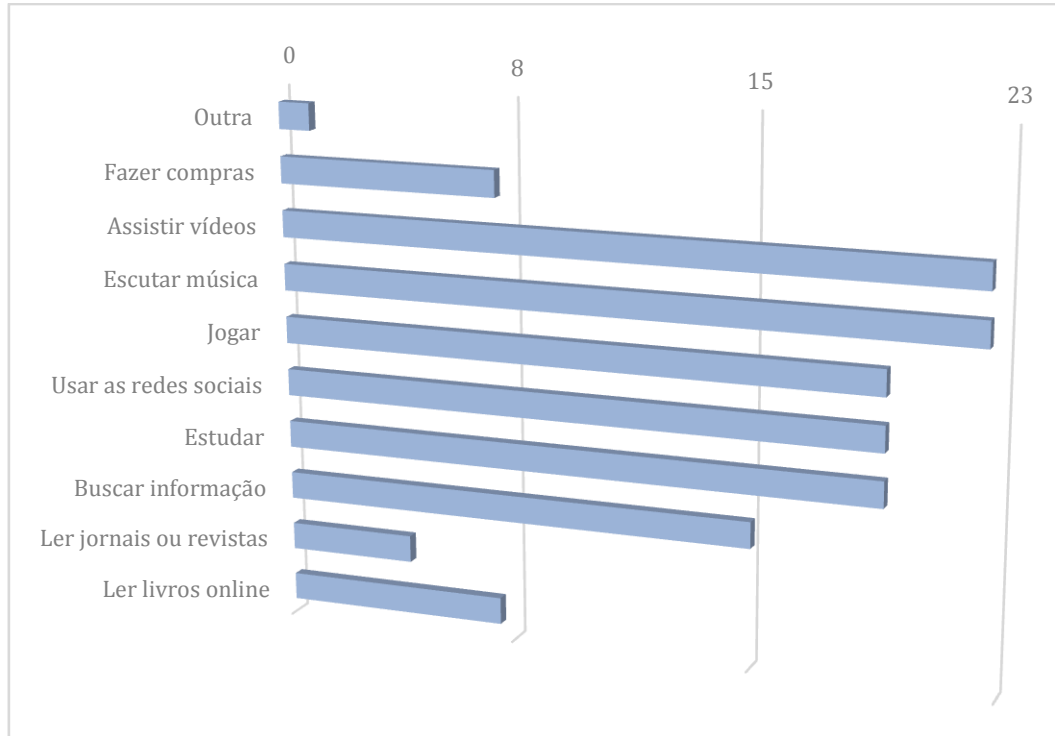
Quanto às práticas leitoras, a maioria (70,58%) dos respondentes declara começar a leitura de um livro e não terminar às vezes. Direito este também defendido por Daniel Pennac (1993), o direito de começar um livro e largar e/ou também o direito de pular partes do livro.

**Gráfico 37 – Práticas leitoras: ambas as bibliotecas**



Fonte: A autora, 2018.

Já (66,66%) afirmou nunca ler somente algumas partes do livro. Quanto às práticas fixas comuns, podemos destacar a leitura de um livro na íntegra por vez com 39,39%.

**Gráfico 38 – Principais razões para conexão à Internet: ambas as bibliotecas**

Fonte: A autora, 2018.

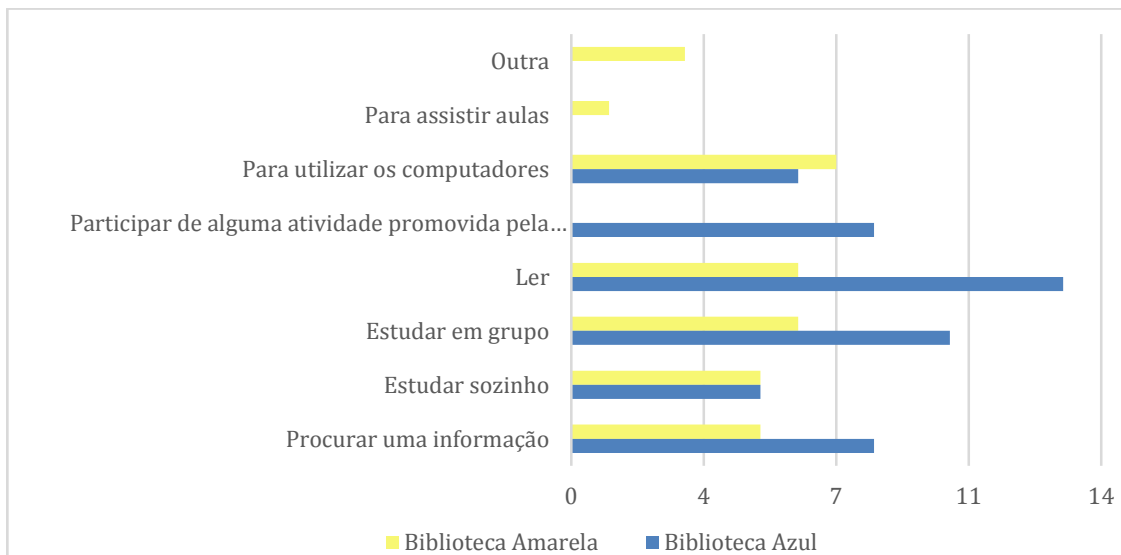
Ouvir música (16,29%) e assistir vídeos online (16,29%) foram apresentadas como as principais razões para conexão à Internet pela maioria dos respondentes de ambas as bibliotecas, totalizando juntas 32,59%. Seguidos de jogar, estudar e usar as redes sociais com (14,07%) cada.

Ler livros online (5,18%) figura como uma das últimas opções dos alunos ao conectar-se à internet.

### 7.2.4 Uso de bibliotecas

Ao serem indagados pelas razões que os levava a usar a biblioteca, os respondentes de cada uma das bibliotecas estudadas apresentaram respostas diferentes, porém, os resultados foram agrupados em um só gráfico para facilitar a visualização. As barras azuis correspondem às respostas da Biblioteca Azul e as barras amarelas correspondem às respostas da Biblioteca Amarela.

**Gráfico 39 – Motivos para uso da biblioteca: ambas as bibliotecas**



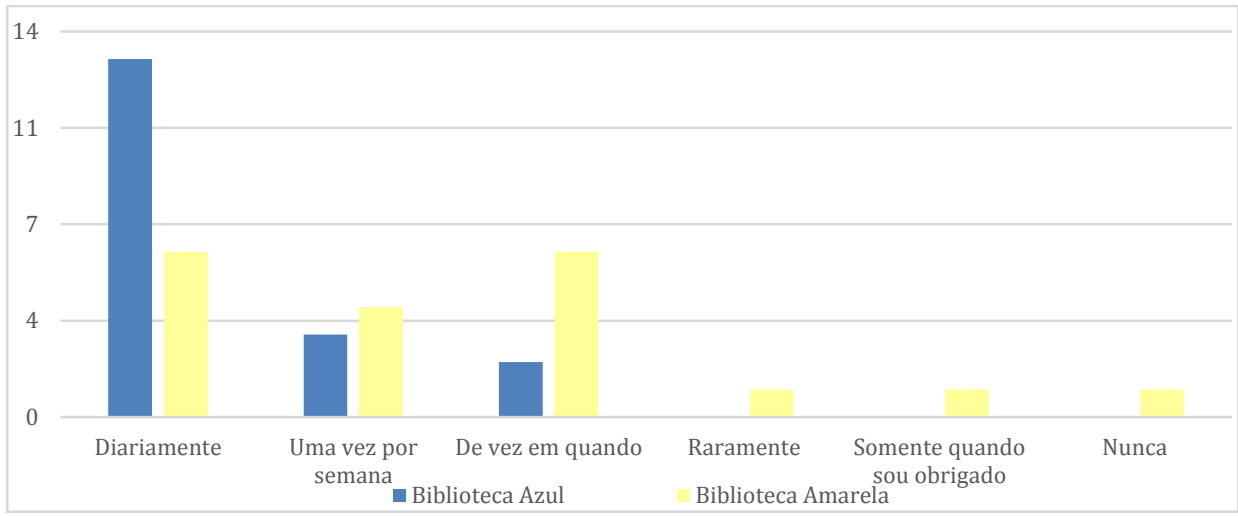
Fonte: A autora, 2018.

Na Biblioteca Amarela, a maioria dos alunos afirma que utilizar os computadores (21,21%) é a principal razão para visitarem a unidade. Seguidos de leitura e estudo em grupo (18,18%) cada.

Já na Biblioteca Azul, ler figura como a principal, seguida de estudo em grupo e participação em alguma atividade promovida pela biblioteca.

Na Biblioteca Amarela, a opção “Outra” aliada a descrição de leitura nos computadores foi assinalada por 9,09% dos respondentes.

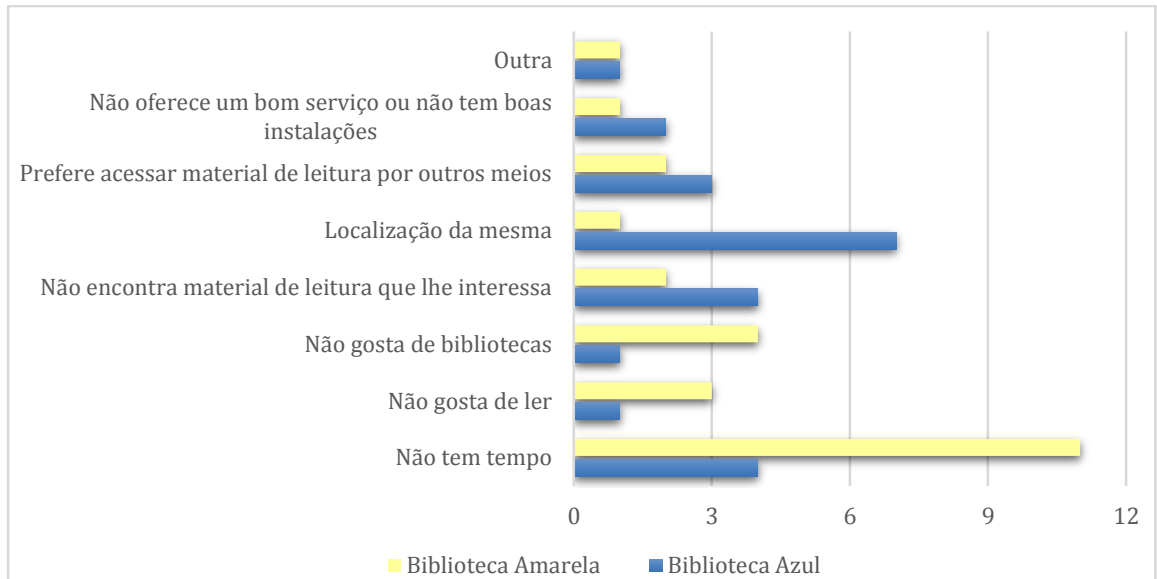


**Gráfico 40 – Frequência de visitas à biblioteca da escola**

Fonte: A autora, 2018.

Em relação à frequência de visita às bibliotecas de sua escola, os alunos de cada uma das unidades também divergiram em suas respostas. Na Biblioteca Amarela, a predominância de alunos está entre os que afirmam ir à biblioteca diariamente e de vez em quando com 31,57% cada, totalizando 63,15% dos alunos. Já na Biblioteca Azul, os alunos que visitam sua biblioteca diariamente são maioria absoluta com 72,22%.

Em consonância com Nobrega (2009), é preciso que o bibliotecário de hoje se reinvente e não seja passivo nem se acomode. Fora de sua zona de conforto, é possível pensar em estratégias para atrair mais e mais leitores.

**Gráfico 41 – Razões para não utilizar a biblioteca com mais frequência**

Fonte: A autora, 2018.

Quando perguntados sobre quais as razões que os impediam de visitar a biblioteca de sua escola com mais frequência, os respondentes da Biblioteca Amarela, afirmam que a principal razão é a falta de tempo (44%) justificada pela rotina intensa de provas e atividades que o currículo escolar e em período integral apresenta.

Na Biblioteca Azul, a localização (30,43%) foi apontada como principal impeditivo, também explicado por uma questão estrutural. Nesta unidade, a biblioteca está localizada no sétimo andar do prédio principal do *campus*. E os alunos, salvo exceções com comprovações médicas, não são autorizados a utilizar os elevadores, por uma questão de capacidade de carga, tendo que subir e descer através das escadas caso decidam visitar a biblioteca.

Outras razões foram apresentadas pelos alunos que assinalaram a opção “Outra” como a proibição do uso de telefone celular (4,34%) e a falta da companhia dos amigos que não tenham os mesmos interesses por leitura (4%).

### 7.2.5 Atividades de mediação

Em relação ao gênero lido que identifica um verdadeiro leitor, também tivemos resultados diferentes para cada uma das bibliotecas.

Na Biblioteca Amarela, a maioria dos respondentes acredita que um verdadeiro leitor é aquele que consome clássicos da literatura, seguidos de ficção contemporânea e jornais.

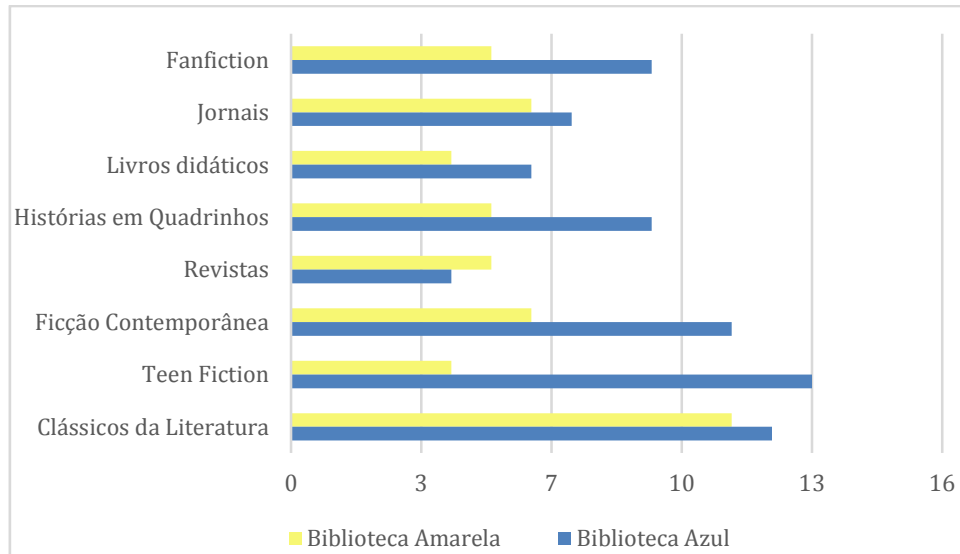
Este resultado surpreendeu e contrariou completamente a teoria que tínhamos acreditado antes da coleta de dados. A surpresa não foi quanto ao discurso, mas de quem o apresentava. Era esperado este tipo de convicção vinda de profissionais e mediadores de leitura, mas não de alunos.

Uma possibilidade é que esta seja uma evidência da repetição de um discurso acreditado por profissionais mais tradicionais. Conforme afirma Petit (2013), este discurso cria uma barreira entre a leitura e os jovens, quando o objetivo acaba sendo satisfazer as expectativas dos adultos do universo daquele leitor (pais, professores, bibliotecários) e não dos próprios alunos. (PETIT, 2013, p. 22).

Já na Biblioteca Azul, cerca de (18,71%) acredita que o leitor de títulos conhecidos como *Teen Fiction*, isto é, ficção para adolescentes, pode ser considerado um leitor. Fato este explicável a partir da faixa etária dos respondentes. Logo após, apresentamos a preferência por clássicos da literatura (16,90%), seguido de ficção contemporânea.

Importante notar a diferença entre as preferências de cada uma das unidades. Enquanto na Biblioteca Azul, o gênero *Teen Fiction* aparece como o preferido para identificar um leitor; na Biblioteca Amarela, o mesmo gênero figura como o preterido (8,69%).

Foi sugerida, por parte de um respondente, a seguinte frase ainda como uma nova opção “Um leitor é aquele que lê o que interessa.”, frase esta que confirma o objeto desta pesquisa, mas que, apesar de condizer com o que foi encontrado na Biblioteca Azul, ainda vai de encontro aos resultados obtidos na Biblioteca Amarela.

**Gráfico 42 – Relação de leitor com o gênero literário**

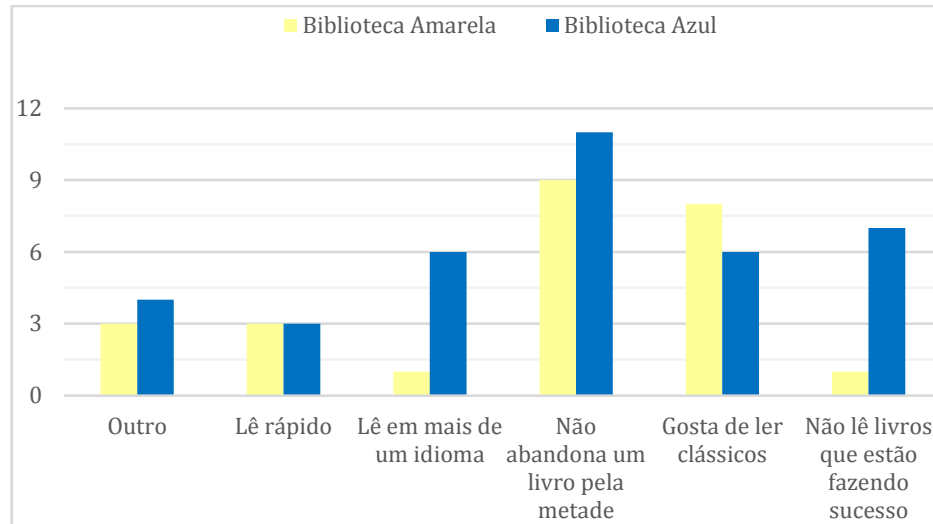
Fonte: A autora, 2018.

A maior parte dos alunos, tanto da Biblioteca Azul (29,72%) quanto da Biblioteca Amarela (36%), acredita que para ser considerado leitor é necessário não abandonar um livro pela metade e terminar todas as suas leituras na íntegra, contrariando o que acredita Taylor (1982) quando discorre sobre a leitura “[...] o privilégio de escolher sobre o que ler, quando e como quer ler e inclusive o de **abandonar a leitura**, se assim o desejar.” (TAYLOR, 1982 apud CAMPELLO, 2003, p. 4, grifo nosso).

Na Biblioteca Amarela, acredita-se também que o gosto pela leitura de clássicos seja condição para ser considerado leitor com 32%. Já na Biblioteca Azul, surpreendentemente, muitos (18,91%) alunos acreditam que o leitor é aquele que não lê livros que estejam fazendo sucesso, os conhecidos como *best sellers*, ou que precisa ler em mais de um idioma (16,21%).

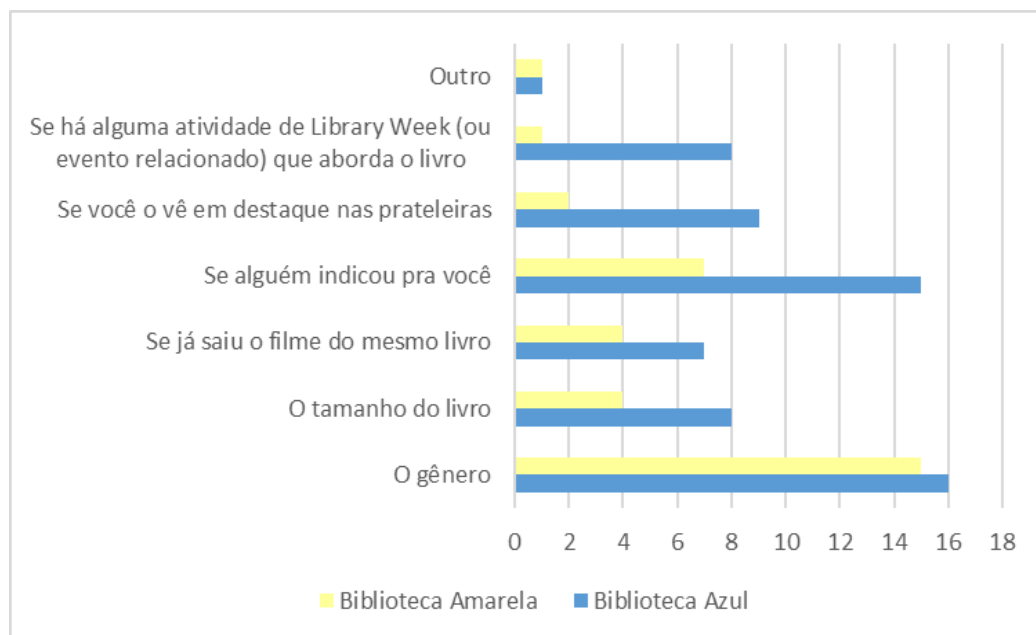
A opção “Outro” foi marcada por 11,29% dos respondentes, e foi possível encontrar respostas como “Quem gosta de ler”; “Ama ler”; “Lê e ama livros” e “Não sei”.

Esses últimos dados foram extremamente surpreendentes. Perceber que os próprios alunos enxergam a leitura como se ser leitor fosse cumprir um protocolo cheio de regras e com um peso de obrigação dispensado à leitura por prazer.

**Gráfico 43 – Condições para ser considerado leitor: ambas as bibliotecas**

Fonte: A autora, 2018.

A última questão indaga sobre as motivações dos respondentes para se interessar por um título.

**Gráfico 44 – Motivações para interesse por um livro**

Fonte: A autora, 2018.

Na Biblioteca Amarela, o gênero (44,11%) aparece como principal critério para o interesse dos respondentes por um livro. Na Biblioteca Azul, o gênero (25%) aparece como destaque seguido de indicações e recomendações (23,43%).

Tébar (2011) descreve o trabalho do mediador como “Trata-se de iluminar a partir de diferentes pontos um mesmo objeto do nosso olhar.” (TÉBAR, 2011, p. 77).

Vale a pena mencionar o índice de alunos (14,06%) que afirmam se interessar por um título a partir da exposição do mesmo em prateleiras no espaço da biblioteca e, principalmente, os que despertaram seu interesse a partir de atividades de mediação realizadas em eventos como a *Library Week*<sup>16</sup> (12,5%), ressaltando assim a importância de atividades que busquem auxiliar o leitor no caminho até encontrar os livros e se encontrar neles. Para então se perder novamente!

Ficou claro através da coleta de dados que os alunos das duas unidades da instituição possuem perfil leitor. Entretanto, não se identificam desta forma. Talvez, seja necessário nestes eventos e ações de mediação levar os próprios alunos a refletirem o que é leitura e o que faz de um leitor, leitor.

Reiterando as entrevistas, é possível identificar semelhanças e diferenças. Semelhanças na estrutura das bibliotecas, nas rotinas e práticas. E diferenças na percepção do que é leitura por cada uma das bibliotecárias, além de algumas pontuais respostas aos questionários.

É bem verdade que as respostas se complementam, mas a sutil diferença pode ser o fator que justifique estas diferenças dos discursos apresentados nos questionários.

Quando indagadas sobre o que é leitura, a bibliotecária A respondeu de forma a concordar com a definição de Paulo Freire de que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, do texto em si, frisando a importância da contextualização e da flexibilização às necessidades de cada um dos usuários.

*Acho que a gente cultiva a leitura, a gente cultiva um aluno quando ele vem pra pegar um livro emprestado, quando ele vem pra pedir uma sugestão, a gente vai cultivando essa leitura. A leitura é um hábito. Na*

---

<sup>16</sup> Semana da Biblioteca. Tradução nossa.

*biblioteca, enquanto bibliotecária, a gente quer criar esse hábito. A minha posição é de querer criar esse hábito, querer trazer pra biblioteca. Que essa biblioteca seja aconchegante e o lugar onde eles vêm para buscar informação, pra buscar a leitura, pra buscar o desenvolvimento também, através da leitura.*

A bibliotecária B apresenta uma visão mais técnica e defende que “*a leitura seria a representação de um pensamento sobre um assunto, sendo ele técnico ou por prazer, por curiosidade, algo assim.*” concordando com a definição de Cunha e Cavalcanti (2008) onde a leitura é apresentada como decodificação de signos gráficos.

A perspectiva mais técnica explica a natureza de algumas das atividades de mediação realizados pela biblioteca B como a semana do livro, evento não realizado pela biblioteca A. O foco da Semana do Livro é fazer um grande treinamento de usuários.

Por outro lado, ambas as bibliotecárias realizam eventos que focam na leitura: a Semana da Biblioteca. Estes eventos colaboram para que as bibliotecas sejam dinâmicas e haja uma integração dela com a comunidade escolar.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa pesquisa foi investigar o comportamento leitor de alunos de uma determinada escola internacional de língua inglesa, localizada no Rio de Janeiro, utilizando a metodologia comum da CERLALC/UNESCO, que busca identificar de que maneira a leitura é praticada e percebida (CERLALC, 2015).

A partir de então, seria possível apresentar tais resultados, que auxiliariam na elaboração de propostas de atividades de mediação de leitura para bibliotecas escolares, de forma a auxiliar e incentivar a formação e desenvolvimento de leitores.

Foram aplicados métodos quantitativos e qualitativos, que vão desde o levantamento bibliográfico, a aplicação de entrevista aos profissionais responsáveis por cada uma das bibliotecas, e a aplicação de questionário a uma amostra de alunos das instituições estudadas. Identificar as necessidades dos alunos se mostra primordial para fornecer subsídios para elaboração de um programa de atividades que busque suprir as lacunas encontradas e cumprir tais demandas.

Os dados coletados através da aplicação de questionários foram tabelados em planilhas de Excel, sintetizados, e analisados gerando extratos visualizados através de gráficos na seção dedicada a resultados deste trabalho.

Os áudios coletados através das entrevistas concedidas foram transcritos e disponibilizados nos apêndices deste trabalho. Além disso, foram analisados e incorporados à esta dissertação.

A leitura constituiu o alicerce e também o ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa, visando abordar o incentivo à leitura e a formação de leitores, ressaltando a importância de atividades de mediação de leitura adequadas e adaptadas a cada faixa etária e ao perfil de leitura, por exemplo.

Sendo assim, é possível propor atividades de mediação de leitura que sejam adaptáveis a cada tipo de biblioteca; aos recursos nelas disponíveis; fazendo uso de materiais acessíveis; destinados a determinadas faixas etárias e ao interesse temático por parte dos alunos.

Faz-se necessário ouvir e perceber o que o aluno precisa e, mais do que isso, o que quer ou espera receber das ações de mediação, para então planejar e direcionar



ações que possam suprir estas necessidades, fomentar o prazer e a ludicidade na leitura, e principalmente, desmistificar a ideia da leitura clássica e erudita, permitindo assim com que o aluno se identifique com o que é proposto. E mais, contextualize os elementos presentes nas leituras e atividades com os elementos presentes em sua realidade e adaptando a linguagem para que a comunicação entre as partes seja bem sucedida.

A hipótese anterior à coleta de dados era de que os alunos possuíam comportamento leitor e tinham ciência disso, e a resistência e discordância quanto isso viria somente dos profissionais mediadores de leitura (professores, bibliotecários, educadores...).

Porém, com base nos resultados, confirmando e ao mesmo tempo negando esta hipótese, foi constatado que a maioria dos alunos integrantes do grupo de estudantes pesquisado possui comportamento leitor sim.

Confirmando, porque a maior parte dos alunos é considerada leitora (independente de que tipos de obra lê).

E negando, porque a maioria destes alunos não tem esta percepção de que o que eles lêem e na frequência que lêem já os classifica como leitores. Afinal, segundo Pennac (1993), o leitor tem seus direitos e podemos resumi-los em ler o que quiser, como quiser e onde e quando quiser.

Embora afirmem ler diferentes tipos de materiais e suportes, os alunos em sua maioria, não se consideram leitores. Notou-se um discurso talvez já enraizado e herdado pelo que aprenderam como referência de leitura. Eles afirmam que leem, porém acreditam que “leitor é aquele que lê clássicos” ou, que lê em mais de um idioma e por vezes, o que nunca abandona uma leitura.

Pobres de nós se esta percepção fosse uma verdade universal. Teríamos ainda menos leitores e cada vez mais os alunos se distanciariam dos livros e da leitura por não se identificarem.

Ao aplicar o questionário, e conversar com os alunos, foi possível notar uma imediata falta de identificação de alguns estudantes. Ao serem convidados a responder à uma pesquisa sobre leitura, parte dos alunos afirmou que eles não eram elegíveis para responder, uma vez que, não se consideravam leitores.

Foi necessário explicar que a opinião deles era importante e que contribuiria bastante para esta investigação. Foi preciso demonstrar que a opinião e voz deles era importante para a construção de uma biblioteca escolar.

Quando perguntados sobre a principal condição para ser considerado leitor, a maior parte (32,25%) dos alunos, de ambas as bibliotecas estudadas, acredita ser aquele que termina suas leituras na íntegra, que não abandona um livro pela metade.

Neste caso, trazemos à memória um dos direitos do leitor de Daniel Pennac (1993):

Bem, temos a escolha: ou vamos pensar que é *nossa culpa*, que temos uma telha de menos, que abrigamos uma porção irreduzível de burrice, ou vamos bisbilhotar do lado da noção tão controversa do gosto e buscar estabelecer o mapa dos nossos gostos cuidadosamente.

Deve-se defender e divulgar na comunidade escolar, entre os alunos e até mesmo profissionais os direitos do leitor, a liberdade de leitura!

Defendemos a liberdade de expressão, mas, a partir de nossos resultados, é possível observar que ainda não há uma liberdade de leitura e que a mesma ainda está envolta a uma idealização que distancia o aluno e faz com que ele tenha dificuldades de se identificar como um leitor.

Muitos alunos ainda relacionam a leitura com a figura da pessoa culta, que domina vários idiomas (37% na Biblioteca Azul), erudita e que tem prazer na leitura de clássicos da literatura (22,58%).

Precisamos defender os direitos imprescindíveis ao leitor (PENNAC, 1998), principalmente os que dizem respeito à escolha de seus títulos priorizando o prazer e o gosto, sem imposições.

Propusemos ações de mediação de leitura para bibliotecas escolares, como produto resultante da pesquisa, que visem despertar o prazer pela leitura, o desenvolvimento da formação de leitores e a divulgação de títulos contemporâneos ou quaisquer à escolha.

É bem verdade que na falta de tempo para planejamento de atividades e carga de trabalho extensa de profissionais de ensino, lançamos mão de atividades e obras já trabalhadas e repetitivas como resumos, resenhas, debates, em que muitas vezes, os alunos não se sentem motivados ou interessados a participar, por falta de identificação

com os títulos, falta de interesse ou por acharem simplesmente que não entendem o que é falado na literatura e nos títulos clássicos.

Um bom exemplo disso são as simulações de júris baseados no romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Na tentativa de gerar interesse e envolvimento com a trama, os alunos são divididos em grupos de contra, a favor e neutros para tentar defender se *Capitu* traiu ou não *Bentinho*.

É nítido o efeito que atividades como esta podem gerar no ambiente de sala de aula. Não se trata mais somente de ler um resumo ou resenha crítica pronta da internet para fazer uma prova sobre um título abordado no currículo escolar. Trata-se de uma atividade onde os alunos são convidados a adentrar a cabeça de cada um dos personagens, a investigar o contexto da época, a elaborar hipóteses, e desta maneira, a fazer parte da trama. Desta maneira, a descoberta se *Capitu* cometeu ou não adultério, passaria a ser só mais um detalhe dentro de todo o contexto da história.

As mudanças na forma de relacionamento com o que se é lido, e de apropriação das informações, demandam que sejam realizadas ações para ensinar os usuários a fazer o melhor uso possível das bases de dados e ferramentas de pesquisa que a biblioteca disponibiliza

Ao longo de todo o processo de pesquisa e principalmente coleta de dados, ficou muito clara a importância de que os mediadores, educadores, professores, bibliotecários sejam, antes mesmo de exercerem seus papéis profissionais, também leitores.

Para encantar e convencer, é necessário antes acreditar na mesma verdade. Não são as palavras faladas que contagiam, mas o brilho no olhar de quem se apaixonou tanto por uma história e seus personagens que gostaria de dividir este prazer também. E então a mágica acontece.

É preciso ainda considerar que esta pesquisa é um retrato de uma pequena parcela do universo de bibliotecas escolares e que possui uma realidade elitizada, com recursos à disposição e alunos com acesso à uma educação privilegiada.

Acreditamos, porém, que este pode ser o ambiente propício para que atividades de mediação sejam testadas para então serem compartilhadas e adaptadas a

quaisquer outras realidades, considerando as limitações de cada unidade de informação, instituição e equipe de profissionais.

## 9 PROPOSTAS DE AÇÕES DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Conforme falado nas seções anteriores, a mediação de leitura caracteriza-se como importante instrumento para conectar o aluno e a leitura, principalmente na biblioteca escolar. Há uma infinidade de atividades a serem realizadas, e que podem ser facilmente adaptadas de acordo com a realidade e necessidade local. Sabemos que para tal, é necessário planejamento e recursos, estes nem sempre disponíveis. E é na ausência de recursos e do cenário ideal, que a criatividade é convidada a se expressar.

Neste capítulo, será possível encontrar uma compilação de ideias de ações e atividades para promover a leitura, a diversão leitora e as bibliotecas. Algumas criadas pelas bibliotecárias responsáveis pela instituição estudada, outras encontradas a partir de referências internacionais. E outras criadas pelos autores deste trabalho.

### 9.1 ESPAÇO FÍSICO

O espaço físico de uma biblioteca tem o poder de auxiliar no encantamento ou causar repulsa.

Um ambiente colorido, planejado e aconchegante torna-se atrativo, pois é agradável aos olhos. Os murais são ferramentas tradicionais e relativamente comuns para comunicação e exposição de reportagens, fotos, artigos, e outras informações.

A equipe da biblioteca, se dispuser deste recurso, poderá utilizar como espaço para divulgação de regras da biblioteca, bem como políticas de circulação, prazo para empréstimos, horário de funcionamento e quaisquer informações que possam interessar aos alunos. Porém, não há necessidade de se limitar.

Outras ideias para uso dos murais são divulgação de novos títulos incorporados ao acervo, divulgação de artigos publicados em periódicos ou bases de dados que a unidade tenha assinatura, promoção e divulgação de títulos ou gêneros subutilizados, divulgação de eventos, exposições, entre outros.

Os principais materiais necessários para elaborar um mural são:

- O espaço (planejado para isso ou não);
- Impressora e computador (na ausência deste recurso, é possível fazer os cartazes à mão);
- Grampeador e grampos;
- Papel A4 (cores diversas);
- Tesoura e cola escolar.

Abaixo, é possível visualizar um exemplo de mural utilizado como expositor de regras da biblioteca. Localizado logo à entrada da Biblioteca Azul, o mural funciona como um lembrete aos alunos do que é permitido ou não fazer no espaço que pretendem acessar.

**Figura 45 – Mural de regras da Biblioteca Azul**



Fonte: A autora, 2018.

Ainda no que tange aos murais, dada a estrutura arquitetônica da Biblioteca Amarela, não há paredes disponíveis para a colocação de um mural fixo. Foi realizada então, uma adaptação de uma divisória localizada entre o balcão de referência e as mesas de estudo da biblioteca.

É possível inclusive, adaptar o espaço de outras formas, expondo cartazes sinalizadores com regras e o que mais interessar, pelas mesas, paredes, em cima dos balcões e até entre as estantes.

**Figura 46** – Mural improvisado: regras Biblioteca Amarela



Fonte: A autora, 2018.

Aqui, é possível visualizar os cartazes colados diretamente nas divisórias. Se houvesse uma parede, seria possível obter o mesmo efeito.

**Figura 47 – Mural improvisado: boas vindas e normas Biblioteca Amarela**



Fonte: A autora, 2018.

## 9.2 JOGOS E LEITURA

A criança e o adolescente, seres ainda em formação, são seres humanos portadores de fortes potencialidades de desenvolvimento e dotados de direitos e que encontram no relacionamento com o outro, uma oportunidade de aprender e crescer. (ABORDAGEM..., [2018]). Nesse contexto, vale a pena mencionar o conceito de gamificação: gamificar significa utilizar recursos de *games* ou jogos de forma a engajar pessoas a atingir um determinado objetivo de forma dinâmica. (LORENZONI, 2016).

Proporemos então, nesta seção, atividades que visem utilizar a gamificação como instrumento para incentivar a leitura.

### 9.2.1 Caça à informação

Também conhecido como *Scavenger Hunt*, *Information Hunt* ou caça ao tesouro, a Caça à informação é uma atividade de mediação da informação que visa apresentar a biblioteca aos novos alunos.



É idealizada para ser realizada junto aos alunos mais novos, assim que tem seu primeiro contato com a biblioteca, pois nada mais é do que uma atividade de ensino sobre a biblioteca, suas fontes, espaço físico, sistema de organização, regras e normas.

Há pelo menos duas formas de realizar esta atividade: como parte de um treinamento de usuários e apresentação do espaço, ou como parte de um jogo baseado em algum livro ou história em específico.

Pode ser necessário reservar a biblioteca por um período de aula, papel com o questionário impresso e disponibilizar um cartaz (que pode ser feito manualmente) com as classes principais do sistema de classificação utilizado, provavelmente a Classificação Decimal de Dewey (CDD), canetas, um computador e um projetor para apresentação dos *slides*.

Há a possibilidade de apresentar todas as informações sem os *slides*, porém, a apresentação auxilia muito para que os alunos visualizem as regras também.

A turma é previamente agendada e trazida por um professor, que em consonância com as bibliotecárias, entendem a importância de que haja um entendimento dos alunos sobre como utilizar a biblioteca e suas fontes.

Inicialmente, os alunos chegam e são recebidos pelas bibliotecárias que dão as boas vindas, fazendo com que se sintam acolhidos ao novo espaço que estão conhecendo. São convidados a se sentarem e é iniciada uma apresentação de *slides* que apresenta a equipe de funcionárias da biblioteca em questão, uma breve apresentação sobre o acervo, suas bases de dados, espaço físico, sistema de classificação, dentre outras informações a respeito da biblioteca que possam ser úteis.

Em seguida, os alunos recebem um pequeno questionário onde terão a oportunidade de colocar em prática tudo o que aprenderam a partir da apresentação. No questionário, podem ser inseridas perguntas que peçam que o número de chamada seja identificado em um determinado livro; ou mesmo sobre uso do catálogo da biblioteca, como quantos títulos um determinado autor possui registrados na biblioteca, onde os alunos deverão buscar no mesmo a resposta.

Esta é uma atividade que os alunos gostam bastante e que auxilia o desenvolvimento de leitores e pesquisadores independentes e ativos em seus processos de pesquisa. A atividade pode ser realizada de forma impressa ou online.

Se houver estrutura e recursos, há alguns softwares, aplicativos e *websites* que possibilitam a criação da atividade online como o *Socrative* e o *Kahoot!*, entre outros.

A categoria desses aplicativos é conhecida como *Classroom apps* ou aplicativos de sala de aula. São desenhados e pensados para o uso em instituições de ensino e podem ser facilmente adaptados para atividades de biblioteca. Podem ser utilizados tanto em computadores como nos celulares dos próprios alunos, se os mesmos baixarem o aplicativo.

### 9.2.2 Pictionary

É uma atividade inspirada em um clássico jogo de tabuleiro produzido pela *Mattel* (MATTEL, 2018) e lançado em 1985. Geralmente realizada associada a algum evento temático, são selecionados personagens e títulos de livros.

Para esta atividade pode ser necessário pesquisa prévia sobre personagens, impressora (não é imprescindível), papel, cola, tesoura, um quadro, apagador, caneta para desenho e algum instrumento que meça o tempo (relógio, celular, cronômetro...).

Realizada a seleção, é preciso cortar pequenos retângulos de cartolina, ou qualquer outro papel com uma gramatura mais espessa, para que as fichas não se deteriorem tão rapidamente com o manuseio, uma vez que são crianças que irão manuseá-las. É necessário colar o nome do personagem ou título selecionado em metade do retângulo. Se a biblioteca não disponibilizar de uma impressora, é possível escrever os nomes à caneta também. Após isso, é preciso dobrar o cartão ao meio.

Os alunos são divididos em dois times e é permitido que escolham o nome de seu grupo, pois gera um envolvimento maior. Na divisão dos times, se o bibliotecário conhecer os alunos, faz-se necessário auxiliar e intervir na escolha da formação das equipes, para que as mesmas fiquem equilibradas.

É comum que os maiores leitores da turma se unam e decidam ficar no mesmo time, não sendo, porém, tão proveitosa a brincadeira. A ideia aqui é incluir a todos, e não excluir. Na verdade, nota-se ao longo da realização desta atividade que alguns alunos que não necessariamente se destacariam em aulas, tem sua oportunidade de brilhar na frente dos colegas, pois estes alunos passam a ser admirados e quistos em suas equipes.

Cada aluno de cada time se levanta, um por vez, em direção ao quadro e seleciona uma dentre as cartas que a professora ou monitora da atividade disponibiliza. O aluno em questão lê a carta sem mostrar para seus colegas e tem 60 segundos (1 minuto) para desenhar e seus colegas acertarem qual personagem selecionado.

É permitido desenhar elementos da história, características físicas, cortar palavras, porém, escrever números e falar não é permitido durante a brincadeira.

Ao final do tempo, se a equipe do desenhista não tiver acertado o personagem, é dada uma chance única à outra equipe que assistiu enquanto seus concorrentes desenhavam e pediam ajuda.

Os principais materiais necessários para esta atividade são:

- Quadro e caneta/giz;
- Medidor de tempo (celular, cronômetro, relógio...);
- Papel (cores diversas, incluindo branco);
- Caneta ou computador e impressora;
- Tesoura e cola escolar.

**Figura 48** – Cartas de adaptação do jogo *Pictionary*



Fonte: A autora, 2018.

Na figura acima, é possível visualizar duas das cartas elaboradas para a adaptação do jogo *Pictionary* durante o evento *Library Week*<sup>17</sup> realizado pela Biblioteca Azul em 2017, e com temática inspirada no universo *Harry Potter* em comemoração aos 20 anos da publicação do primeiro livro da série.

### 9.2.3 Qual é o livro?

Do inglês, *Which Book is This?*<sup>18</sup> esta, é uma atividade para ser realizada em horário de aula, assim como o *Pictionary*, porém, é possível explorar ainda mais detalhes sobre determinadas obras já selecionadas. Foi idealizada pela Bibliotecária Azul, responsável pela Biblioteca Azul.

Para esta atividade é demandado um tempo de planejamento e pesquisa ainda maior, pois consiste em cartões com um pequeno texto resumindo os livros pré-selecionados.

É possível adaptar também para *Qual é o personagem?*. O mais desafiador desta atividade é resumir as histórias sem dar *spoilers*<sup>19</sup>.

Geralmente, a atividade também respeita a temática de um evento e a escolha dos títulos é relacionada a ela. Por exemplo, se o evento é baseado em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, por este ser um título de fantasia, os demais títulos selecionados para a atividade também devem pertencer ao gênero fantasia, e assim por diante.

É uma forma de divulgar títulos que pertençam a um mesmo gênero e que não sejam tão conhecidos ou buscados.

Realizada a seleção, é preciso cortar grandes retângulos de cartolina, ou qualquer outro papel com uma gramatura mais espessa, para que as fichas não se deteriorem tão rapidamente, visto que são crianças que irão manuseá-las. É necessário colar o resumo do título ou características do personagem e citação selecionada em

---

<sup>17</sup> Apêndice C.

<sup>18</sup> Tradução nossa.

<sup>19</sup> *Spoiler* na linguagem coloquial pode ser explicado como dar uma pista ou informar antecipadamente um detalhe do enredo que somente quem a conhece saberia. Ou seja, contar o final ou parte de.

metade do retângulo e então dobrar. Se a biblioteca não disponibilizar de uma impressora, é possível escrever os nomes à caneta também.

Os alunos são recebidos e divididos em dois times. Cada aluno de cada time se levanta, um por vez, em direção ao quadro e seleciona uma dentre as cartas que a professora ou monitora da atividade disponibiliza e lê o resumo do livro. Seu grupo então tenta acertar qual é o livro descrito e ganhar 1 ponto. Se acertarem a autoria do título, ganham 1 ponto extra.

É comum que os alunos acertem o nome da série, franquia, trilogia e errem o título exato do volume escolhido.

E nesse momento, os alunos leitores se destacam e brilham, pois é possível adivinhar a série a partir dos filmes, mas somente o leitor reconhecerá detalhes.

Os principais materiais necessários para esta atividade são:

- Papel (cores diversas, incluindo branco);
- Caneta ou computador e impressora;
- Tesoura e Cola escolar.

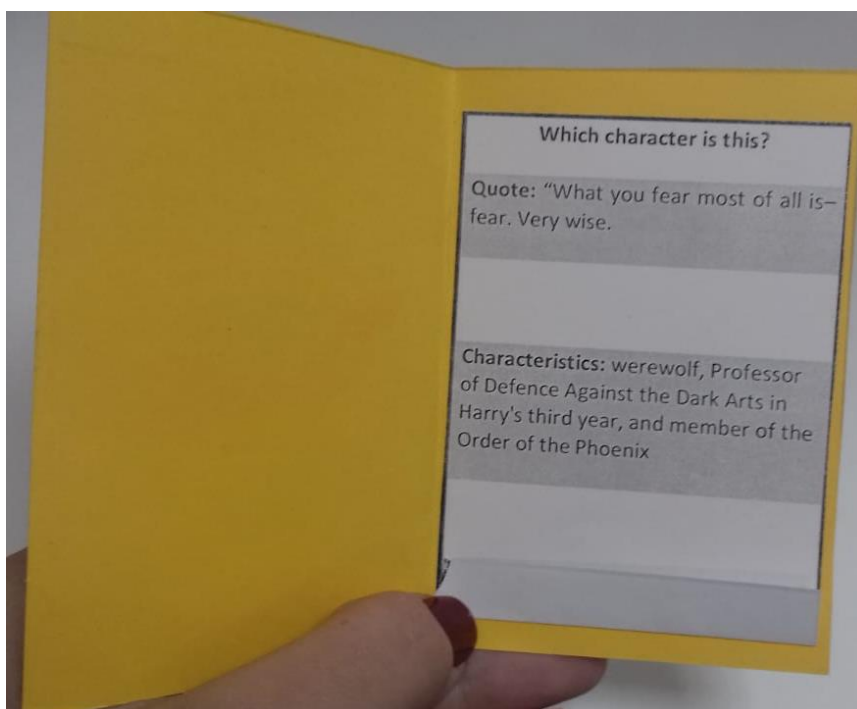
**Figura 49** – Cartas desenvolvidas para o jogo *Que livro é esse?*



Fonte: A autora, 2018.

Na figura acima, é possível visualizar como ficam as cartas prontas e como são visualizadas pelos alunos antes de escolher a que será lida para o grupo.

**Figura 50** – Carta desenvolvida para o jogo *Que personagem é esse?*



Fonte: A autora, 2018.

Mais uma vez, não há necessidade de se prender às regras propostas para o jogo. Todas elas são adaptáveis aos recursos disponíveis, propostas para cada atividade, tempo disposto e temática abordada.

#### 9.2.4 Jogos de Tabuleiro literários

Esta atividade foi desenvolvida por uma das professoras de língua inglesa da instituição ao qual pertence a Escola A. Em parceria com a Biblioteca Azul, busca incluir a equipe da biblioteca nesta atividade.

Após a leitura do livro proposto pelo currículo em sala de aula, os alunos são convidados a elaborar jogos de tabuleiro baseados nas histórias.

São divididos em grupos e, após a elaboração de seus jogos, apresentam à turma e são convidados a jogar seus próprios jogos durante a aula. Os jogos são avaliados quanto ao marketing, regras de uso, criatividade, execução do tabuleiro e das peças, jogabilidade.

Mais uma vez, não há necessidade de se prender às regras propostas para o jogo. Todas elas são adaptáveis aos recursos disponíveis, propostas para cada atividade, tempo disposto e temática abordada.

No exterior, é possível encontrar jogos baseados em obras literárias à venda. Há jogos inspirados em obras como *Harry Potter* de J. K. Rowling; *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen; o *Bookopoly* (espécie de banco imobiliário baseado em livros); *221B Baker Street Master Detective Game* (baseado no mistério de *Sherlock Holmes* contido nas obras de Conan Arthur Doyle), entre outros. (TROMBETTA, 2015).

### 9.3 Dress Up Day

O *Dress Up Day* ou Dia da Fantasia consiste na ideia de incentivar que os alunos e outros membros da comunidade escolar fantasiem-se de personagens literários marcantes.

Geralmente acontece no último dia de uma semana de atividades, como a Semana do Livro ou Semana da Biblioteca, sendo um encerramento em grande estilo de um evento que busca mobilizar toda a escola.

O mais incrível desta atividade é a possibilidade de permitir que a criatividade floresça entre as fantasias. Não é necessário um custo alto para alugar as fantasias e adereços, e muitas vezes, as caracterizações são improvisadas com o que se tem em casa ou mesmo com pinturas no rosto, maquiagem, chapéus e acessórios simples que possam compor a personagem.

Possui apelo da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Infelizmente, não disponibilizaremos fotos para ilustração para proteger a identidade dos alunos, porém, em uma simples pesquisa pelo termo *Dress Up Day* nos buscadores disponíveis na internet, é possível acessar fotos de inspiração.



#### 9.4 Clubes de leitura

De longe, das atividades listadas aqui, uma das mais conhecidas e divulgadas no Brasil. Não há novidade alguma no que iremos sugerir, porém, pode ser considerada uma poderosa ferramenta se mediada adequadamente.

O clube de leitura consiste em um grupo de pessoas, sejam eles alunos, professores ou funcionários diversos, que se reúnem para discutir a respeito de um título previamente escolhido e lido por todos. Pode seguir um roteiro ou não, mas deve ser uma atividade leve e prazerosa. Muito parecido com o que se faz em atividades de sala de aula, porém, com a não obrigatoriedade como diferencial.

Há a possibilidade de fazer ainda o acompanhamento de prêmios de livros como o prêmio Jabuti, em âmbito nacional e outros prêmios internacionais como *Carnegie Medal*, Prêmio *Pulitzer*.

#### 9.5 Encontro às cegas

Ou *Blind Date with a Book*, o Encontro às cegas é uma atividade que visa divulgar títulos que ainda não tenham uma visibilidade entre os usuários. A ideia é não julgar ou escolher o livro pela capa, prática comum entre crianças.

Tudo começou em uma livraria na Austrália, a *Elizabeth's Bookshop*. A ideia ficou famosa e muitas bibliotecas ao redor do mundo adotaram a atividade para envolver seus usuários e apresenta-los a novas histórias. (TROMBETTA, 2015). Um convite para que os leitores saiam de sua zona de conforto quanto à escolha de suas leituras. Esta é uma atividade adaptável à todas as faixas etárias.

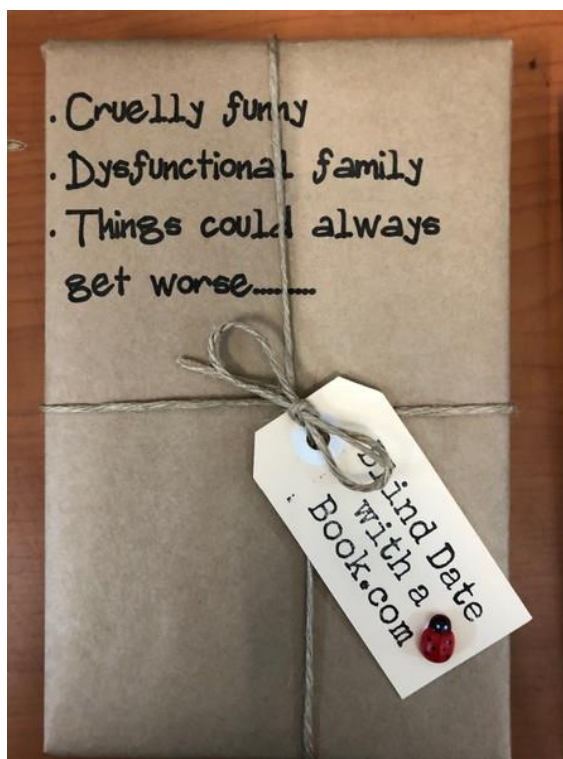
Para esta atividade, é preciso papel que dê para encapar os livros, cartolina para um pôster de divulgação, uma mesa para expor os livros encapados e divulgação.

A atividade consiste em selecionar um número de títulos dos mais variados gêneros e encapá-los manualmente, de forma que o leitor não consiga ser atraído pela capa do livro. São atribuídas dicas que se refiram à história, porém, sem revelar a capa, sinopse ou título. (BOOKS..., [2018]).

Em datas comemorativas, como o Dia dos Namorados, por exemplo, costuma ter grande aceitação. Pode-se fazer uma seleção de títulos de romance, encapá-los com papel rosa ou vermelho, enfeitar a biblioteca com corações e decoração romântica.

Porém, é preciso ressaltar que as capas neutras de papel pardo ou *kraft* podem abrir a possibilidade de que mais meninos se interessem pela atividade.

**Figura 51** – Anúncio de compra de livro *Blind Date: Elizabeth's Bookshop*



Fonte: BOOKS..., [2018].

A livraria *Elizabeth's Bookshop* disponibiliza o serviço com entrega para qualquer lugar do mundo. São selecionados títulos dos mais variados gêneros, como romances, ficção científica, aventura, clássicos entre outros. A livraria esclarece que seu público alvo é de leitores maduros, porém a equipe se coloca à disposição para esclarecer dúvidas sobre a faixa etária de um determinado título, claro, sem oferecer *spoilers* para não estragar a surpresa. (BOOKS..., [2018].)

Essa ideia pode, entretanto, ser facilmente adaptada para bibliotecas escolares e até outros tipos de bibliotecas. Cabe ao bibliotecário realizar uma seleção e utilizar

termos indexadores que despertem a curiosidade de seus leitores, ou mesmo pequenos resumos, se for de preferência.

O caminho mais indicado para começar é selecionando títulos de grandes e conhecidos autores que não tenham feito tanto sucesso ou mesmo aquelas histórias que valem a pena serem lidas, apesar de não terem sido tão amplamente divulgadas pelo mercado editorial.

**Figura 52 –** Expositor de *Blind Date with a Book*



Fonte: ALCOX, 2015.

Há a possibilidade de criar seleções dentre os títulos escolhidos para facilitar a busca dos usuários. Um aluno que costume buscar por livros de mistério, por exemplo, pode se interessar por títulos ou sinopses que incitem sua curiosidade.

A decoração das estantes ou da área de exposição dos livros da atividade também pode ajudar. É possível imprimir e/ou desenhar símbolos inerentes a cada um dos gêneros, de acordo com a criatividade da equipe.

## REFERÊNCIAS

ABORDAGEM Reggio Emilia. **Reggio Children**, [2018]. Disponível em: <<http://www.reggiochildren.it/identita/reggio-approach/>>. Acessado em: 22 de agosto de 2018.

ALCOX, Karissa. Blind Date with a book: tips and tricks. **Ontarian librarian**, 18 de janeiro de 2015. Disponível em: <<https://ontarianlibrarian.com/2015/01/18/blind-date-with-a-book-tips-and-tricks/>>. Acessado em: 10 de junho de 2018.

ALENCAR, Patricia Vargas; ORNELLAS, Adriana. A relação entre a empatia e a prática da leitura literária e sua influência para o bibliotecário de referência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPb, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2892/1059>>. Acesso em: 27 de maio de 2017.

ALMEIDA JÚNIOR. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007. p.33-45.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Biblioteca escolar no sistema de ensino brasileiro: um desafio em tempos de leitura e uso da informação**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1998.

BAZÍLIO, Ana Paula Matos. **Mediação, leitura e inclusão social: um caminho para ação cultural na Biblioteca Pública - o caso das Bibliotecas Parques**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: <[http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/2014/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_ANA%20PAULA%20MATOS%20BAZILIO.pdf](http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/2014/DISSERTA%C3%87%C3%83O_ANA%20PAULA%20MATOS%20BAZILIO.pdf)>. Acesso em: 26 de agosto de 2017.

BOECKEL, Cristina. Bienal do Livro do Rio investe em jovens e reúne estreantes e veteranos. Rio de Janeiro. **G1 Rio**, 8 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/bienal-do-livro-do-rio-investe-em-jovens-e-reune-estreantes-e-veteranos.html>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

BOOKS in blind date with a book. **Elizabeth's Bookshop**, [2018]. Disponível em: <<https://www.elizabethsbookshop.com.au/shop/listings/blind-date-with-a-book/>>. Acessado em: 10 de junho de 2018.

BORTOLIN, Sueli. **A Leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. 225 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001. Disponível em:

<[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin\\_s\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf)>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

BRASIL. Lei n.º 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 de maio de 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm)>. Acesso em: 23 de agosto de 2017.

THE BRITISH SCHOOL, RIO DE JANEIRO. About us: The School. **The British School, Rio de Janeiro**, [2017]. Disponível em: <<http://www.britishschool.g12.br/about-us/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2017.

BRUM, Juliane Silveira et al. Conhecimentos compartilhados. In: MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 13., 2014, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: FURG, 2014. <<http://proresp.furg.br/anaismpu/cd2014/ext/1373.docx>>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

CAMPELLO, B. S. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: LIMA, Aldo de (org.). O direito à Literatura. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012.

CARMO, Vera. **O uso de questionários em trabalhos científicos**. UFSC, 2013. Disponível em: <[http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino\\_2013\\_2/O\\_uso\\_de\\_questionarios\\_em\\_trabalhos\\_cientificos.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/O_uso_de_questionarios_em_trabalhos_cientificos.pdf)>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

CASTRO, Jaqueline Ferreira Silva de. **Nativos digitais na biblioteca escolar: programas de letramento informacional para o Ensino Médio**. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014). Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/Jaqueline%20Silva.pdf>>. Acesso em: 23 de agosto de 2017.

CERLALC. Metodología común para explorar y medir el comportamiento lector: el encuentro con lo digital. **CERLALC**, 2014. Disponível em: <[http://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES\\_OLB\\_Metodologia-comun-para-explorar-y-medir-el-comportamiento-lector-El-encuentro-con-lo-digital\\_v1\\_010115.pdf](http://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES_OLB_Metodologia-comun-para-explorar-y-medir-el-comportamiento-lector-El-encuentro-con-lo-digital_v1_010115.pdf)>. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo, Global 2007.

COMIC CON EXPERIENCE. A CCXP. **CCXP18**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.ccxp.com.br/a-ccxp>>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

COSTA, Patrícia dos Santos. **O perfil leitor dos jovens e adultos que frequentam os pré vestibulares comunitários**: atuação bibliotecária a favor da educação emancipadora. 2017. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/patricia-dos-santos-costa>>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2008.

DAUSTER, Tania. Jogos de inclusão e exclusão sociais: sobre leitores e escritores urbanos no final do século XX no Rio de Janeiro. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

ESCOLA AMERICANA DO RIO DE JANEIRO. Our mission, vision and values. **Escola Americana do Rio de Janeiro**, 2017. Disponível em: <<http://www.earj.com.br/our-mission-vision-and-values.html>>. Acesso em: 13 de agosto de 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Questões da nossa época).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.  
GERMANO, Felipe. Quanto custa um cosplay? **Superinteressante**, 7 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/quanto-custa-um-cosplay/>>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6 ed. São Paulo: Record, 2002.

INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA PUC-RIO. A Cátedra. **iiLer Puc-Rio**, 2016. Disponível em: <<http://iiler.puc-rio.br/catedra.puc-rio.br/catedra/a-catedra/>>. Acesso em: 3 de junho de 2018.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

JOUVE, Vincent et al. Entrevista com Vincent Jouve, autor de *A Leitura*. Tradução Brigitte Hervot. **Leitura em Revista**, n. 1, p. 202-222, out. 2010. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5628/material/entravista.com.JOUVE.PDF>>. Acesso em: 26 de agosto de 2017.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Série Primeiros passos, 53).

LORENZONI, Marcela. Gamificação: o que é e como pode transformar a aprendizagem. **Infogeekie**, 26 de julho de 2016. Disponível em: <<http://info.geekie.com.br/gamificacao/>>. Acessado em: 22 de agosto de 2018.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Atlas, 2002.

LYNKADER, Charles R. Welcome to Our Lady of Mercy School. **Our Lady of Mercy School Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, [2017]. Disponível em: <<https://www.olmrio.com/>>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

LYRIO, Elton. Jovens leem cada vez menos. E só quando são obrigados. **Gazeta Online**, 28 de março de 2012. Disponível em: <[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2012/03/noticias/a\\_gazeta/dia\\_a\\_dia/1169201-jovens-leem-cada-vez-menos-e-so-quando-sao-obrigados.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/03/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/1169201-jovens-leem-cada-vez-menos-e-so-quando-sao-obrigados.html)>. Acessado em: 4 de Outubro de 2017.

MACEDO, Neusa Dias de. (org.) **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?** São Paulo: Globo, 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos, 74).

MATTEL. Pictionary Tm. **Mattel Shop**, 2018. Disponível em: <<https://shop.mattel.com/shop/en-us/ms/mattel-games/pictionary-dkd47>>. Acesso em: 9 de junho de 2018.

MONTEIRO, Elis. Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica. **Extra**, 14 de dezembro de 2010. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/nativos-digitais-ja-estao-dominando-mundo-transformando-forma-como-ser-humano-se-comunica-284984.html>>. Acesso em: 22 de julho de 2017.

NEGRÃO, May Brooking. Da enciclopédia ao banco de dados; a biblioteca escolar e a educação para a informação. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 87 – 112, jul./ dez. 1987.

NINA, Isabel Feliz Andrade. **Da leitura ao prazer de ler: contributos da biblioteca escolar**. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1223/1/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 23 de julho de 2017.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves. No espelho, o trickster. In: SANTOS, Fabiano dos (Org.); MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M. K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo : Global, 2009, p. 95-112.

OLIVEIRA, Iandara Reis de; CAMPELLO, Bernadete Santos. Estado da arte sobre pesquisa escolar no Brasil. **TransInformação**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 181-194, maio/ago., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n2/0103-3786-tinf-28-02-00181.pdf>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

OLIVEIRA, Cinthya. Booktubers conquistam público e mercado literário. **Hoje em dia**, 18 de junho de 2016. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/almanaque/literatura/booktubers-conquistam-p%C3%BAblico-e-mercado-liter%C3%A1rio-1.392245>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.  
aãrucrlAo on  
OUR LADY OF MERCY. The Society of Our Lady of Mercy. **Our Lady of Mercy Rio de Janeiro**, [2017]. Disponível em: <<https://www.olmrio.com/>>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

PARA cumprir lei, Brasil precisa construir 64 mil bibliotecas escolares até 2020. Educação. **EBC**, 24 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/05/brasil-precisa-construir-64-mil-bibliotecas-escolares-ate-2020-para-cumprir-meta>>. Acesso em: 23 de agosto de 2017.

PAULA, Chico de. Lei da biblioteca escolar: cinco anos em vigor e quase nenhum avanço. **Biblioo**, 24 de maio de 2015. Disponível em: <<http://biblioo.cartacapital.com.br/lei-da-biblioteca-escolas/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2017.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.



PÉTIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PÉTIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PÉTIT, Michele. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, vol. 9, n. 5, Outubro 2001. Disponível em: < <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acessado em: 22 de Agosto de 2018.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. 10 ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RIO INTERNATIONAL SCHOOL. What we do: About our school. **Rio International School**, [2017]. Disponível em: <<http://www.riointernationalschool.com/ourschool/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2017.

SANTOS, Juan Manuel. Palavras preliminares. In: CERLALC. Uma história de livros e integração. **CERLALC**, 2011. Disponível em: < [https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/otros/PUBLICACIONES\\_OTROS\\_Cerlalc-Uma-histOria-de-livros-e-integracao\\_V1\\_010111.pdf](https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/otros/PUBLICACIONES_OTROS_Cerlalc-Uma-histOria-de-livros-e-integracao_V1_010111.pdf)>. Acesso em: 3 de junho de 2018

SCHUTZ, Ricardo. Escolas internacionais no Brasil: list of international K-12 schools in Brazil. **SK**, 2014. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-intsch.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2017.

SOARES, Laura Valladares de Oliveira. **A formação como aliada no exercício do papel educativo do bibliotecário na escola**. 2014. 99 fls. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RIO DE JANEIRO (Estado). Conselho Estadual de Educação. Deliberação CEE n. 341 de 12 de novembro de 2013. CEERJ, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: < <http://www.ceerj.org.br/>>. Acessado em: 6 de julho de 2018.

TAYLOR, M. W. A biblioteca escolar no contexto educacional brasileiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, I, 1982, Brasília. **Anais...** Brasília: INL, 1982. p. 33-38.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador**: pedagogia da mediação. São Paulo: Editora Senac: São Paulo, 2011.

TROMBETTA, Sadie. 11 literary board games to win over book-lovers at your next game night. **Bustle**, 28 de maio de 2015. Disponível em: <<https://www.bustle.com/articles/84961-11-literary-board-games-to-win-over-book-lovers-at-your-next-game-night>>. Acessado em: 6 de julho de 2018.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2004.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2002. 178 p. cap. 1, p.13-51.

YUNES, Eliana. Leitura como experiência. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

YUNES, Eliana. Leituras, experiência e cidadania. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

ZILBERMANN, Regina. A leitura na escola. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1985.

**APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista aplicada aos bibliotecários**

- 1) A quais séries e idades esta biblioteca atende?
- 2) Qual a frequência de uso dos alunos? Qual (is) o período (s) do dia/ano em que a frequência é maior?
- 3) Como é composto o acervo desta biblioteca?
- 4) Há algum mecanismo de registro dos empréstimos e uso dos materiais?
- 5) Para você, o que é leitura?
- 6) Você acredita que a comunidade escolar desta instituição concorda com esta visão? Por quê?
- 7) A biblioteca realiza eventos? Se sim, fale um pouco sobre eles.
- 8) Há atividades de mediação isoladas? Quais?
- 9) Você notou algum tipo de mudança nos empréstimos após a realização desses eventos e atividades? (A depender das respostas anteriores)

## APÊNDICE B – Entrevista Bibliotecário Azul

### 1) A quais séries e idades esta biblioteca atende?

*Bom, nós atendemos da classe 6 a 11 no currículo da escola [supressão do nome da escola], o que no currículo brasileiro deve ser da 7 ao final do Ensino Médio? Eu não sei a equivalência.*

### 2) Qual a frequência de uso dos alunos? Qual (is) o período (s) do dia/ano em que a frequência é maior?

*Bom, durante os dias, a biblioteca é agendável para aula dos professores, então a vinda dos alunos durante o período de aula depende dos professores traze-los à biblioteca, exceto nos horários em que eles estão livres, antes das aulas iniciarem no dia, no recreio, durante os horários de almoço e depois do horário escolar porque a biblioteca cobre meia hora antes do horário da escola e também uns 40 minutos depois. Os alunos podem vir para pegar livros ou realizar outras atividades.*

*Durante o ano que você perguntou também, nós temos a frequência durante todo o ano letivo, a biblioteca funciona durante o ano letivo e a frequência é nesse período. [a biblioteca fecha junto com a escola nos períodos de férias escolares].*

### 3) Como é composto o acervo desta biblioteca? Como é feita a seleção dos títulos para compor a coleção?

*O acervo é composto majoritariamente em língua inglesa, sendo que hoje nós temos uma maior quantidade [de títulos] em língua portuguesa por conta do currículo de SBS que tem estudos de sociedade do Brasil que inclui Geografia, História... um currículo do International Baccalaureate (IB), que engloba essa disciplina que é a do país, todo país [dentro desse currículo] tem uma disciplina própria. Nós temos esse suporte ao currículo nacional [da escola] de Literatura nacional e Língua Portuguesa, mas como as disciplinas são ministradas em Língua Inglesa, grande parte do acervo é em Língua Inglesa e o foco do acervo é em Língua inglesa. A gente preza muito pela língua materna da publicação, a língua do autor quando inglês ou português [evitando adquirir traduções]. Cobrimos também espanhol e francês porque tem essas línguas também no currículo como segunda língua. Mas as línguas principais e oficiais são primeiramente o inglês e o português como língua materna de grande parte dos nossos alunos.*

### 4) E quanto à coleção de ficção? Como essa coleção é construída?

*As coleções são construídas... bom, não ficção é de acordo com o currículo. A gente tenta apoiar sempre o currículo, não tendo livros texto [didáticos], mas livros de apoio mesmo ao currículo já que os nossos alunos fazem pesquisas extracurriculares e curriculares também. Então, a gente apoia o currículo sempre com a não ficção.*

*E as coleções de ficção são construídas a partir de sugestões tanto de professores, de toda a comunidade escolar, dos professores, dos alunos, e até mesmo de pais, quando tem contribuições, a gente também ouve. Essas contribuições vêm de todos os canais e nós também olhamos catálogos, vemos o que está em voga no momento e fazemos uma seleção dessas sugestões do que é apropriado e se algo não for apropriado, a gente realmente não adquire. Mas, na grande maioria das vezes, são publicações apropriadas e nós adquirimos, respeitando sempre a língua original [da publicação]. Na seção de ficção a gente sempre vai ter o que não é literatura brasileira, a gente tem ou na língua do autor quando é nacional ou em língua inglesa quando se trata de outras literaturas.*

### **5) Há algum mecanismo de registro dos empréstimos e uso dos materiais?**

*Sim, utilizamos um software, o Access-it, que utilizamos para fazermos os check ins e check outs dos materiais, porque não são só livros, temos também DVDs, revistas e jornais, enfim, que podem ser levados pelos alunos, professores e outros usuários.*

### **6) Para você, o que é leitura?**

*O que é leitura pra mim? Pra mim, enquanto pessoa, o que é leitura pra mim enquanto profissional? Ou o que é leitura pra mim enquanto eu vejo o meu usuário? Eu estou tentando pensar em qual aspecto eu preciso responder. Porque assim, quando você me pergunta o que é leitura, eu posso voltar lá nos primórdios de quando eu comecei a ler e te dizer que eu, a minha experiência com a leitura vem de antes de eu saber o bê-a-bá, porque a leitura em si, ela é mais do que saber o código de escrita.*

*Ela vai além do código de escrita. Uma criança que ainda não lê o código de escrita, o alfabeto, ela já lê. Porque ela já lê a figura, ela já lê o mundo. Ela já tem um entendimento dela, daquele mundinho ali que ela vive, geralmente é a família, é a casa, são as imagens dos desenhos que ela assiste. E ela já lê aquilo tudo e faz as interpretações dela. Então, a leitura tem vários aspectos. Quando a gente fala em leitura, eu posso voltar lá nos meus primórdios e dizer a você que leitura é ter diversão, é descobrir, é ir além, é fantasiar, é tanta coisa se eu for pensar na leitura dessa forma.*

*Se eu for pensar na leitura de quando eu era criança e que eu queria saber o que estava naquele livro não do ponto de vista que eu via, mas do ponto de vista que o autor estava me dizendo, mas que eu não sabia decodificar aquilo, eu estou falando de um tipo de leitura. Se eu for falar pra você da leitura do bê-a-bá, eu vou estar falando de um outro tipo de leitura, estou falando do aprendizado de ler, de aprender a interpretar as palavras com a ótica do outro e não com a minha de criança, com as minhas vivências, porque quando a gente lê, a gente interpreta também com o que a gente traz, a bagagem que a gente traz, a leitura na verdade não é uma coisa de uma parte só, ela é uma conversa de alguém que escreveu, que colocou o texto ali e da pessoa que está lendo e que interpreta a partir dos próprios olhos, a partir das próprias vivências, a partir das coisas que ela acredita, de como ela vê aquela escrita, aquele texto e como ela interage com aquele texto.*

*Então assim, por isso que eu te perguntei em qual aspecto lá no início porque a leitura não é uma coisa simples. Eu nunca achei que a leitura fosse simples, nós*

*podemos ver o mesmo texto e imaginar coisas diferentes numa ficção e interpretar coisas diferentes numa não ficção, ou mesmo na ficção, a gente pode chegar a conclusões diferentes com o mesmo texto. Haja vista as ambiguidades por aí, desambiguar é um grande desafio pro autor, ser claro, ter coerência, coesão, é um desafio quando você escreve. Então, o texto escrito está aberto a interpretações. A leitura... que aspecto da leitura? A leitura da criança que vê sobre os olhos dela? A leitura do adolescente que apesar de já conseguir ler coisas mais avançadas, não necessariamente está pronto pra uma leitura avançada porque ele não tem aquela vivência necessária para aquele tipo de texto... Que texto? Para quem?*

*Então, assim, leitura é amplo. Não é muito simples, depende do tipo de leitura que você vê. De que tipo de leitura estamos falando? Nós estamos falando da leitura de Artes, por exemplo? Quando você lê um rococó, é diferente de você ler um realismo, que é diferente de um impressionismo, que eu particularmente amo. Cada um vai ter os seus gostos por leitura e vai gostar de ler mais esse e aquele estilo. Tantos estilos literários, estilos de escrita. Mesmo quando você lê não ficção, um estilo vai te agradar mais do que outro. Que leitura que a gente tá falando? Que leitura é essa?*

### **7) O que é leitura para você? Você enquanto pessoa...**

*Eu não sei se eu consigo muito dissociar o meu conceito de leitura enquanto pessoa, professora, do meu conceito de leitura enquanto bibliotecária. Mas, eu acho que a leitura na biblioteca tem que ser incentivada, influenciada e cultivada. Acho que a gente cultiva a leitura, a gente cultiva um aluno quando ele vem pra pegar um livro emprestado, quando ele vem pra pedir uma sugestão, a gente vai cultivando essa leitura. A leitura é um hábito. Na biblioteca, enquanto bibliotecária, a gente quer criar esse hábito. A minha posição é de querer criar esse hábito, querer trazer pra biblioteca. Que essa biblioteca seja aconchegante e o lugar onde eles vêm para buscar informação, pra buscar a leitura, pra buscar o desenvolvimento também, através da leitura.*

### **8) Você acredita que a comunidade escolar desta instituição concorda com esta visão? Por quê?**

*Acho que eu não parei pra pensar nisso, sinceramente. Acho que não é uma questão de concordar ou não, mas, talvez estar em consonância ou não. Porque este concordar requer uma discussão a respeito e essa discussão não vejo ela acontecendo ou tendo acontecido, mas eu vejo as coisas caminharem juntas, sim. Então, existe uma consonância, mas eu não sei se eu diria uma concordância.*

### **9) A biblioteca realiza eventos? Se sim, fale um pouco sobre eles.**

*Nós fazemos a semana da biblioteca, e que é uma coisa que eu gosto muito, ela veio crescendo com o tempo, antigamente, a semana da biblioteca era algo que era feito apenas com crianças, apenas com os menores, e nós trouxemos isso para o*

*sênior level [Ensino Fundamental segundo segmento] até o High School [Ensino Médio] e acreditava-se que não pegaria, que não daria certo e tal. Há esse mito de que adolescente não lê, né? E eu não vejo isso, eu vejo que adolescente lê e lê muito. Nós temos adolescentes que leem e leem bastante. E aí quebrando tudo isso de que adolescente não lê e não tem interesse, os nossos eventos têm feito muito sucesso. A semana da biblioteca é comemorada. Por uma semana, nós fazemos várias atividades: nós fazemos jogos, chamamos os professores para participarem com suas classes, os professores trazem suas classes para participar das atividades, nós temos jogos [onde] todo o assunto é livro ou personagens e aí nós temos atividades que acontecem em aula e fora de aula também, que é no horário livre deles, e essas geralmente são as que a gente mais gosta porque eles vêm de livre e espontânea vontade participar. Nós fazemos vários quizzes e outras atividades, tudo relacionado a livro, tudo relacionado a leitura, tudo relacionado a personagens também. Sempre tem um tema, o tema é escolhido em conjunto por bibliotecários, alunos, professores. Ano passado [o tema] foi Harry Potter, esse ano nós tivemos as Distopias. A cada ano, nós temos um tema diferente e é bom porque esses temas acabam divulgando os livros, né? Daquele determinado gênero e até traz novos leitores.*

#### **10) Há atividades de mediação isoladas? Quais?**

*Sim, há. Temos trabalhos com os professores também em que nós fazemos empréstimos de livros com escolhas de livros da biblioteca para projetos, em que os alunos tem que ler livros da biblioteca para fazer projeto. Tem um que é muito interessante e eu gosto bastante quando a professora faz em que o aluno tem que ser o autor daquele livro, ele le o livro, se intera sobre o livro, sobre a vida do autor e aí, ele faz a apresentação como se ele fosse o autor daquele livro, como se ele estivesse num evento para apresentar o livro para as pessoas e aí ele apresenta o livro para a classe. Esse é bem bacana.*

*E no dia a dia, nós recebemos muito os usuários para oferecer livros a eles, eles vem procurando livros para ler e eles pedem nossas recomendação. Isso é muito bacana, eu gosto muito dessa parte também, porque ir para a estante com eles e procurar um livro que eles gostem, que eles vão querer ler, quando eles voltam e dizem que gostaram do livro, isso é muito gratificante. Conversar com eles sobre um livro que eles acabaram de ler é uma rotina que a gente tem e que eu não só gosto como incentivo.*

#### **11) Você notou algum tipo de mudança nos empréstimos após a realização desses eventos e atividades?**

*Sim, sim, sim. Geralmente os livros dos gêneros do evento costumam sair mais, porque tem uma visibilidade maior sobre eles, a gente fala sobre eles. É aquela coisa, né, o que tá na estante esquecido e que ninguém fala sobre, fica lá e muitas vezes não é procurado. Então, como a gente tá sempre falando sobre esses livros, sobre esses gêneros, eles tem um aumento no empréstimo logo após esses eventos sim.*

**12) Para você, o que é mediação de leitura?**

*Mediação de leitura pra mim é a gente receber o usuário e descobrir qual é a necessidade dele, é o nosso serviço de referencia, o principal ali na biblioteca. Eu não diria a mediação de leitura nas ações que a biblioteca faz para promover a leitura. Pra mim, isso é um ato diferente, acho que a mediação de leitura é quando a gente descobre o que aquele usuário precisa, o que aquele usuário quer. O que às vezes nem ele tem noção do que ele gosta, do que ele precisa e a gente vai descobrindo junto, vai fazendo e criando um dialogo com ele, pra descobrir o que ele precisa e o que ele quer pra suprir as necessidades que, às vezes, a gente vai descobrir junto também. Mediar é isso fazer o encontro da leitura com o leitor, que se adequa a cada um, ao gosto, à necessidade e ao que cada um quer.*



## APÊNDICE C – Entrevista Bibliotecário Amarelo

### 1) A quais séries e idades esta biblioteca atende?

*De quinta [série do Ensino Fundamental] ao terceiro ano do Ensino Médio, com idades de 11 a 18 anos.*

### 2) Qual a frequência de uso dos alunos? Qual (is) o período (s) do dia/ano em que a frequência é maior?

*No primeiro semestre entre Abril e Maio e no segundo semestre, em Agosto.*

### 3) Mas, em relação aos períodos do dia, qual o período do dia de mais movimento?

*Nos horários de intervalo, depois das aulas e no almoço.*

### 4) Como é composto o acervo desta biblioteca? Como é feita a seleção dos títulos para compor a coleção?

*Cerca de 70 por cento de livros em Inglês cobrindo todos os assuntos e relacionados ao currículo e 30 por cento divididos entre Português, Francês e Espanhol.*

### 5) E quanto à coleção de ficção? Como essa coleção é construída?

*Sugestão dos professores, duas vezes ao ano é construída uma lista, sugestão dos próprios alunos e pesquisa da equipe da biblioteca nos catálogos, sites, eventos, livrarias e de toda forma de acesso ao livro para avaliação.*

### 6) Há algum mecanismo de registro dos empréstimos e uso dos materiais?

*Sim, nós temos um programa chamado *Access-It*. Temos todos o acervo registrado e fazemos empréstimo no nome do aluno.*

### 7) Para você, o que é leitura?

*O que é leitura? A leitura seria a representação de um pensamento sobre um assunto sendo ele técnico ou por prazer, por curiosidade, algo assim.*

### 8) Você acredita que a comunidade escolar desta instituição concorda com esta visão? Por quê?

*Acho que sim. Porque quando eles vem pedir sugestão, eles prestam muita atenção nessa informação extra que o bibliotecário dá. “Ah, esse livro tem esse assunto, aquele assunto. Esse autor é interessante pra você, ou essa série, seja ficção, romance...”*

**9) Mas, você observa isso em ficção também?**

*Também. Por exemplo, eu sempre indico Agatha Christie [autora de], mistério. E muitos torcem o nariz. Aí, eu coloco, né, um cenário. Por que Agatha Christie? Quem é? Como que ela constrói os livros e etc., e isso encanta. E aí eles começam a ler. Porque eu acho que se a gente está encantado, a gente encanta o outro. Seja ficção ou não ficção.*

**10) Então, você acredita que acaba tendo uma tendência de o índice de leitura ser maior daqueles títulos que nós, bibliotecários, gostamos?**

*Sim! E aqui nós temos um trabalho conjunto entre a biblioteca e os professores de Inglês. Nos book clubs em sala de aula, eles também indicam livros que tem na biblioteca. Então, com essa troca, eles vem buscar livros que eu ou algum dos professores indicamos.*

**11) A biblioteca realiza eventos? Se sim, fale um pouco sobre eles.**

*Nós temos Library Week [a semana da biblioteca] e a semana do livro onde nós temos um tema para trabalhar em cima da biblioteca: a função da biblioteca, a função do bibliotecário e como isso está acessível pros alunos, como eles podem usar, quais são as regras e como eles podem intervir, seja mandando e-mail ou dando sugestões pessoalmente e participando desse dia a dia da biblioteca, como organismo da escola. Faz parte da escola.*

**12) Então seria como um grande treinamento de usuários?**

*Sim, a gente faz isso. E com um momento de leitura. Demonstração de livros novos dentro daquele tema escolhido, a gente convida pessoas pra falar, professores, tudo relacionado a como pesquisar na biblioteca, o porquê desse livro e não do outro e a forma de localizar a informação.*

*E a semana do livro a gente escolhe também um tema e a divulgação do livro, daquele tema, do autor é de várias formas. Nós temos pôsteres, vídeos, aulas, performances dos alunos ou de alguém de fora, de convidados.*

*Fazemos também duas feiras do livro, uma em Inglês e outra em Português onde os professores trazem os alunos para selecionar e ver o que tem de novo, e a seleção junto às livrarias é previamente locada com o que a gente já usa, há uma seleção antes de montar a feira.*

**13) Há atividades de mediação isoladas? Quais?**

*Sim, quando o aluno vem pedir informação sobre um livro, se tem ou se tem o gênero. Por exemplo, quando ele quer um livro de Horror, nós vamos mostrando o caminho até ele chegar lá e temos aulas marcadas com os professores em cada yeargroup [série].*

**14) E o que é feito nessas aulas?**

*A gente apresenta os livros novos, os autores, através de vídeos, do livro em si ou da opinião de um professor ou de cada bibliotecária e disponibilizamos marcadores de livros, resenhas, resumos....*

**15) Você notou algum tipo de mudança nos empréstimos após a realização desses eventos e atividades?**

*Sim. Principalmente quando eles não conhecem o gênero como Distopia. Nós trabalhamos com esse e muitos não tinham noção de que aqueles autores que eles já gostavam tinham livros naquele gênero também. Então, eles começaram a vir buscando o gênero e não só o autor. Ampliou o horizonte, [com o gênero] mistério aconteceu a mesma coisa, horror a mesma coisa. Porque alguns livros de ficção estão na seção de não ficção, por serem os clássicos e a gente coloca no tempo e no espaço aqueles livros.*

**16) Para você, o que é mediação de leitura?**

*É o momento em que você dá ao usuário algumas dicas ou algumas formas de acessar a informação que ele quer ou por indicação do que você [bibliotecário] gosta ou buscando dele o que ele precisa. Como, procurando um livro sobre Napoleão Bonaparte; ou a guerra de tal data. Você puxa do leitor o que ele precisa e ou você mesma vai e pega pra ele ou mostra a ele como chegar lá, e até como ir além. A mediação de leitura, eu sempre falo isso... Por exemplo, tivemos uma aula aqui sobre Napoleão e várias guerras da França. E não tínhamos nenhum livro sobre aquela guerra. Aí eu falei, gente, se estamos [pesquisando] o período de Napoleão e este livro fala sobre Guerras, deve ter algo falando sobre isso [ a guerra específica que estava sendo pesquisada]. Aí eu mostrei o índice, o sumário, como pesquisar além da internet.*

**APÊNDICE D – Questionário CERLALC/UNESCO<sup>20</sup> adaptado**

I.	<b>Caracterização do entrevistado</b>					
	A. Identificação					
	1. Gênero					
a) Feminino						
b. Masculino						
	2. Idade					
a) Até 12 anos						
b) De 13 a 15 anos						
c) De 16 a 17 anos						
d) A partir de 18 anos						
	3. Qual dispositivo tecnológico você usa diariamente com maior frequência?					
a) Um computador (ou laptop) na escola						
b) Um computador (ou laptop) em casa						
c) Um tablet ou e-reader na escola						
c) Um tablet ou e-reader em casa						
d) Celular						
e) Nenhum dos anteriores						
II.	<b>Perfil do leitor</b>					
	A. Autopercepção					
	1. Qual é o seu grau de compreensão de um texto (sendo 1 muito fácil e 5 muito difícil)?					
a) 1 - Muito Fácil						
b) 2 - Fácil						

<sup>20</sup> CERLALC, 2014.

c) 3 - Intermediário						
d) 4 - Difícil						
e) 5 - Muito Difícil						
2. Em relação a um ano atrás, você considera que...?						
a) Lê mais						
b) Lê igual						
c) Lê menos						
d) Não sabe/não responde						
3. Marque o seu nível de interesse de acordo com a leitura que realiza por prazer ou por necessidade...						
			Leitura por Prazer		Leitura de necessidade	
a) Muito						
b) Bastante						
c) Pouco						
d) Nada						
4. Para que você acha que lhe serve a leitura?						
a) Para aprender						
b) Para se divertir						
c) Para melhorar nos estudos						
d) Por cultura geral						
e) Para nada						
f) Outra. Qual?						
5. Avalie de 1 a 4. Você está de acordo ou em desacordo em relação às seguintes afirmativas? (1 se estiver completamente em desacordo e 4 se estiver completamente de acordo)						
			1	2	3	4
						Não sabe/ não responde
a) Só leio se preciso						

b) Ler para mim significa perder tempo						
c) Ler é um dos meus passatempos favoritos						
d) Gosto de falar com outras pessoas sobre o que leio						
e) Fico contente de receber um livro de presente						
f) Gosto de visitar livrarias e banca de revistas						
g) Gosto de visitar bibliotecas						
h) Gosto de trocar livros e revistas com os meus amigos						
i) É difícil para mim terminar de ler um livro						
j) É difícil para mim ler na tela						
k) Não posso permanecer lendo por mais de alguns minutos						
l) Gosto de ler na tela						
6. Em relação às pessoas que o rodeiam e ao material de leitura, você considera que:						
		Família		Amigos		Colegas
a) Leem mais						
b) Leem menos						
7. Em que idiomas você lê?						
a) Espanhol						
b) Português						
c) Inglês						
d) Francês						
e) Italiano						
f) Alemão						
g) Japonês						

h) Outro. Qual? _____						
<b>8. Em que idioma você prefere ler?</b>						
a) Espanhol						
b) Português						
c) Inglês						
d) Francês						
e) Italiano						
f) Alemão						
g) Japonês						
h) Outro. Qual? _____						
<b>9. A que você dedica o tempo que antes dedicava à leitura?</b>						
a) A estudar						
b) A navegar pela internet						
c) A praticar esporte						
d) Ao cinema						
e) Ao teatro						
f) A ver mais televisão						
g) A estar mais com a família						
h) A estar mais com os amigos						
i) A outra atividade. Qual? _____						
<b>B. Hábitos leitores, motivos e dificuldades para ler</b>						
<b>1. Quais são as principais razões para você ler e com que frequência você faz isso?</b>						
	Diariamente	1 vez por semana	Mais de 1 vez por semana	1 vez por trimestre	Nunca	

a) Por razões de estudo						
b) Para se informar						
c) Por lazer e/ou prazer						
d) Por cultura geral						
e) Por imposição da escola						
f) Outra. Qual? _____						
g) Não sabe/ não responde						
<b>2. Que material e em quais dos seguintes lugares você costuma ler?</b>						
		Livros	Revistas	Jornais		
a) Em casa						
b) Na sala de aula (classe)						
c) Em livrarias						
d) Na biblioteca						
e) Ao ar livre						
f) Nos consultórios/salões de beleza						
g) Em trânsito						
h) Em outros lugares. Quais? _____						
<b>3. Quais das seguintes limitações ou dificuldades você tem para ler?</b>						
a) Lê muito devagar						
b) Não compreende tudo que lê						
c) Não tem concentração suficiente para ler						
d) Não tem paciência para ler						
e) Dificuldades físicas						
f) Outra. Qual? _____						
g) Nenhuma						



#### 4. Quais são as principais razões para você não ler ou não ler com maior frequência?

a) Porque você não gosta de ler						
b) Por falta de tempo						
c) Porque você prefere outras atividades						
d) Porque tem preguiça						
e) Porque não sabe o que ler						
f) Porque não tem um lugar apropriado pra ler						
g) Por limitações para ler						
h) Outra. Qual? _____						

#### C. Leitura durante a infância e práticas com as crianças

##### 1. Durante a sua infância, quem lia para você e com que frequência fazia isso?

	Diariamente	1 vez por semana	Mais de 1 vez por semana	Uma vez por trimestre	Nunca	
a) Você lia sozinho						
b) O seu pai lia para você						
c) A sua mãe lia para você						
d) Outros familiares liam para você						
e) Os seus professores liam para você						

##### 2. Que pessoas influenciaram para você ler?

a) Os seus pais						
b) Outros familiares						
c) Os seus professores						
d) Os seus amigos						
e) As bibliotecárias						
f) Por iniciativa própria						

g) Outros. Quem? _____						
h) Ninguém						
i) Não sabe/ Não responde						
<b>3. Depois que você aprendeu a ler, os seus pais ou familiares lhe deram livros, revistas em quadrinhos e/ou outras revistas?</b>						
a) Muitas vezes						
b) Poucas vezes						
c) Nunca						
<b>D. Cenários transmidiáticos</b>						
<b>1. Você poderia dizer se realiza estas ações e com que frequência?</b>						
	Diariamente	1 vez por semana	Mais de 1 vez por semana	Uma vez por trimestre	Nunca	
a) Lê com a televisão ligada						
b) Lê escutando música						
c) Lê, enquanto navega nas redes sociais						
d) Lê em silêncio						
e) Lê em voz alta						
f) Lê e toma notas ou sublinha						
g) Atende as ligações enquanto lê						
h) Utiliza o chat/messenger enquanto lê						
<b>2. Enquanto lê, você realiza alguma atividade participativa na Internet vinculada com o que lê, com o tema ou com o autor?</b>						
			Livros	Revistas	Periódicos (Artigos Científicos)	
a) Realiza comentários nas redes sociais						

b) Escreve no seu blog						
c) Participa da elaboração de histórias paralelas ( <i>fanfiction</i> )						
d) Comenta no blog do autor ou da editora						
e) Escreve correios eletrônicos aos seus contatos						
f) Escreve correios eletrônicos para o autor ou para a editora						
g) Consulta sobre o tema, autor ou editora nas comunidades das redes sociais						
III - Perfil do leitor de livros						
<b>1. Com que frequência você lê livros impressos?</b>						
a) Diariamente						
b) Alguma vez durante a semana						
c) Alguma vez por mês						
d) Alguma vez no trimestre						
e) Alguma vez por ano						
f) Nunca						
<b>2. Que tipo de livros você lê e em qual formato?</b>						
	Impresso		Digital			
a) Livros infantis						
b) Livros juvenis						
c) Textos educativos						
d) Enciclopédias e dicionários						
e) Científicos/técnicos/profissionais						
f) História, política e sociais						
g) Operacionais						

h) Literatura						
i) Religião						
j) Superação pessoal/autoajuda						
k) Culinária						
l) Outro						
<b>3. O que te motiva a escolher um livro?</b>						
a) O tema						
b) O título						
c) O autor						
d) Por recomendação de um amigo ou familiar						
e) Por motivos educacionais						
f) Por motivos de trabalho						
g) Por comentários e/ou anúncios em imprensa, rádio ou televisão						
h) Por recomendações em sites especializados/redes sociais						
<b>4. Os livros que você lê são?</b>						
a) Comprados						
b) Presentes						
c) Emprestados da biblioteca						
d) Emprestados por familiares e/ou amigos						
e) Baixados da internet no computador						
f) Baixados da internet em dispositivos digitais (tablets, e-readers, celulares, etc.)						
<b>5. Com que frequência você...?</b>						
		Sempre	Às vezes	Nunca		
a) Começa a leitura de um livro e não termina						

b) Lê mais de um livro ao mesmo tempo						
c) Lê o mesmo livro mais de uma vez						
d) Lê somente algumas partes do livro						
e) Lê um livro inteiro de cada vez						
f) Vai até o final do livro inclusive quando não gostou dele						
g) Outro. Qual? _____						
<b>6. Quais são as três principais razões para você se conectar à Internet?</b>						
a) Ler livros online						
b) Ler jornais ou revistas						
c) Buscar informação						
d) Estudar						
e) Usar as redes sociais						
f) Jogar						
g) Escutar música						
h) Assistir vídeos						
i) Fazer compras						
j) Outra. Qual? _____						
<b>IV - Uso de bibliotecas</b>						
<b>1. Quais são os motivos para você usar uma biblioteca?</b>						
a) Procurar uma informação						
b) Estudar sozinho						
c) Estudar em grupo						
d) Ler						
e) Participar de alguma atividade promovida pela biblioteca						

f) Para utilizar os computadores						
g) Para assistir aulas*						
h) Outra. Qual? _____						
<b>2. Com que frequência você visita a biblioteca da sua escola?</b>						
a) Diariamente						
b) Uma vez por semana						
c) De vez em quando						
d) Raramente						
e) Somente quando sou obrigado						
f) Nunca						
<b>3. Quais são as principais razões para você não usar uma biblioteca?</b>						
a) Não tem tempo						
b) Não gosta de ler						
c) Não gosta de bibliotecas						
d) Não encontra material de leitura que lhe interessa						
e) Localização da mesma						
f) Prefere acessar material de leitura por outros meios						
g) Não oferece um bom serviço ou não tem boas instalações						
h) Outra. Qual? _____						
<b>V - Atividades de mediação</b>						
<b>1. Para você, um verdadeiro leitor é aquele que lê... (marque quantos quiser)</b>						
a) Clássicos da Literatura						
b) Teen Fiction						
c) Ficção Contemporânea						
d) Revistas						

e) Histórias em Quadrinhos						
f) Livros didáticos						
g) Jornais						
h) <i>Fanfiction</i>						
<b>2. Para você, só é considerado um leitor, quem... (marque quantos quiser)</b>						
a) Lê rápido						
b) Lê em mais de um idioma						
c) Não abandona um livro pela metade						
d) Gosta de ler clássicos						
e) Não lê livros que estão fazendo sucesso						
f) Outro. _____						
<b>3. O que te faz se interessar por um livro? (marque quantos quiser)</b>						
a) O gênero						
b) O tamanho do livro						
c) Se já saiu o filme do mesmo livro						
d) Se alguém indicou pra você						
e) Se você o vê em destaque nas prateleiras						
f) Se há alguma atividade de <i>Library Week</i> (ou evento relacionado) que aborda o livro						
g) Outro. O que? _____						